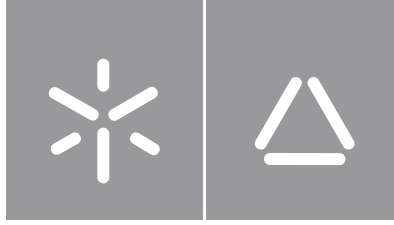


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Carla Sofia Celeiro Rouceiro

**Perceção dos residentes face ao turismo no
município de Arcos de Valdevez**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Carla Sofia Celeiro Rouceiro

**Perceção dos residentes face ao turismo no
município de Arcos de Valdevez**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Geografia
Especialização em Planeamento e Gestão do Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Paula Cristina Almeida Cadima
Remoaldo**

Direitos de Autor e Condições de Utilização do Trabalho por Terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Concluindo mais uma etapa, não posso deixar de agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora a Professora Doutora Paula Cristina Almeida Cadima Remoaldo, pela orientação atenta, pelo conhecimento transmitido, pela disponibilidade, e pelo otimismo que sempre me transmitiu.

Também gostaria de agradecer à Doutora Elaine Scalabrini pela generosidade de me ter passado alguns dos seus conhecimentos estatísticos.

Não posso esquecer também os 214 residentes de Arcos de Valdevez que dispensaram alguns minutos do seu tempo a responder ao questionário, assim como aos amigos que me ajudaram na divulgação do mesmo.

Ao meu namorado Bruno, pelo constante apoio e compreensão ao longo destes anos.

Aos meus amigos, que me acompanharam nesta etapa e que fizeram com que tudo tivesse mais graça.

E por último, à minha família, pelo apoio e pelas condições que me proporcionaram, o que tornou mais fácil a conclusão desta etapa.

A todos, o meu muito obrigada.

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Resumo

Perceção dos residentes face ao turismo no município de Arcos de Valdevez

O turismo tem crescido de forma quase contínua nas últimas décadas, foi interrompido com o surgimento do vírus SARS-CoV-2. Ainda assim acreditamos que a atividade poderá, nos próximos anos reerguer-se e encontrar novas soluções atrativas para os potenciais turistas. Não obstante, urge o desenvolvimento de um turismo sustentável e que inclua todos os *stakeholders*, estando entre eles os residentes. Em Portugal a auscultação dos residentes e a sua inclusão nas políticas públicas ligadas ao turismo ainda não é uma realidade. Todavia, é cada vez mais importante aferir a sua perceção em relação a esta atividade, visto que são uma parte fundamental no destino turístico.

O turismo no município de Arcos de Valdevez tem vindo a ganhar cada vez mais destaque, não existindo estudos sobre a perceção dos seus residentes. Sendo assim, considerámos pertinente realizar um estudo que permita entender as perceções dos residentes em relação ao turismo. É importante compreender qual é a visão dos habitantes no que diz respeito aos impactes positivos e negativos da atividade sendo este o objetivo principal do presente estudo.

De modo a conseguirmos responder a este objetivo, foram realizados 214 inquéritos por questionário aos residentes do município selecionado, constituindo a principal fonte primária usada.

Os principais resultados demonstraram que os residentes de Arcos de Valdevez percebem os benefícios que a atividade acarreta para o município principalmente a nível económico. Em contrapartida revelaram algumas preocupações com o desenvolvimento do turismo em relação ao ambiente. Esta preocupação surge pelo facto de o turismo predominante no município ser o turismo rural e o turismo de natureza. Por último, importa destacar os resultados obtidos resultantes da análise de *cluster*, onde conseguimos distinguir três perfis diferentes relacionados com o turismo no município: os céticos, os otimistas (que representou 71% dos inquiridos) e os indiferentes indo de encontro aos resultados encontrados noutros estudos.

Esperamos que este estudo possa servir de auxílio no planeamento e gestão do município podendo ser útil para administradores públicos e privados.

Palavras-chave: perceção dos residentes; impactes do turismo; turismo sustentável; Arcos de Valdevez.

Abstract

Perception of the residents regarding tourism in the municipality of Arcos de Valdevez

Tourism has been steadily growing for the last decades, now halted by the circumstances of the SARS-CoV-2 pandemic. We still believe that in the coming years, tourism activity can rise again and find new attractive solutions for potential tourists. Nevertheless, development of sustainable tourism that includes all stakeholders, among them the residents, is paramount. In Portugal, resident's opinion is not evaluated and their inclusion in public policies related to tourism is not yet a reality. However, it is increasingly important to assess their perception regarding these activities, as they are a key part of the tourist destination.

Tourism in the municipality of Arcos de Valdevez has been gaining prominence, and there are no studies on the perception of the residents. Therefore, we considered appropriate to carry out a study that allows us to understand the perceptions of the residents in relation to tourism. It is important to understand what views the inhabitants hold regarding the positive and negative impacts of the activity, being this the main objective of the present study.

In order to meet this objective, 214 surveys were conducted, using questionnaires targeting residents of the selected municipality, which constituted the main source used.

The main results showed that the residents of Arcos de Valdevez perceive the benefits that the activity brings to the municipality, mainly at the economic level. On the other hand, the residents revealed concerns about the development of tourism regarding environmental impact. This concern arises from the fact that the predominant tourism in the municipality is rural tourism and nature tourism. Finally, it is important to highlight the results obtained from cluster analysis, where we were able to distinguish three different profiles related to tourism in the municipality: skeptics, optimists (which represented 71% of respondents) and indifferent ones, similar to the results found in other studies.

We hope that this study can aid the planning and management of the municipality and be useful for public and private administrators.

Keywords: perception of residents; impacts of tourism; sustainable tourism; Arcos de Valdevez.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice de Figuras.....	ix
Índice de Quadros.....	xi
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos.....	xiii
Introdução.....	15
PARTE I- DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E IMPACTES RELACIONADOS COM A ATIVIDADE TURÍSTICA... 20	
1. Definição de conceitos relacionados com a atividade turística e os seus impactes.....	21
1.1 Evolução histórica do turismo e do conceito de turismo.....	21
1.2 Conceito de turismo sustentável.....	24
1.3 Impactes da atividade turística.....	27
1.3.1 Impactes económicos.....	27
1.3.2 Impactes socioculturais.....	29
1.3.3 Impactes ambientais.....	31
1.4 Síntese.....	33
2. As perceções dos residentes relativamente ao turismo.....	35
2.1 Conceito de perceção e de atitude.....	35
2.2 Estudos da perceção dos residentes face ao turismo.....	37
2.3 Modelos para análise de perceção de residentes.....	41
2.4 Síntese.....	45
PARTE II – PERCEÇÃO DOS RESIDENTES A RESPEITO DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO DE ARCOS DE VALDEVEZ.....	47
3. Metodologia de investigação.....	48
3.1 Fontes primárias.....	48
3.2 Fontes Secundárias.....	52
3.3 Síntese.....	52
4. Caraterização sociodemográfica e do turismo no município de Arcos de Valdevez.....	54
4.1 Caraterização sociodemográfica e económica do município de Arcos de Valdevez.....	54

4.1.1	Aspetos da evolução da população.....	54
4.1.2	A formação e o nível de instrução da população.....	68
4.1.3	Estrutura Económica do município de Arcos de Valdevez.....	71
4.2	Oferta Turística.....	76
4.3	Procura turística.....	81
4.4	Síntese.....	84
5.	Perceção dos residentes de Arcos de Valdevez relativamente à atividade turística	86
5.1	Perfil sociodemográfico dos inquiridos	86
5.2	Nível de contacto com a atividade turística e entendimento sobre a atividade	90
5.3	Impactes do turismo	98
5.3.1	Análise de <i>cluster</i> não hierárquico.....	110
5.4	Perceção sobre a realidade atual do turismo em Arcos de Valdevez	116
5.5	Síntese.....	120
6.	Considerações finais	122
6.1	Principais ilações	122
6.2	Limitações e sugestões para futuras investigações.....	124
6.3	Recomendações futuras para a prática	125
	Bibliografia	127
	Anexos	135

Índice de Figuras

Figura 1- Modelo Irridex de Doxey	42
Figura 2- Ciclo de vida do destino turístico na perspetiva de Richard Butler	43
Figura 3- Modelo da Social Exchange Theory.....	44
Figura 4- Tipo de fontes utilizadas na investigação.....	48
Figura 5- Localização do município de Arcos de Valdevez na NUTS II Norte, na NUTS III Alto Minho e relativamente aos municípios vizinhos.....	55
Figura 6- Tipologia das freguesias do município de Arcos de Valdevez	56
Figura 7- Taxa de variação da população (%), por município, na região Norte entre 1991 e 2011 e entre 2011 e 2019.....	57
Figura 8- Evolução da densidade populacional, por município, na região Norte em 1991 e 2011	59
Figura 9- Taxa de variação da população, por freguesia, no município de Arcos de Valdevez, entre 1991 e 2011	62
Figura 10- Densidade populacional, por freguesia, no município de Arcos de Valdevez no ano de 1991 e 2011.....	63
Figura 11 - Percentagem de idosos, por município, na região Norte em 2011.....	64
Figura 12- Estrutura etária em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e em Arcos de Valdevez no ano de 1991 e de 2011	65
Figura 13- Taxa de analfabetismo, por município, na região Norte em 2011	69
Figura 14- Taxa de analfabetismo (%) em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios, em 1991 e em 2011	69
Figura 15- Taxa de atividade (%), por município, na região Norte em 2011	71
Figura 16- População empregada na CAE Alojamento, Restauração e Similares (%) nos municípios da NUTS II Norte, em 2011.....	74
Figura 17- População empregada na CAE Alojamento, Restauração e Similares (%), em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III) e nos seus municípios em 2011	74
Figura 18- Taxa de desemprego (%), por município, na região Norte em 2011	75
Figura 19- Taxa de desemprego (%), em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Minho-Lima (NUTS III) e nos seus municípios, em 1991 e 2011	76
Figura 20- Estada média (nº de noites) na NUTS II Norte, na NUTS III Alto Minho e em Arcos de Valdevez entre 2014 e 2019.....	82

Figura 21- Número de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico em Arcos de Valdevez entre 2014 e 2019.....	83
Figura 22- Visitantes, por mês, no município de Arcos de Valdevez em 2018.....	84

Índice de Quadros

Quadro 1- Principais impactes positivos e negativos do foro económico, sociocultural e ambiental do turismo	34
Quadro 2- Estrutura do questionário utilizado	50
Quadro 3- População residente, taxa de variação e densidade populacional, em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III) e nos seus municípios em 1991 e em 2011	60
Quadro 4- População residente segundo os grupos etários em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios em 2011	66
Quadro 5- Índices de Dependência dos Idosos, dos Jovens e Total, em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios em 2011	67
Quadro 6- População residente segundo o nível de escolaridade (%), em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios, em 1991 e em 2011	70
Quadro 7- População ativa (nº), taxa de variação (%) e de atividade (%), em Portugal, no continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios, em 1991 e em 2011	72
Quadro 8- População empregada (%) nos três setores de atividade, em Portugal, no continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios em 2011	73
Quadro 9- Património classificado, segundo a categoria e o tipo de proteção, para a NUTS II do Norte em 2015, NUTS III do Alto Minho e Arcos de Valdevez em 2020	77
Quadro 10- Património classificado, segundo a categoria, para a NUTS III Alto Minho e os municípios integrantes em 2020	79
Quadro 11- Número de estabelecimentos e Capacidade de Alojamento (nº), em Portugal, no Continente, na NUTS II Norte, NUTS III Minho e em Arcos de Valdevez no ano de 2018	80
Quadro 12- Tempo e distância em Km de Arcos de Valdevez a algumas às cidades e vilas mais próximas	81
Quadro 13- Hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico em Arcos de Valdevez segundo o continente de residência habitual em 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018	82
Quadro 14- Caracterização sociodemográfica dos inquiridos	87
Quadro 15- Número de inquiridos por freguesia de residência	89
Quadro 16- Número de inquiridos por freguesia segundo a classificação da TIPAU 2014	89
Quadro 17- Nível de contacto entre residentes e turistas	91
Quadro 18- Encontro com turistas no tempo livre	94
Quadro 19- Alteração de hábitos para evitar turistas	95

Quadro 20- Locais onde gosta de ver turistas	96
Quadro 21- Locais onde preferia não encontrar turistas.....	97
Quadro 22- Tipo de turista ou visitante que lhe desagrade.....	98
Quadro 23- Perceção geral dos residentes sobre o turismo	100
Quadro 24- Perceções dos residentes de Arcos de Valdevez sobre os impactes económicos, socioculturais e ambientais	101
Quadro 25- Ranking das médias dos impactes positivos e negativos.....	104
Quadro 26- Média e desvio-padrão dos três grupos de impactes.....	105
Quadro 27- Perceção dos impactes económicos segundo o género, o grupo etário, o nível de escolaridade, a ligação ao turismo e a classificação segundo a TIPAU	107
Quadro 28- Perceção dos impactes socioculturais segundo o género, o grupo etário, o nível de escolaridade, a ligação ao turismo e a classificação segundo a TIPAU	108
Quadro 29- Perceção dos impactes ambientais segundo o género, o grupo etário, o nível de escolaridade, a ligação ao turismo e a classificação segundo a TIPAU	109
Quadro 30- Distribuição da amostra em cada cluster	110
Quadro 31- Perfil sociodemográfico dos clusters	112
Quadro 32- Média das afirmações e percentagem de concordância em cada afirmação por cluster	113
Quadro 33- Perfil sociodemográfico dos três clusters de residentes	116
Quadro 34- Perceção a respeito da atual situação do turismo no município	117
Quadro 35- Opinião referente ao número atual de visitantes em Arcos de Valdevez.....	118
Quadro 36- Opinião referente ao futuro do turismo em Arcos de Valdevez	119
Quadro 37- Preocupação em relação a algum aspeto do turismo	120
Quadro 38- Proposta de plano de ação para o turismo de Arcos de Valdevez	126

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

AMU- Áreas Mediamente Urbanas

ANOVA- Análise de Variância

APR - Áreas Predominantemente Rurais

APU - Áreas Predominantemente Urbanas

ATR- Annals of Tourism Research

CAE - Classificação de Atividades Económicas

CAOP- Carta Administrativa Oficial de Portugal

CCDR- Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional

CCDR-n- Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional do Norte

CIM- Conjunto de Interesse Municipal

CIP- Conjunto de Interesse Público

DREM- Direção Regional de Estatística da Madeira

EUA- Estados Unidos da América

IIP- Imóvel de Interesse Público

IM- Interesse Municipal

INE- Instituto Nacional de Estatística

ISTAC - Instituto Estatístico das Canárias

ITI - Index for Tourism Impacts

JOST- Journal of Sustainable Tourism

JTR- Journal of Travel Research

MIM- Monumento de Interesse Municipal

MIP- Monumento de Interesse Público

MN- Monumento Nacional

NUTS- Nomenclatura de Unidades Territoriais

OMT- Organização Mundial do Turismo

p- Probabilidade de significância

PNPG- Parque Nacional da Peneda-Gerês

SET- Social Exchange Theory

SIG- Sistema de Informação Geográfica

SIP- Sítio de Interesse Público

SREA -Serviço Regional de Estatística dos Açores

TIAS - Tourism Impact Attitude Scale

TIPAU - Tipologia de Áreas Urbanas

TM - Tourism Management

EU - União Europeia

UNWTO - World Tourism Organization

WTTC - World Travel & Tourism Council

Introdução

Nas últimas décadas a definição de turismo tem vindo a sofrer algumas alterações. Inicialmente o conceito era muito restritivo, só tinha em vista as relações internacionais, os investigadores pretendiam encontrar um conceito para fins estatísticos. Ao longo das décadas, com o aumento das viagens a todos os países e estratos sociais, o conceito foi-se adaptando, os autores começaram a procurar um conceito que compreendesse o turismo como uma atividade económica complexa (Cunha, 2010).

Em 2010, a Organização Mundial de Turismo definiu turismo como um fenómeno social, cultural e económico que implica a deslocação de pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente habitual para fins pessoais ou de negócios/profissional (OMT, 2010).

O turismo surge atualmente como uma das atividades económicas mais importantes, revelando uma dimensão internacional. Tem-se afigurado como uma das atividades mais importantes a nível mundial, confirmada pelo número crescente de destinos em todo o mundo que têm vindo a investir na mesma, nas últimas seis décadas, tornando-a numa grande impulsionadora do progresso socioeconómico de muitos países, regiões e lugares. Tal acontece por via da criação de empregos e de empresas, receitas de exportação e desenvolvimento de infraestruturas, protagonizando uma expansão e diversificação contínuas e assumindo-se como um dos setores económicos do mundo com maior crescimento (OMT, 2016).

Em 2018 as chegadas de turistas internacionais cresceram 5%, atingindo os 1,4 mil milhões de turistas. Esta meta foi atingida dois anos antes do previsto pela OMT. Ao mesmo tempo, os ganhos de exportação gerados pelo turismo aumentaram para 1,7 mil milhões de dólares. Isso faz deste setor uma verdadeira força global para o crescimento e desenvolvimento económico. Pelo sétimo ano consecutivo, em 2018, as exportações de turismo cresceram mais rapidamente do que as de mercadorias, reduzindo os défices comerciais em muitos países (OMT, 2019).

Em Portugal o turismo tem revelado ser um dos motores do desenvolvimento social, económico e ambiental quer a nível regional quer nacional (Governo de Portugal, 2012). Os resultados obtidos em 2016 confirmam o turismo como a maior atividade exportadora de Portugal, fruto de um trabalho articulado e de um investimento forte efetuado pelos setores privado e público (Ministério da Economia e Turismo de Portugal, 2017). O relatório do World Travel & Tourism Council (WTTC) refere que o turismo cresceu 8,1% em 2018 em Portugal, obtendo a mais elevada percentagem de crescimento entre os países da União Europeia (UE) e também uma das mais elevadas entre todos os países europeus. A OMT

(2019) confirma este crescimento e destaca Portugal como sendo um dos quatro países do Mediterrâneo com maior crescimento no setor no último ano.

O turismo beneficia o desenvolvimento das regiões e de inúmeros lugares. No entanto, é importante ter em conta a identidade dos mesmos e a sua preservação. Para que tal aconteça é essencial avaliar os seus impactes e impor limites ao seu desenvolvimento, pois só desta forma se consegue um turismo sustentável. Esta preocupação pelo turismo sustentável surgiu devido aos graves problemas resultantes da massificação do turismo que tem acontecido em muitos lugares. O turismo é um setor de grande transversalidade, por este motivo, para existir um desenvolvimento sustentável na atividade é necessário uma abordagem multidisciplinar. As estratégias e os projetos de desenvolvimento devem abarcar várias dimensões com destaque para as económicas, as sociais e as culturais (Rodrigues *et al.*, 2014).

Assim, importa ter presente o envolvimento e a opinião dos residentes, pois são eles que contactam mais diretamente nos destinos com os turistas.

Ao longo das últimas décadas foram vários os estudos feitos acerca das atitudes e perceções dos residentes face ao turismo, assim como, relativos ao envolvimento e participação da comunidade local no desenvolvimento da atividade (Moniz, 2006). Os estudos sobre as perceções dos residentes começaram a ser realizados nos anos de 1970 (Remoaldo & Cadima Ribeiro, 2017). No entanto, ganharam um novo impulso em 1990 (Cordero, 2008).

Em Portugal foi principalmente na última década que foram realizados alguns estudos referentes à perceção dos residentes face ao turismo (Rodrigues *et al.*, 2014), mas ainda são poucos e direcionados para municípios de características mais rurais.

Tendo por base estes pressupostos, o presente estudo tem como objetivo principal aferir a perceção dos residentes face ao turismo em Arcos de Valdevez. Trata-se de um estudo inovador, na medida em que nunca foi realizada uma investigação que procurasse entender a perceção dos residentes de Arcos de Valdevez face ao turismo. Este foi, sem dúvida, o principal motivo da concretização deste estudo. A escolha do município, para além da razão apresentada anteriormente, deveu-se também ao facto de ser o meu município de residência, desejando dar um contributo para o bom funcionamento do turismo em Arcos de Valdevez, isto é, que tenha em conta todas as partes envolvidas, tornando-se um turismo sustentável.

Foram consideradas duas questões de partida para a investigação realizada:

1. Quais são as perceções dos residentes face ao turismo em Arcos de Valdevez?
2. Que impactes percecionam os residentes relativamente à atividade turística?

Tendo por base estas questões de partida foram delimitados três objetivos:

1. Aferir o tipo de participação dos residentes de Arcos de Valdevez na atividade turística;
2. Aferir a perceção dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo e em relação aos impactes positivos e negativos provocados por esta atividade;
3. Propor um plano de ação a curto prazo para a resolução de problemas que venham a ser identificados.

Para se alcançarem os objetivos delineados foram utilizados dois tipos de fontes, nomeadamente: fontes primárias e fontes secundárias. Na primeira parte do estudo foram utilizadas fontes secundárias, para sustentar a parte teórica da investigação, sendo utilizada bibliografia de diferentes autores tanto nacionais como internacionais publicadas em artigos científicos, estudos académicos e publicações estatísticas. Quanto às fontes primárias, foi realizado um vasto trabalho de campo que permitiu perceber as dinâmicas do município e deste modo conhecer melhor o território. Paralelamente, foram aplicados inquéritos por questionário aos residentes de Arcos de Valdevez permitindo perceber qual é a perceção destes face ao turismo no município.

Para a elaboração da cartografia, que serviu de suporte à análise realizada de alguns dados, foi utilizado um Sistema de Informação Geográfica (SIG), nomeadamente o Programa ArcGis 10.6, assim como, o Programa SPSS para o tratamento e a análise dos dados obtidos através da aplicação dos inquéritos.

O presente estudo está organizado em duas partes: uma primeira parte de cariz teórico e uma segunda parte de cariz mais prático. A primeira parte que se denomina por "Abordagens teóricas a respeito da atividade turística", assenta numa revisão bibliográfica que permite sustentar o estudo, e encontra-se dividida em dois capítulos que apresentam alguns conceitos relacionados com o tema. O primeiro capítulo é intitulado de "Definição de conceitos relacionados com a atividade turística e os seus impactes", começamos por definir o conceito de turismo e apresentar a evolução da sua definição. Seguidamente abordamos o turismo sustentável, e os diferentes impactes, (económicos, socioculturais e ambientais), provocados pela atividade turística. Por último, assim como em todos os capítulos desta dissertação, é feita uma síntese de todo o capítulo.

No segundo capítulo, designado por "As perceções dos residentes relativamente ao turismo", iniciamos o capítulo com o conceito de perceção e de atitude, onde são destacadas as suas diferenças. De seguida, são abordados os principais estudos existentes à escala internacional relacionados com as perceções dos residentes assim como os modelos para análise de perceção de residentes.

A segunda parte do estudo intitulada de "Perceção dos residentes a respeito da atividade turística no município de Arcos de Valdevez" encontra-se dividida em quatro capítulos. Inicia-se com o terceiro

capítulo, intitulado “Metodologia de investigação”, que se centra na metodologia utilizada na investigação, descrevendo de forma pormenorizada o caminho que optámos por seguir para responder às questões de partida e aos objetivos delineados. Seguidamente, no quarto capítulo da dissertação é feita a caracterização sociodemográfica e do turismo no município de Arcos de Valdevez e optou-se por intitular como “Caraterização sociodemográfica e do turismo no município de Arcos de Valdevez”.

Nos últimos dois capítulos intitulados, respetivamente como “Perceção dos residentes de Arcos de Valdevez relativamente à atividade turística” e “Considerações finais” é concretizada a análise dos resultados assim como as principais conclusões e as recomendações.

O presente estudo é relevante para o município na medida em que ajuda a entender e a conhecer a perceção dos residentes face ao turismo contribuindo para o bom funcionamento do setor. Como refere Quadros (2016), para a atividade turística ser sustentável é necessário proporcionar experiências de qualidade aos turistas e ao mesmo tempo melhorar a qualidade de vida da população local. Deste modo, é de extrema importância avaliar se os residentes sentem que participam no processo de tomada de decisão quanto ao desenvolvimento do turismo na sua localidade. Tem vindo a aumentar o número de visitantes relativamente ao município de Arcos de Valdevez, tendo por base os dados divulgados no *site* da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez (https://www.cmav.pt/pages/1848?news_id=3780 - consultado a 28/10/2019). De acordo com a mesma fonte, o município registou um aumento do número de visitantes na ordem dos 29%, entre 2016 e 2017. No total, foi contabilizada a entrada de aproximadamente 105 mil pessoas na Porta do Mezio, no paço de Giela e nas duas Lojas do Turismo existentes no município.

Assim, é de extrema importância que se tenha em consideração a opinião e as expectativas dos residentes, de modo a que este setor não cresça de forma pouco estruturada e planificada como tem acontecido em inúmeros destinos à escala internacional e até nacional. Podem ser adotadas estratégias e medidas de desenvolvimento do turismo de forma sustentável, fazendo com que o município cresça economicamente e seja possível a população ter uma melhor qualidade de vida num período tão difícil como o presente.

Assim sendo, é importante divulgar os resultados que foram obtidos neste estudo pelos motivos enunciados. É pertinente que os resultados sejam divulgados junto dos autarcas, para que estes possam desenvolver um planeamento mais democrático e participado e que vá se encontro às necessidades e bem-estar das comunidades que interagem mais de perto com os turistas. Deste modo, podem criar estratégias em que estejam envolvidas o maior número possível de atores, nomeadamente os comerciantes, os turistas, e principalmente a população local, que pouco ou nada beneficia com a

atividade. Consolidadas estas três perspectivas entendemos que é meio caminho andado para o sucesso de um destino turístico tanto a curto como a médio prazo.

Importa ainda dar conhecimento às principais instituições recreativas e onde os residentes têm mais intervenção cívica e política, assim como aos comerciantes que lidam diretamente com os turistas e que necessitam de uma informação mais completa sobre a atividade turística.

**PARTE I- DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E IMPACTES RELACIONADOS
COM A ATIVIDADE TURÍSTICA**

1. Definição de conceitos relacionados com a atividade turística e os seus impactes

Este capítulo inicia-se com a evolução histórica do turismo e do seu conceito. É importante entender como o conceito foi evoluindo até chegar aos dias de hoje, assim como entender as fases pelas quais esta atividade passou. De seguida, é abordado o conceito de turismo sustentável, pois com o crescimento da atividade turística entendemos que é imprescindível praticar um turismo sustentável. Prossegue-se com uma contextualização sobre os impactes do turismo destacando os impactes económicos, socioculturais e ambientais.

Finalizámos o capítulo com uma síntese dos conceitos analisados.

1.1 Evolução histórica do turismo e do conceito de turismo

A atividade turística remonta a tempos longínquos como aos impérios da Babilónia ou o império Egípcio. Inicialmente era praticado por classes mais elitistas, que procuravam fundamentalmente atividades de lazer (Ramos & Costa, 2017). Na atualidade, o turismo difere muito pouco, em vários aspetos, das características do turismo de há dois milénios. As grandes alterações verificam-se na escala e na participação. As áreas visitadas pelos turistas cresceram em número, assim como os equipamentos, infraestruturas e instalações utilizadas, mas os princípios básicos de motivação e o comportamento permanecem muito semelhantes (Butler, 2015).

Podem ser identificados quatro períodos diferentes em termos de evolução do turismo: a Antiguidade, a Idade Média, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea. Na Antiguidade, os principais motivos que levavam as pessoas a deslocar-se para além das viagens económicas e de comércio seriam de natureza religiosa (Carvalho, 2015). Muitas destas eram feitas através do mar, destacando a importância dos portos marítimos (Holloway, 1994, citado por Ramos & Costa, 2017).

Na Idade Média o principal motivo das viagens era a religião. No século XIV já existiam guias para ajudar os peregrinos (Cunha, 2006). Esta época fica também marcada pelo início das viagens dos jovens intelectuais que procuravam formação superior nos grandes centros universitários, como Paris ou Bolonha (Carvalho, 2015).

Resumidamente, até à Idade Moderna o turismo caracterizou-se pelas viagens individuais. Realizavam-se por necessidades fundamentais como o comércio, por peregrinação religiosa, por motivos de saúde, por estudo ou por razões políticas (Cunha, 2006).

O período da Idade Moderna ficou marcado pelo aumento das peregrinações artísticas e pela diminuição das peregrinações religiosas (Carvalho, 2015). Foi neste período que nasceu o conceito de turismo. Este teve origem na palavra *tour* de origem francesa e surgiu no século XVII, correspondendo a uma viagem especial (Barretto, 2008). No reinado de Elisabeth I de Inglaterra foi dado um incentivo para que os jovens homens membros da corte fossem para o estrangeiro acabar a sua educação, com este incentivo surgiu o *Grand Tour* (Holloway, 1994, citado por Ramos & Costa, 2017). A partir da segunda metade do século XVII, as pessoas com mais posses acostumaram-se a viajar. Os jovens aristocratas, principalmente os de origem inglesa, começaram a viajar pela Europa, em longas viagens de estudo. Assim, no século XVIII, em Inglaterra, as viagens começaram a ser vistas como complementares à educação dos jovens, constituindo um movimento que deu origem ao nascimento do turismo moderno. Com o *Grand Tour* nasceu o conceito de turismo, e pela primeira vez, começaram a designar-se as pessoas que viajavam por turistas (Cunha, 2006).

A Idade Moderna ficou marcada pelo início da expansão do turismo a nível mundial, caracterizando-se pela procura de diversão, descanso e viagens culturais. Surgiram redes internacionais de caminhos-de-ferro, de barco, foram criadas as primeiras companhias aéreas e ocorreu o nascimento do automóvel e do autocarro (Cunha, 2006).

Mais tarde, já no fim do século XIX, o turismo entrou numa outra fase, devendo-se esta ao desenvolvimento da economia mundial e aos grandes desenvolvimentos tecnológicos (Carvalho, 2015). Com a revolução industrial foram muitas as mudanças que se deram a nível laboral, nomeadamente: o tempo de férias; a generalização do salário mensal; a melhoria dos meios de transporte e a melhoria dos lugares de acolhimento no destino da viagem. Estas mudanças permitiram às pessoas uma maior possibilidade de viajar. Ficando essa época marcada pela necessidade de conhecer outras culturas, locais e pessoas (Ramos & Costa, 2017).

A Idade Contemporânea fica conhecida pela riqueza produzida na Revolução Industrial e pela melhoria dos transportes que dela emergiu. Os meios de transporte foram fulcrais no desenvolvimento da atividade turística. Foi então nesta época que a atividade turística começou a ser conhecida como um importante fenómeno da sociedade (Cunha, 2006).

Apesar do conceito de turismo não gerar consenso até aos dias de hoje, as primeiras definições de turismo surgiram na transição do século XIX para o século XX (Balanza & Nadal, 2002).

A primeira definição de turismo remonta a 1911 (Santos & Cunha, 2011). O economista austríaco Herman Von Schullern zu Schrattenhofen definiu-o como “o conceito que compreende todos os processos, especialmente os económicos, que se manifestam na chegada, permanência e saída do

turista de um determinado município, país ou região” (Barretto, 1997, citado por Santos & Cunha 2011, p. 237).

No entanto, esta definição ainda é bastante incompleta. Pois dá primazia aos fatores económicos, embora não descarte fatores como os transportes ou a vida social (Cunha, 2010).

A tendência para dar prioridade a fatores económicos manteve-se durante vários anos, pois segundo Moesch (2002) entre a primeira e a segunda guerra mundial foi criado um Centro de Pesquisas Turísticas na Faculdade de Economia da Universidade de Berlim que ficou denominada de “Escola Berlinesa”, esta era composta por vários economistas europeus que se dedicaram ao estudo do turismo. Estes economistas criaram várias definições de turismo, todas tinham em consideração o fator económico, este facto devia-se tanto à sua formação como ao momento histórico que se atravessava.

Em 1942, Hunziker & Krapf, sugeriram uma nova definição de turismo. Segundo os autores, o turismo devia ser considerado como o conjunto de relações e de fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas, fora do seu local de residência, desde que estas não fossem usadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária. Esta definição foi mais tarde adaptada pela *Association Internationale des Experts Cientifiques du Tourisme* (IPV, 2005 citado por Vieira, 2006).

Em 1991, na *International Conference on Travel and Tourism Statistics*, promovida pela OMT, surgiu a primeira definição de turismo da entidade, esta afirmava que o turismo compreende as atividades das pessoas que viajam e permanecem em locais fora do seu ambiente habitual, por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios ou outros fins (United Nations, 1994).

Para Cunha (2006), a definição apresentada pela OMT tem objetivos essencialmente estatísticos, não tem em conta as atrações e os recursos que provocam e justificam as deslocações que são a razão de ser dos destinos turísticos. O autor considera que a definição apresentada só tem em conta a procura turística o que a torna bastante imprecisa. O turismo é um fenómeno social que dependendo da forma como é abordado justifica a existência de diversas definições. O turismo não é encarado da mesma forma pelos residentes e pelos viajantes. Para os residentes, a atividade, ajuda a alcançar bem-estar, empregos e rendimento, para os viajantes o turismo é uma forma de libertação, de diversão e de satisfação pessoal. Este autor, em 2010, também apresentou uma definição de turismo. Cunha entende o turismo como sendo “o conjunto das atividades lícitas desenvolvidas por visitantes em razão das suas deslocações, as atrações e os meios que as originam, as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades e os fenómenos e relações resultantes de umas e de outras (Cunha, 2010, p. 19).

Tendo por base os conceitos apresentados, pode-se afirmar que o conceito de turismo é de difícil compreensão e definição. A definição varia conforme os autores, como defende Marujo (2005) o estudo dos fenómenos turísticos apresenta uma abordagem multidisciplinar. Isto porque são muitas as áreas disciplinares envolvidas, nomeadamente: a Sociologia, a Economia, a Psicologia, a História, a Antropologia e a Geografia. Na nossa perspetiva, quantas mais áreas científicas forem contempladas no conceito mais completo este será, indo assim de encontro ao ponto de vista de Marujo (2005).

Na nossa perspetiva o conceito mais completo é o de Cunha (2010), sendo mais generalista e referindo-se a todos os fenómenos que advêm do turismo. Abrange elementos indispensáveis como as relações e os diversos fenómenos existentes: económicos, culturais, políticos ou de outra natureza. Por último, engloba as atrações e os recursos de cada destino, que atraem os turistas a determinado local.

1.2 Conceito de turismo sustentável

O turismo de massas provocou em várias localidades a degradação paisagística, ambiental, social e cultural. Para colmatar estes problemas começaram a aparecer novas formas de desenvolvimento de turismo, que tentam integrar de modo harmónico as necessidades tanto dos turistas como dos residentes. Com a crescente sensibilização dos problemas ambientais os turistas começaram a procurar espaços mais sustentáveis a nível ambiental assim como lugares que permitam a integração das características sociais e culturais locais. Os espaços recetores começaram a procurar novas formas de praticar turismo que não prejudiquem o ambiente (Monjardino, 2009).

Entendemos ser importante abordar o conceito de turismo sustentável para percebermos o que é o turismo sustentável e o que levou à existência deste. Defendemos que a prática do turismo sustentável é a única forma de a longo prazo a atividade continuar a ser viável para a região recetora. Se o turismo conseguir atender de modo harmónico as necessidades de ambos os lados os residentes podem ter perceções e atitudes mais positivas face à atividade.

Contudo, antes de definirmos o conceito de turismo sustentável, é essencial compreendermos o que é o desenvolvimento sustentável e como surgiu.

Segundo Moniz (2006), a expressão “desenvolvimento sustentável” só começou a ser utilizada, na década de 80 do século XX. Contudo as primeiras experiências de planeamento das cidades e vilas construídas pelos Romanos já tinham subjacentes as ideias do desenvolvimento sustentável.

Existem registos que comprovam que já nos séculos XVIII e XIX na Grã-Bretanha e na Alemanha eram realizadas algumas ações em prol do meio ambiente (Melo & Martins, 2007 citados por Silva, 2018).

Os primeiros estudos científicos realizados acerca dos desequilíbrios causados na terra devido ao avanço da industrialização surgiram na década de 70 do século passado. Dois anos mais tarde, em 1972, de modo a avaliar estes problemas realizou-se em Estocolmo a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, que ficou conhecida como a Conferência de Estocolmo e que se focou na preservação ambiental (*e.g.*, Froehlich, 2014; Quadros, 2016).

Em 1987, na Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento aquando da publicação do relatório “O Nosso Futuro Comum”, conhecido por Relatório de Brundtland, em homenagem à presidente da comissão, Gro Harlem Brundtland, com o agravamento dos problemas ambientais, o conceito de sustentabilidade passou a ganhar destaque (*e.g.*, Santos, 2011, Froehlich, 2014; Quadros, 2016; laquinto, 2018). Surge então o conceito de desenvolvimento sustentável, que ficou definido como sendo o processo que deve satisfazer as necessidades das gerações presentes não comprometendo a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades (Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991).

Devido à complexidade da definição de desenvolvimento sustentável, é necessário dividir o conceito em vertentes diferentes. A OMT divide o desenvolvimento sustentável em três princípios básicos: a sustentabilidade ecológica, a económica, e a social e cultural.

A sustentabilidade ecológica assegura que o desenvolvimento é compatível com a manutenção dos processos biológicos essenciais, a biodiversidade e os recursos biológicos.

A sustentabilidade económica assegura que o desenvolvimento seja economicamente eficiente e os recursos sejam geridos de forma a permitir a sua utilização pelas gerações futuras. A sustentabilidade social e cultural garante que o desenvolvimento permite à população um maior controlo sobre o seu estilo de vida, que seja compatível com a cultura e os valores locais e que mantenha e reforce a identidade cultural” (OMT, 1993 citado por Moniz, 2006).

Mais tarde, em 1992, realizou-se, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida por Cimeira da Terra, Conferência do Planeta, Cimeira do Rio, Rio 92 ou Eco 92. Nesta conferência o conceito de desenvolvimento sustentável foi aprofundado e ficou definitivamente reconhecido ganhando uma maior projeção, passando a fazer parte da Agenda 21, documento que era elaborado para assegurar a sustentabilidade futura do planeta (Moniz, 2006; Santos, 2011; Froehlich, 2014; Quadros, 2016).

Também nesta conferência o turismo passou a ser visto como uma atividade economicamente poderosa e como sendo um agente importante para o desenvolvimento sustentável. Pois este tem o poder de fornecer fundos para a conservação do meio ambiente (Almeida & Abranja, 2009).

O conceito de turismo sustentável deriva do de desenvolvimento sustentável, pois é com base nos princípios de desenvolvimento sustentável que surgem os três pilares da sustentabilidade do turismo, sendo estes: eficácia económica, equidade social e sustentabilidade ambiental.

A eficácia económica implica que a atividade seja geradora de rendimento económico para a sociedade e crie empregos dignos e se possível qualificados, permitindo deste modo o aumento do bem-estar e da qualidade de vida da comunidade local em geral. A equidade social pressupõe que o turismo deve ajudar a minimizar as assimetrias sociais e económicas dentro da comunidade, deve gerar uma distribuição equitativa de custos e de benefício. Não deve beneficiar excessivamente determinados grupos sociais ou territórios específicos em detrimento de outros. Por último, a sustentabilidade ambiental implica a conservação e o respeito pelos recursos e valores naturais garantindo a sua existência futura, de modo a que as gerações futuras possam desfrutar do ambiente e a atividade continue a existir (OMT, 1998 citado por Moniz, 2006).

No final dos anos de 1980, houve um desequilíbrio dos recursos devido ao crescimento descontrolado do turismo foi então que se criou o conceito de turismo sustentável. O crescimento não planeado e mal gerido trouxe demasiados danos socioculturais e ambientais a muitos destinos turísticos. Foi nesta altura que houve uma maior consciencialização dos impactes negativos que a atividade poderia ter nas comunidades. Este facto levou ao aparecimento de preocupações com a conservação e preservação dos recursos naturais, assim como com o bem-estar e a viabilidade económica a longo prazo das comunidades surgindo assim o conceito de turismo sustentável (Rodrigues, 2012; Quadros, 2016).

Segundo a OMT (2005) o turismo sustentável pode ser definido como o turismo que tem em consideração os impactes económicos, sociais e ambientais atuais e futuros, atendendo às necessidades dos visitantes, da indústria, do meio ambiente e das comunidades de acolhimento. Esta definição tem em atenção tanto os turistas como as comunidades recetoras. O desenvolvimento do turismo sustentável requer a participação informada de todas as partes interessadas, bem como uma forte liderança política que garanta uma ampla participação e construção de consensos. Trata-se de um processo contínuo que requer uma monitorização constante dos impactes, para que possam ser introduzidas medidas preventivas e/ou medidas corretivas (OMT, 2005).

Como refere Quadros (2016), o turismo sustentável não é um novo estilo de turismo, é sim uma prática responsável que todos os tipos de turismo devem ser e que todos os setores envolvidos no turismo devem ter.

No entanto, nem todos os tipos de turismo são vistos como potenciais para se tornarem sustentáveis, os mais propícios são aqueles que têm como foco a questão ambiental (Hanna *et al.*, 2018). Contudo, para

a atividade ser sustentável é considerado um fator chave a inclusão da comunidade local nas diferentes fases do turismo (Oliveira & Fontana, 2006).

1.3 Impactes da atividade turística

Para entendermos quais os impactes positivos e negativos que o turismo provoca na comunidade local é de extrema importância estudar a percepção dos residentes em relação à atividade turística. Deste modo, é possível melhorar o planeamento e a gestão da atividade de forma a prevenir e a controlar os impactes negativos. Em qualquer estratégia de desenvolvimento turístico é fundamental incluir a comunidade (Eusébio & Carneiro 2012). Por este motivo, são diversos os autores que reconhecem a importância das percepções e atitudes dos residentes para a implementação de uma estratégia de turismo sustentável em qualquer território (*e.g.*, Coelho, 2010; Nunkoo *et al.*, 2013).

São vários os estudos desenvolvidos à escala internacional acerca das percepções e atitudes dos residentes face ao turismo. Estes estudos iniciaram-se nos anos de 1970 (*e.g.*, Pizam, 1978; Murphy, 1981; Ap & Crompton, 1993; Getz, 1993; Kuvan & Akan, 2005; Dyer *et al.*, 2007; Kitnuntaviwat & Tang, 2008; Sharma & Dyer, 2009; McDowall & Choi, 2010; Vareiro *et al.*, 2013).

A maioria dos autores concorda que os impactes do turismo observados pelas comunidades locais estão divididos em três categorias: económica, ambiental e social/ sociocultural (*e.g.* Santos, 2011; Remoaldo *et al.*, 2015; Quadros, 2016; Scalabrini, 2017). Outros autores dividem a categoria "social" em duas categorias separadas, social e cultural, fazendo um total de quatro categorias (Rezaei, 2017). Ainda há outro grupo que divide os impactes sociais em duas categorias, impactes socioeconómicos e socioculturais (Rátz & Puczko, 2002 citados por Remoaldo *et al.*, 2015). Segundo Remoaldo *et al.* (2015), alguns deles envolvem simultaneamente dimensões económicas e sociais, o que pode tornar difícil a sua separação.

Os impactes do turismo podem ser favoráveis ou desfavoráveis para a qualidade de vida da população da comunidade local. Estes vão surgindo progressivamente ao longo das diversas fases do ciclo de vida do destino, inicialmente, os impactes são praticamente impercetíveis, no entanto, com o aumento do número de turistas no destino a situação altera-se (Quadros, 2016), apesar destes não se refletirem de igual forma em todos os destinos (Santos, 2011).

1.3.1 Impactes económicos

Entende-se por impactes económicos os custos e benefícios que resultam do desenvolvimento e uso dos bens e dos serviços turísticos (Santana, 1997).

O aumento do custo de vida, o aumento ou a diminuição dos rendimentos da população, a geração de emprego, a diversificação económica assim como o aumento dos impostos são impactes económicos (Scalabrini, 2017).

Para Perez (2009), os impactes económicos manifestam-se nas alterações da estrutura económica dos destinos turísticos. O impacte económico é, dos três tipos, o mais fácil de medir.

Analisando os estudos realizados sobre perceção e impactes do turismo, podem ser considerados impactes económicos positivos e negativos. Por norma os benefícios económicos do turismo são os mais citados pelos autores, (Eusébio & Carneiro 2012), isto acontece porque os residentes tendem a considerar os impactes económicos positivos como dos mais relevantes do turismo na região (Eusebio & Carneiro, 2010).

Os primeiros estudos referentes aos impactes económicos do turismo não avaliavam a globalidade dos impactes que a atividade provocava no destino. Só mais tarde é que se realizaram estudos que tinham como objetivo quantificar os efeitos económicos do turismo (Eusébio, 2006).

São muitos os estudos que revelam que o turismo beneficia a economia local (Andriotis & Vaughan, 2003; McGehee & Andereck, 2004; Byrd *et al.*, 2009, citados por Eusébio, 2010).

Os gastos feitos pelos turistas influenciam o crescimento das Pequenas e Médias empresas, isto porque, na sua maioria, as empresas pertencem aos residentes locais e contribuem para o crescimento de postos de trabalho da comunidade. Deste modo, conclui-se que o turismo exerce uma maior influência nos países em desenvolvimento (Ardahaey, 2011; Santos, 2011; Mshenga & Richardson, 2010 citados por Lima, 2012).

Apesar de na maioria dos estudos os autores destacarem a criação de emprego (*e.g.*, Ap & Crompton, 1993; Kathleen, 2005; Monjardino, 2009; Sharma & Dyer, 2009; Eusébio & Carneiro 2010; Quadros, 2016; Rezaei, 2017), Lima (2012), refere que a falta de controlo no desenvolvimento do turismo de massas pode gerar mais emprego para os estrangeiros do que para a população local, principalmente em países em desenvolvimento. O emprego gerado, devido à natureza da atividade, é sazonal, e muitas das vezes os trabalhadores locais são pouco qualificados, o que os leva a ocupar postos de natureza operacional em vez dos postos de gestão (Harapambopoulos & Pizam, 1996, citados por Lima, 2012), assumindo-se como um impacte negativo.

Ardahaey (2011) refere que os efeitos mais diretos ocorrem nos principais setores do turismo nomeadamente no alojamento, restauração, transportes, atrações e comércio.

Depois de uma vasta pesquisa bibliográfica aferiu-se que os impactes económicos positivos mais referidos, além dos mencionados anteriormente são: a contribuição para o aumento do investimento e

para a criação de negócios; melhoria das infraestruturas existentes ou mesmo a criação de novas infraestruturas; a elevação do padrão de vida da comunidade recetora; o aumento dos rendimentos dos residentes; o aumento das receitas fiscais (Andereck *et al.*, 2005, Eusébio, 2006; Vareiro *et al.*, 2013; Eusébio & Carneiro, 2015; Remoaldo *et al.*, 2015).

Com o crescimento do turismo é necessário a construção de novos equipamentos sociais e novas infraestruturas de modo a dar resposta à procura turística como a construção de vias de comunicação, redes de saneamento básico, abastecimento de água e eletricidade, a instalação de estabelecimentos bancários e serviços públicos. Estas Infraestruturas acabam por servir a população local, e só se realizam em função do desenvolvimento turístico, acabam por impulsionar instalação de outras atividades que crescem a produção da localidade (Cunha, 1997, citado por Santos, 2011).

Sharma & Dyer (2009), defendem que os residentes que beneficiam diretamente da atividade turística tem, por norma, uma melhor perceção acerca do turismo do que os residentes que não beneficiam da atividade turística diretamente. Deste modo, quantos mais benefícios económicos os residentes recolherem melhor é a sua perceção acerca da atividade.

Os impactes negativos mais documentados são o aumento de preços de bens e serviços e a elevação do custo de vida (*e.g.*, Sharma & Dyer, 2009; Souza, 2009; Eusébio & Carneiro, 2010; Vareiro *et al.*, 2013; Remoaldo *et al.*, 2015).

Por último, os impactes indiretos do congestionamento e tráfego, assim como as alterações nos impostos são também dois impactes negativos. O congestionamento do tráfego pode prejudicar a mobilidade na cidade e impulsionar as empresas a saírem dos lugares orientados para o turismo. As alterações nos impostos também não agradam aos residentes. No entanto, os impostos cobrados aos turistas podem ajudar a reduzir os impostos locais. Por sua vez, se forem necessários infraestruturas e serviços extras para os turistas, os residentes podem sofrer um aumento de impostos (Ardahaey, 2011).

1.3.2 Impactes socioculturais

Quanto aos impactes socioculturais, assim como qualquer um dos três impactes são muitos os autores que reconhecem tanto impactes positivos como negativos (*e.g.*, Perez, 2009; Eusébio & Carneiro, 2012; Remoaldo *et al.*, 2015).

Santana (1997), refere que os impactes socioculturais, de modo geral, são diferentes dos outros impactes, pois estes são os impactes que recaem sobre os residentes “os filhos da terra”, que resultam das associações diretas e indiretas entre os residentes e os visitantes.

O mesmo autor divide os impactes socioculturais em impactes sociais e impactes culturais. Os impactes sociais incluem as mudanças mais rápidas na qualidade de vida dos residentes e a adaptação por parte das comunidades do destino ao turismo. Por sua vez, os impactes culturais englobam as mudanças a longo prazo nas normas da sociedade, na cultura material, e nos padrões culturais, mudanças essas que surgem com a convivência de outras culturas.

Para Lima (2012) os impactes socioculturais são provocados principalmente pelo contacto que é estabelecido entre o visitante e a comunidade local. São o resultado das relações sociais que se criam durante a permanência dos turistas, em que a intensidade e a duração dependem de fatores espaciais e temporais restritos. Estes podem ser de maior ou menor escala conforme o tipo de turismo que é praticada nos destinos turísticos. Podem também variar conforme o tipo de turista que visita a localidade, podendo ser mais ou menos positivo, mais ao menos intenso.

O turismo acarreta vários impactes socioculturais positivos. Pode ajudar a estimular o interesse da população local pelas tradições e costumes característicos de cada região, que em muitas das vezes caem em esquecimento, como o artesanato a gastronomia ou as danças tradicionais, assim como pode contribuir para a reabilitação de monumentos e edifícios históricos, estes são muitas das vezes recuperados para que os turistas os passam visitar (*e.g.*, Monjardino 2009; Sharma & Dyer 2009; Eusébio & Carneiro 2010; Lima, 2012).

O turismo permite também que haja um intercâmbio de culturas entre os residentes e os turistas (Sharma & Dyer, 2009; Lima, 2012; Remoaldo *et al.*, 2015; Quadros, 2016), o que segundo Lima (2012), aumenta a aceitação, a compreensão e o respeito por características e culturas diferentes, sendo assim um impacto positivo.

Como já foi referido no *item* anterior, as infraestruturas são em muitos casos melhoradas de modo a dar resposta aos turistas. Os residentes acabam por beneficiar com a criação destas estruturas (Lima, 2012), sendo este também um impacto sociocultural positivo.

Por outro lado, são muitos os impactes socioculturais negativos. A maior parte dos estudos sobre a temática, refere mais aspetos socioculturais negativos do que positivos (Lima, 2012). Depois de uma vasta pesquisa bibliográfica, constatou-se que apesar dos autores, em alguns casos, não mencionarem predominância dos impactes socioculturais negativos em relação aos positivos, quando contabilizados os aspetos negativos e os positivos constata-se uma predominância dos aspetos negativos (*e.g.*, Quadros, 2016; Scalabrini, 2017).

Os aspetos negativos mais citados são: aumento da criminalidade; aumento da prostituição; aumento da disponibilidade e consumo das drogas e do álcool; alteração do comportamento dos residentes e da

forma de vestir; o aumento do stress; aumento do custo de vida (*e.g.*, Ap, 1992; Sharma & Dyer, 2009; Monjardino, 2009; Eusébio & Carneiro, 2010; Oliveira & Salazar, 2011; Remoaldo *et al.*, 2015).

Se por um lado o intercâmbio de culturas pode acarretar impactes positivos, é verdade é que por outro lado pode impulsionar impactes negativos. As diferenças religiosas, de idioma, de etnia, de valores e costumes e as condições económicas são aspetos que podem causar choques entre os residentes e os turistas (Dias, 2003, citado por Paulino & Bridi, 2011). As diferenças quês existem aos mais diversos níveis entre os turistas e os residentes podem ser traumatizantes. Por exemplo, em determinados destinos turísticos, a pobreza de alguns residentes torna-se mais evidente, devido ao nível de vida do turista em contraste com o nível de vida dos residentes. Esta realidade acaba por ser perturbadora para ambos os lados (Wahab, 1988, citado por Santos, 2011).

Um outro impacte negativo que se verifica, é a aculturação pois, por vezes, os residentes mudam os seus hábitos e regras culturais, tornando-se mais parecidos com os turistas. A população local passa a ter novas necessidades de consumo, passa a ter uma alimentação diferente e uma forma de vestir diferente (Lima, 2012).

Os impactes socioeconómicos tornam-se mais evidentes à medida que se intensifica o turismo. As transformações culturais são proporcionais ao aumento do número de turistas nos destinos (Santos, 2011).

1.3.3 Impactes ambientais

Estudar os efeitos que o turismo provoca na natureza é fundamental para perceber os impactes do sistema turístico, pois o turismo ocupa um espaço e utiliza recursos ambientais (Pérez, 2009). É no ambiente que o setor turístico encontra os recursos base para o desenvolvimento da atividade. Deste modo, a proteção de uma paisagem traduz-se num aumento da satisfação dos visitantes, logo o seu valor aumenta. Caso aconteça uma degradação na paisagem esta traduz-se por uma perda de satisfação do visitante e ocorre uma perda do seu valor (Souza, 2009).

Os impactes ambientais assumem um carater mundial, isto é, abarcam países e regiões de qualquer parte do planeta, sendo indiferente o nível de desenvolvimento social e económico do país. Não são lineares, vão variando conforme as características de cada país, sejam elas físicas económicas sociais ou políticas (Santos, 2011).

O crescimento do turismo em determinados locais intensifica os impactes sobre a sociedade recetora. Conforme o tempo vai passando surgem problemas de esgotamento ou degradação dos recursos

naturais, o que provoca uma diminuição na qualidade dos atributos ambientais. Estes efeitos resultam do aumento da afluência turística, embora inicialmente sejam praticamente imperceptíveis (Santos,2011). Identificar os impactes ambientais do turismo não é fácil, porque é difícil identificar se os impactes são provenientes do turismo ou se são oriundos de outra atividade económica. No entanto, devem ser contabilizados (Souza, 2009). Assim, para uma melhor compreensão do turismo em qualquer lugar é muito importante analisar a relação dos impactes ambientais com os impactes económicos e socioculturais (Scalabrini, 2017).

Estes estão divididos em impactes positivos e impactes negativos. Os impactes negativos são os mais citados pelos autores (Lima, 2012).

É importante ter em atenção que o nível de envolvimento da população com o turismo pode alterar a perceção que o residente tem sobre a atividade. As pessoas que têm um maior envolvimento com o turismo têm uma melhor perceção acerca dos impactes do que as pessoas que não têm qualquer tipo de envolvimento (Scalabrini, 2017).

Apesar de alguns impactes serem facilmente identificados, estão por norma relacionados com a construção de infraestruturas e a construção de equipamentos turísticos, que transformam as características físicas da paisagem. Existem outros que são mais difíceis de perceber como a destruição da fauna e da flora (Souza, 2009).

Depois de uma vasta pesquisa bibliográfica, verificamos a existência de vários impactes ambientais positivos, nomeadamente: o incentivo da conservação e a restauração de espaços naturais e físicos; a criação e manutenção de parques nacionais e áreas protegidas; o aumento da consciência ambiental; a melhoria da qualidade do ambiente (*e.g.*, Souza, 2009; Pérez 2009; Santos, 2011; Lima, 2012; Quadros,2016; Scalabrini, 2017).

Como impactes ambientais negativos vários autores ressaltam: o aumento da poluição sonora e do ar; a erosão da localidade; o aumento dos resíduos sólidos; a diminuição da qualidade água; o desaparecimento da fauna e da flora; a escassez dos recursos naturais; a degradação do ambiente natural (*e.g.*, Ap & Crompton, 1998; Monjardino, 2009; Sharma & Dyer, 2009; Souza, 2009; Pérez, 2009; Santos, 2011; Lima, 2012; Quadros, 2016; Scalabrini, 2017).

Como refere Santos (2011), o turismo faz com que haja uma maior movimentação de pessoas e aumente o número de viagens, aumentando a produção de gases com efeito de estufa. Além disso, os turistas tendem a ir para lugares sensíveis a nível ambiental, pois procuram espaços com elevado valor paisagístico, que por norma, são os mais sensíveis.

1.4 Síntese

Neste capítulo foram abordados conceitos que são indispensáveis para o foco da nossa investigação. Abordou-se a evolução histórica do turismo e do conceito de turismo, assim como, o conceito de turismo sustentável. Por último abordamos os impactes que a atividade pode acarretar para os destinos, podendo ser estes impactes económicos, socioculturais ou ambientais.

Podemos constatar que são inúmeros os conceitos de turismo. Por exemplo, um economista realça muito mais os aspetos económicos do turismo do que um Geógrafo ou um Sociólogo.

No *item 1.2*, referente ao turismo sustentável, começámos por abordar o conceito de desenvolvimento sustentável isto porque o conceito de turismo sustentável deriva do primeiro conceito. Tanto um como outro surgem para dar resposta aos desequilíbrios que o ser humano estava a provocar, desequilíbrios esses que comprometem as gerações futuras. Apesar da criação destes dois conceitos que demonstram uma consciencialização tanto dos problemas existentes como dos problemas que podem vir a existir no futuro, entendemos que estes dois conceitos ainda não são bem empregues nos dias de hoje. Consideramos que é muito difícil implementar um modelo realmente sustentável no turismo, isto porque são muitos os intervenientes desde os residentes às entidades governamentais, que muitas das vezes não estão de acordo nas suas posturas e tipo de intervenções.

Também abordámos os impactes que a atividade turística acarreta para os destinos. Existem sempre impactes positivos e negativos, apesar de não ocorrerem nem se percecionarem em todos os destinos da mesma forma (Quadro 1).

A bibliografia existente refere os impactes económicos como os mais citados, isto porque foram os primeiros a surgir. Por sua vez, nos impactes socioculturais e nos ambientais constatamos que são mais os impactes negativos do que os positivos, realçando a necessidade de um turismo sustentável.

Quadro 1- Principais impactes positivos e negativos do foro económico, sociocultural e ambiental do turismo

Impactes Económicos	
Positivos	Negativos
<ul style="list-style-type: none"> - Criação de emprego. - Aumento do rendimento dos residentes. - Aumento do nível de vida da população local. - Contribuição para o aumento do investimento e criação de novos negócios. - Criação de novos equipamentos e novas infraestruturas. - Melhoria nos serviços públicos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento dos preços de bens e serviços. - Elevação do custo de vida. - Congestionamento do tráfego. - Postos de trabalho ocupados por estrangeiros.
Impactes Socioculturais	
Positivos	Negativos
<ul style="list-style-type: none"> - Ajuda a estimular o interesse da população local pelas tradições e costumes locais. - Contribui para a reabilitação de monumentos e edifícios históricos. - Criação de novas atividades de animação e lazer. - Existe um intercâmbio de diferentes culturas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da criminalidade. - Aumento da prostituição. - Aumento do consumo de drogas e de álcool; - Aumento do stress. - Agravamento de desigualdades sociais. - Mudança de hábitos das regras e forma de vestir o que leva à aculturação.
Impactes Ambientais	
Positivos	Negativos
<ul style="list-style-type: none"> - Incentivo da conservação e da restauração de espaços naturais e físicos. - Criação e manutenção de parques nacionais e áreas protegidas. - Planeamento ambiental. - Aumento da consciência ambiental. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da poluição sonora e do ar. - Erosão do local. - Aumento dos resíduos sólidos. - Diminuição da qualidade da água. - Aumento da produção de gases com efeito de estufa. - Desaparecimento da fauna e da flora. - Escassez dos recursos naturais. - Degradação do ambiente natural.

Fonte: Elaboração própria com base na literatura existente.

2. As percepções dos residentes relativamente ao turismo

Tratando-se de um estudo sobre a percepção dos residentes, é importante discutir os conceitos de percepção e de atitude. Deste modo, o capítulo inicia-se com a clarificação destes dois conceitos. Prossegue-se, com os estudos realizados sobre a percepção dos residentes, assim como com os principais modelos utilizados para a análise da percepção dos residentes. Encerramos o capítulo com uma síntese das ideias vertidas no capítulo.

2.1 Conceito de percepção e de atitude

A atividade turística tanto pode acarretar consequências positivas como negativas para os destinos.

Para existir um desenvolvimento do turismo equilibrado e sustentável é de extrema importância envolver os residentes no planeamento do turismo pois estes são importantes *stakeholders* (Quadros, 2016). Deste modo, é importante entender a percepção e a atitude dos residentes face aos impactos do turismo. No entanto, antes de se passar à revisão bibliográfica dos estudos já realizados, importa clarificar o conceito de percepção e atitude, para que estes não sejam confundidos.

O termo percepção tem origem etimológica no latim *perceptio, ónis*, que significa compreensão, faculdade de perceber, ver (Houaiss, 2002 citado por Bacha *et al.*, 2006). A percepção é uma resposta dos sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição) aos estímulos externos (Tuan, 1980).

Alguns autores (*e.g.*, King, 1981; Hall, 1986; Santos, 2011) acrescentam ainda outros elementos à formação de percepção. King (1981 citado por Ribeiro, 2009), define percepção como uma representação da realidade de cada ser humano. Apesar de todos os seres humanos terem um determinado tipo de percepção, esta é subjetiva e pessoal para cada um deles. Assim, não é possível que dois indivíduos vejam a realidade da mesma forma, pois vai depender da sua experiência de vida.

Um outro elemento que está associado à formação de percepção é a cultura. Cada sentido constitui um sistema complexo, mas também, cada um deles encontra-se igualmente modelado e estruturado pela cultura (Hall, 1986 citado por Santos, 2011).

Santos (2011) acrescenta ainda a interocepção e a propriocepção. A primeira é o estado interno do nosso organismo, através desta podemos sentir desde as dores de dentes ao prazer sexual. A segunda, informa-nos sobre a posição do nosso corpo no meio ambiente.

Segundo Ribeiro (2009), o processo de perspetivação pode ser dificultado pelas características pessoais de cada indivíduo. Para este, indivíduos que continuamente buscam uma maior consciência sobre o mundo, sobre si e sobre o outro, têm mais probabilidade de se relacionar e de perceber as situações.

Por sua vez, indivíduos com problemas de relacionamento apresentam dificuldade em perceber os outros pois comportam-se de maneira rígida e são preconceituosos quando os valores dos outros são diferentes dos seus.

Ap (1992) é um dos primeiros autores a fazer a distinção entre percepções e atitudes. Considera que percepção representa o significado atribuído a um objeto, a atitude representa a predisposição ou ação em relação a determinados objetos mantidas continuamente pelos indivíduos.

As atitudes determinam a forma como um indivíduo sente, pensa e se comporta em relação a outros objetos, pessoas ou acontecimentos. São apreendidas através das emoções e crenças. Estão ligadas aos valores e à personalidade de cada indivíduo, sendo dificilmente alterados. Deste modo os comportamentos são coerentes com a informação retida positiva ou negativa (Coelho, 2010; Quadros, 2016).

Para Oppenheim (1996), as atitudes manifestam-se em geral no discurso ou no comportamento somente quando o objeto da atitude é percebido. As atitudes são reforçadas pelas crenças (componente cognitiva) que muitas vezes atraem sentimentos fortes (componente emocional).

As atitudes podem-se alterar devido às suas três dimensões, cognitiva afetivas ou comportamentais (Coelho, 2010, Quadros, 2016). “O comportamento é o resultado da interpretação de um estímulo. Essa interpretação é efetuada recorrendo à dimensão cognitiva (conhecimentos, experiências, percepções, crenças, valores) e afetiva (emoções, sentimentos). Contudo, quer o contexto socioeconómico das vivências do indivíduo, quer o tempo que este dedica a interpretar, como o tempo que procura disponibilizar para concretizar o seu comportamento, determinam o resultado desse comportamento. Este comportamento pode assumir quatro categorias: indiferença (não ação), reação, ação e pró-ação” (Coelho, 2010, p. 149).

Quadros (2016) defende que as percepções e as atitudes dos residentes podem ser influenciadas por fatores intrínsecos, que dizem respeito às características individuais de cada pessoa, ou por fatores extrínsecos, estes são fatores externos à pessoa, são fatores que influenciam as reações dos indivíduos perante o desenvolvimento do turismo e tem impactes em toda a comunidade. A interação social com os visitantes a família e os amigos aquando da formulação das suas percepções e atitudes também são fatores que é importante ter em consideração. As atitudes e percepções também podem variar de acordo com a fase do ciclo de vida do destino.

Moscardo (2000) defende que o desenvolvimento do turismo pode provocar muitos impactes na comunidade, tanto positivos como negativos. E apesar de a maioria dos residentes não beneficiar economicamente nem socialmente de modo significativo do processo de desenvolvimento do turismo,

os residentes podem mudar a sua atitude com o crescimento desta atividade, a ideia de Moscardo (2000) vai de encontro à de Quadros (2016).

2.2 Estudos da percepção dos residentes face ao turismo

Como foi referido anteriormente existem inúmeros estudos desenvolvidos à escala internacional acerca das percepções e atitudes dos residentes face ao turismo (*e.g.*, Pizam, 1978; Murphy, 1981; Ap & Crompton, 1993; Getz, 1993; Kuvan & Akan, 2005; Dyer *et al.*, 2007; Kitnuntaviwat & Tang, 2008; Sharma & Dyer, 2009; McDowall & Choi, 2010; Vareiro *et al.*, 2013). Para a implementação de uma estratégia de turismo sustentável em qualquer território os autores reconhecem a importância das percepções e atitudes dos residentes (*e.g.*, Coelho, 2010; Nunkoo *et al.*, 2013).

Apesar de os estudos acerca da temática terem começado a partir de 1970, em Portugal foi principalmente na última década que foram realizados alguns estudos (Monjardino, 2009; Eusébio & Carneiro, 2010; Carneiro & Eusébio, 2011; Soares, *et al.*, 2013; Vareiro *et al.*, 2013; Remoaldo *et al.*, 2015).

Os primeiros estudos desenvolvidos sobre o turismo focavam-se apenas nos turistas. As percepções dos residentes e as suas necessidades só foram abordadas mais tarde. Todavia, os estudos referentes aos residentes têm evoluído, especialmente nos aspetos da percepção. Os residentes desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do turismo, pois é inevitável o contacto entre o turista e o residente, em algum momento da sua estadia. A compreensão do papel que o residente desempenha pode ser uma das razões que levou a ter em atenção não só os turistas, mas também os residentes. (Scalabrini, 2017).

Nos anos de 1990 os estudos referentes a percepção dos residentes ganharam um novo impulso (*e.g.*, Ap, 1992; Getz, 1994; Brunt & Courtney, 1999; Jackson, 2008; Sharma & Dyer, 2009; McDowall & Choi, 2010; Ribeiro, 2017).

Nunkoo *et al.* (2013) realizaram um estudo onde analisaram 140 artigos publicados sobre as atitudes dos residentes no período de 1984 a 2010, em três revistas de turismo com maior impact factor à escala mundial, nomeadamente: *Annals of Tourism Research*, *Tourism Management* e *Journal of Travel Research*. Através desta análise foi possível determinar a natureza dos artigos e o tipo de abordagem realizada. O número de artigos tem vindo a aumentar nas últimas décadas, verificando-se um aumento significativo desde os anos de 1980 e ocorreu uma diminuição dos estudos entre 2004 e 2008.

O estudo permitiu ainda concluir que dos 140 artigos considerados 54,3% não continha uma componente conceptual. Assim, a maior parte dos investigadores não tinha *a priori* um quadro explícito teórico

conceptual para investigar a atitude dos residentes, e os que tinham a componente conceptual usavam uma única teoria que foi testada empiricamente. Nos últimos anos analisados, houve um aumento do número de artigos com um quadro teórico-conceptual.

Uma outra conclusão que se retira é que predominam as abordagens quantitativas representando 72,1% do total. Apenas 12,9% recorreram à abordagem qualitativa, 13,5% à abordagem mista e 1,4% (dois artigos) eram de revisão do tema. Não obstante, verifica-se que a proporção dos artigos de cariz quantitativo diminuiu no período analisado.

Destaca-se a estatística descritiva (64,9%), a análise fatorial (29,7%) como sendo os métodos estatísticos mais usados. Relativamente às teorias, foi a Teoria da Troca Social (56,3%), o Modelo de Ciclo de Vida, enunciado em primeiro lugar por Butler, em 1980 (18,8%) e o Modelo Irridex (11%), que predominaram nos estudos realizados.

Nunkoo, Smith & Ramkisoorn (2013) também concluíram que os estudos evoluíram de uma baixa satisfação metodológica e teórica para uma elevada satisfação nas duas vertentes.

Recentemente, Hadinejad *et al.*, (2019) adotaram a metodologia inicialmente aplicada por Nunkoo *et al.* (2013) e realizaram uma análise longitudinal de 90 artigos publicados nas revistas de turismo *Annals of Tourism Research (ATR)*, *Journal of Travel Research (JTR)*, *Journal of Sustainable Tourism (JOST)* e *Tourism Management (TM)*, entre o ano de 2011 e o de 2017. Este estudo atualizou o que foi realizado anteriormente que foi concretizado até 2010. Verificou-se um contínuo aumento do número de estudos sobre as atitudes dos residentes, apesar de se verificar uma diminuição em 2013 e 2014. Se compararmos o número de artigos publicados no estudo anterior, relativo ao período de 1984 a 2010 (Nunkoo, Smith & Ramkisoorn, 2013) com o número de artigos publicados neste estudo, verifica-se um aumento de 120% até 2017. Entre 1984 e 2010 foram publicados 140 artigos o que dá uma média de 5 artigos por ano. Em relação ao período de 2011 até 2017 verifica-se uma média de 13 estudos por ano. Estes números suportam o crescimento significativo de publicações sobre este tema.

O estudo indica que 44,5% não contém uma componente conceptual, sendo que mais de metade tem este tipo de componente (55,5%), comprovando a tendência que se verificava no estudo anterior, em relação ao aumento dos estudos com componente conceptual. Verificou-se que o aumento dos estudos com componente conceptual foi superior aos estudos sem componente conceptual nos anos de 2013, 2015 e 2017. Nos primeiros anos analisados que correspondem a 2011 e 2012 predominavam os estudos sem quadro conceptual.

O estudo indica que continua a predominar a abordagem quantitativa com 83,3 % do total. Apenas 8 artigos utilizaram uma abordagem qualitativa que corresponde a 8,9% do total, 4,5% correspondeu à

abordagem mista e 3,3 (três artigos) eram de revisão do tema. Quanto às teorias dominantes continua a predominar a Teoria da Troca Social (44,6%), seguindo-se a Teoria da Representação Social (6,2%), e a Teoria Institucional (4,6%).

Este estudo permitiu também aferir quais são os países e os continentes onde é mais estudada a temática. A maior proporção de publicações foi conduzida nos EUA (21,1%). Os resultados também indicam que a China está a emergir no tema (9,9%), sendo o segundo país com mais estudos. A maioria das publicações foi conduzida nos países da Ásia, seguindo-se a América do Norte. Os resultados também indicam que quase um quarto dos artigos se reportou às atitudes dos residentes nos países europeus. África, Médio Oriente e a Oceânia são os continentes menos estudados na temática.

São muitos os fatores que influenciam na formação das perceções dos residentes, nomeadamente: a idade, o nível de escolaridade a área de residência, o género, os níveis de dependência económica das pessoas em relação à atividade e os laços com a comunidade (Santos, 2011). Sharma & Dyer (2009) acrescentam ainda a origem étnica.

De modo geral, os residentes que obtêm benefícios da atividade turística geralmente apoiam o turismo, por sua vez, aqueles que obtêm pouco ou nenhum benefício da atividade tem uma atitude negativa face a esta atividade (Jackson, 2008).

Santos (2011) no estudo que realizou a duzentos e trinta e um indivíduos, relativamente à perceção dos Cabo-Verdianos na Ilha do Sal, concluiu que os inquiridos ligados ao comércio e turismo eram os que tinham uma perceção mais negativa dos impactes do turismo na alteração dos valores morais da população. Contudo, o autor concluiu que de modo geral, independentemente das categorias profissionais dos inquiridos, as perceções dos impactes são relativamente homogéneas.

A variável género também reúne consenso, a revisão da literatura sobre o tema tem demonstrado existir uma maior sensibilidade dos impactes do turismo (principalmente os sociais) por parte das mulheres que dos homens (Sharma & Dyer, 2009; Santos, 2011).

Nota-se que nos impactes sociais são as mulheres que revelam uma maior preocupação com o consumo e tráfico de drogas, criminalidade, prostituição, vandalismo e degradação dos valores morais. No que toca aos impactes económicos, embora as diferenças médias das perceções não sejam significativas, são os homens que possuem uma opinião mais positiva dos impactes económicos gerados pelo turismo (Sharam & Dyer, 2009; Nunkoo & Ramkissoon, 2010).

No estudo feito por Remoaldo & Cadima (2017), relativamente à perceção dos residentes vimaranenses, realizado no ano de 2011, que contou com uma amostra de 471 inquiridos, e tendo sido realizada uma

análise de *cluster*, o grupo que se mostrou mais cético (19% da amostra), foi o dos homens, dos idosos e com menor nível de instrução. O grupo mais entusiasta (42% da amostra) diz respeito a mulheres e jovens com um nível de instrução mais elevado.

Santos (2011), também concluiu que as mulheres são ligeiramente mais otimistas em relação aos impactes culturais e ambientais.

Todavia, a influência da variável género nas percepções não se tem revelado muito expressiva. Assim como também não há diferenças notáveis nas percepções do impacte do turismo em relação à idade e ao nível de escolaridade dos entrevistados (Sharma & Dyer, 2009).

Relativamente às percepções dos impactes do turismo segundo os diferentes grupos etários, estas variam conforme o tipo de impacte em questão (económico, sociocultural, ambiental). Deste modo, não existe um consenso em relação ao grupo etário que é mais ou menos otimista (Sharma & Dyer, 2009; Santos, 2011).

Por exemplo, no estudo de Sharma & Dyer (2009), relativo à Costa do Sol na Austrália, que contou com uma amostra de 732 questionários válidos, embora tenham sido distribuídos 5.000 inquéritos, os autores concluíram que o grupo de 55 ou mais anos eram os que possuíam a opinião mais positiva em relação aos impactes sociais. O grupo dos 45-54 anos eram os mais otimistas relativamente aos impactes culturais.

Por sua vez, as pessoas que se encontram na faixa etária dos 25 aos 34 anos são os que entendem melhor os impactes positivos económicos.

Neste mesmo estudo conclui-se que não há evidências significativas nas percepções dos residentes segundo o nível de escolaridade. Apenas se denota que os indivíduos com o ensino básico percebem os impactes sociais mais positivamente que os indivíduos com grau académico.

No estudo desenvolvido por Moniz (2006), realizado no Arquipélago dos Açores, nos três principais centros urbanos, (Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta), e que utilizou uma amostra de 300 residentes, a autora concluiu que os indivíduos de mais baixo nível de instrução e que viajam menos, tinham uma melhor perspectiva perante o desenvolvimento atual do turismo nos Açores.

Em 2009, Monjardino aproveitou uma mostra que tinha sido recolhida a 1700 residentes dos Açores em 2005, que envolveu o Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), o Instituto Estatístico das Canárias (ISTAC) e a Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM), e que foi criada pelo SREA no âmbito do Projeto SIET-MAC- Sistema de Indicadores Estatísticos de Sustentabilidade do Turismo da Macaronésia, e que desenvolveu um novo estudo acerca da temática.

Monjardino (2009) concluiu que a opinião em relação ao turismo era na sua maioria positiva. Os resultados mostraram que os habitantes concordam com os aspetos positivos que o turismo acarreta, e discordam com os aspetos negativos que a atividade pode trazer. A autora concluiu que os residentes desconhecem os problemas que o turismo pode acarretar, nomeadamente os choques de cultura ou os inúmeros impactes ambientais.

Concordamos com a conclusão de Monjardino (2009), e entendemos que os resultados que obteve Moniz (2006) são consequência da falta de conhecimento que os residentes tinham em relação aos impactes negativos do turismo.

Em 2018, o Serviço Regional de Estatística dos Açores, realizou um novo inquérito por telefone a 1070 residentes, de modo a aferir a perceção em relação ao turismo, tendo sido validados 950 inquéritos. Monjardino apresentou os resultados dos inquéritos realizados em 2005 e em 2018 na 28ª Reunião da SPEE do CSE, que se realizou em Lisboa em 2019. A autora concluiu que em 2005 e 2018 os residentes dos Açores, seguindo o modelo de Ap & Crompton (1993), encontravam-se na fase do Acolhimento. No ano de 2018 já ocorreram alguns sinais de transição para o nível seguinte, ou seja, o nível de Tolerância. Importa recordar que os Açores passaram a ter a partir de 2015 voos *low cost* e voos inter ilhas, o que fez com que o turismo nos Açores crescesse. Contudo é ainda prematuro perceber se a perceção dos residentes em relação ao turismo sofreu alterações com o aumento da atividade turística.

2.3 Modelos para análise de perceção de residentes

São muitos os modelos que se circunscrevem à análise da perceção dos residentes face ao turismo. Estes foram evoluindo e adaptando-se ao longo dos anos.

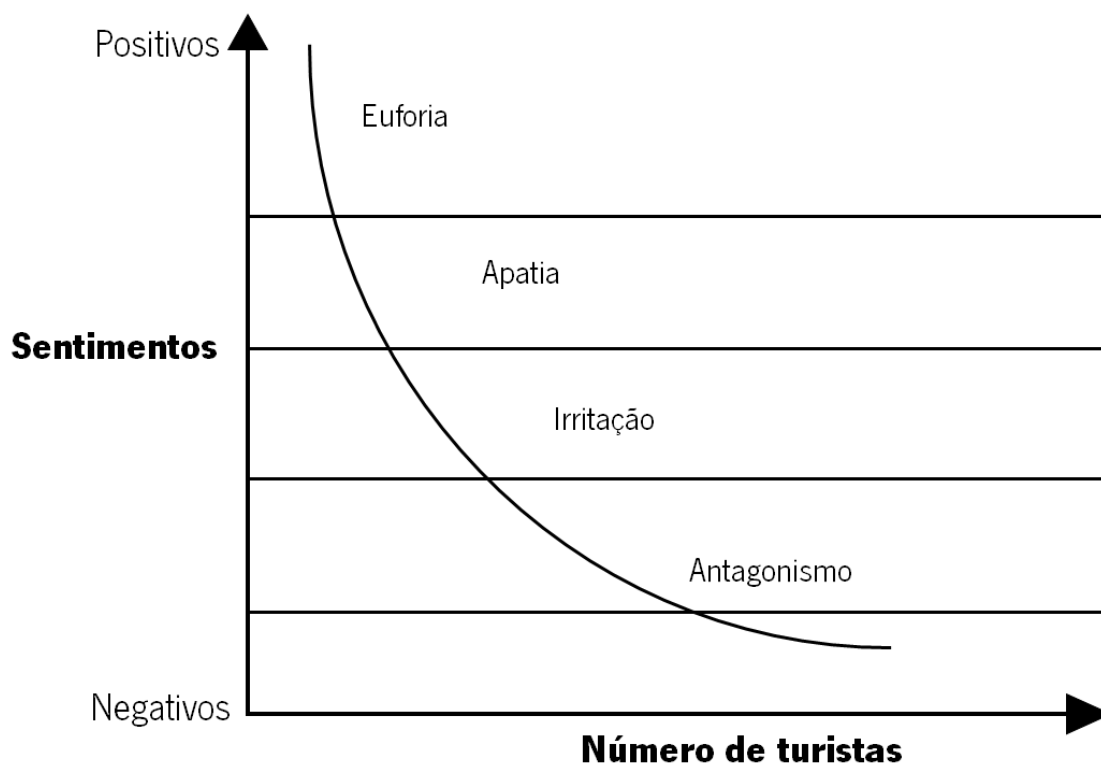
Os primeiros dois modelos a surgir foram o modelo Modelo Irridex de Doxey em 1975 e o modelo da Teoria do Ciclo de Vida de Butler em 1980. Muitos dos modelos que se desenvolveram posteriormente são inspirados nestes dois modelos (Quadros, 2016).

O Modelo Irridex de Doxey (Figura 1) sugere que com o aumento dos turistas e com o desenvolvimento dos destinos turísticos, os residentes alteram as suas perceções entre quatro estados: a euforia, a apatia, o aborrecimento e o antagonismo. Os sentimentos dos residentes alteram-se conforme os impactes negativos vão surgindo (Cordero, 2008). Assim, no primeiro estado, denominado de euforia, os residentes sentem-se entusiasmados com o desenvolvimento turístico, os impactes negativos não são percecionados e os residentes acolhem bem os turistas pois estes ainda são muito poucos. Na segunda fase, o turismo deixa de ser visto como novidade e os residentes reagem aos turistas de forma apática, pois já estão habituados. Na terceira fase, os residentes começam a ficar “irritados” com o

desenvolvimento do turismo. Nesta fase os residentes já sentem alguns impactes negativos em relação ao turismo. A última fase, a do antagonismo, os residentes veem o turismo como o principal causador das alterações negativas do destino. Nesta fase os residentes são contra o desenvolvimento do turismo (Quadros, 2016).

Ao analisarmos as diferentes fases do modelo conclui-se que a perceção dos residentes e as atitudes, tornam-se mais negativas à medida que o turismo se vai desenvolvendo, assim como o desenvolvimento da atividade turística tem um efeito contrário à atitude dos residentes (Renda, 2012).

Figura 1- Modelo Irridex de Doxey



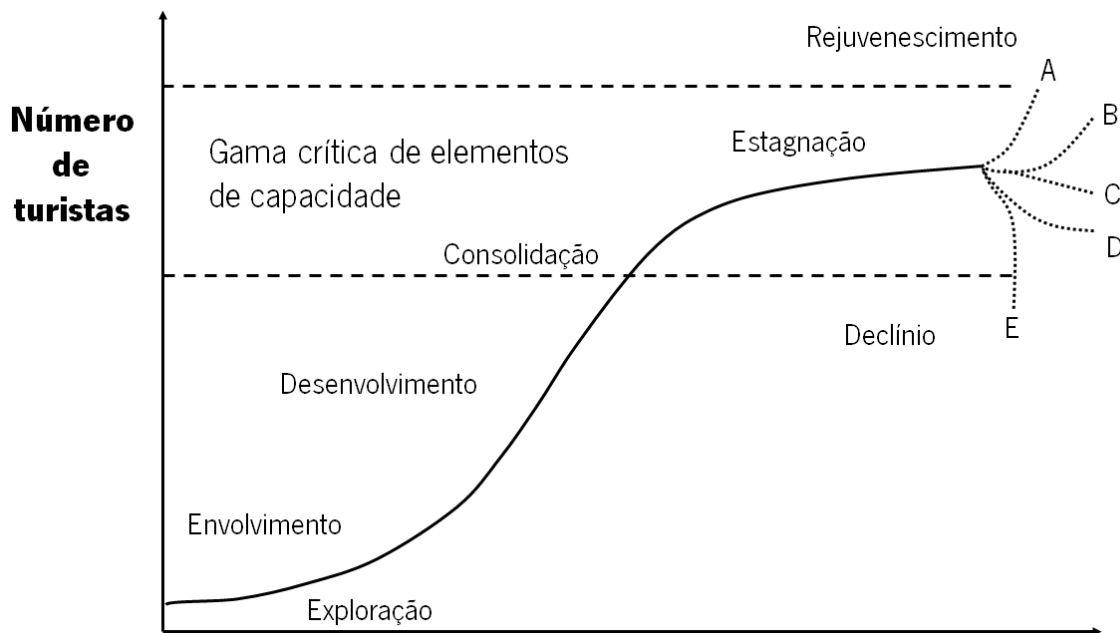
Fonte: Adaptado de Doxey, 1975.

Cinco anos depois, em 1980, Richard Butler criou um modelo denominado de Ciclo de Vida da Área Turística (Figura 2). Apesar de este modelo ser muito criticado continua a ser usado em vários estudos. Butler acreditava que o turismo assim como qualquer produto tem um ciclo de vida. O ciclo de vida de um destino turístico passa por fases distintas: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação (Cordero, 2008), depois do estado de estagnação são vários os cenários possíveis para o destino turístico: o rejuvenescimento, a continuação do estado de estagnação e o declínio.

A percepção e as atitudes dos residentes são diferentes conforme a fase do ciclo em que o destino turístico se encontra, numa fase inicial os residentes tendem a aceitar melhor a atividade que numa fase final (Scalabrini, 2017).

Através da Teoria do Ciclo de Vida é mais fácil planejar as estratégias de turismo para cada destino, pois permite identificar o grau de desenvolvimento em que se encontra determinado destino (Quadros, 2016).

Figura 2- Ciclo de vida do destino turístico na perspectiva de Richard Butler



Fonte: Adaptado de Butler, 1980.

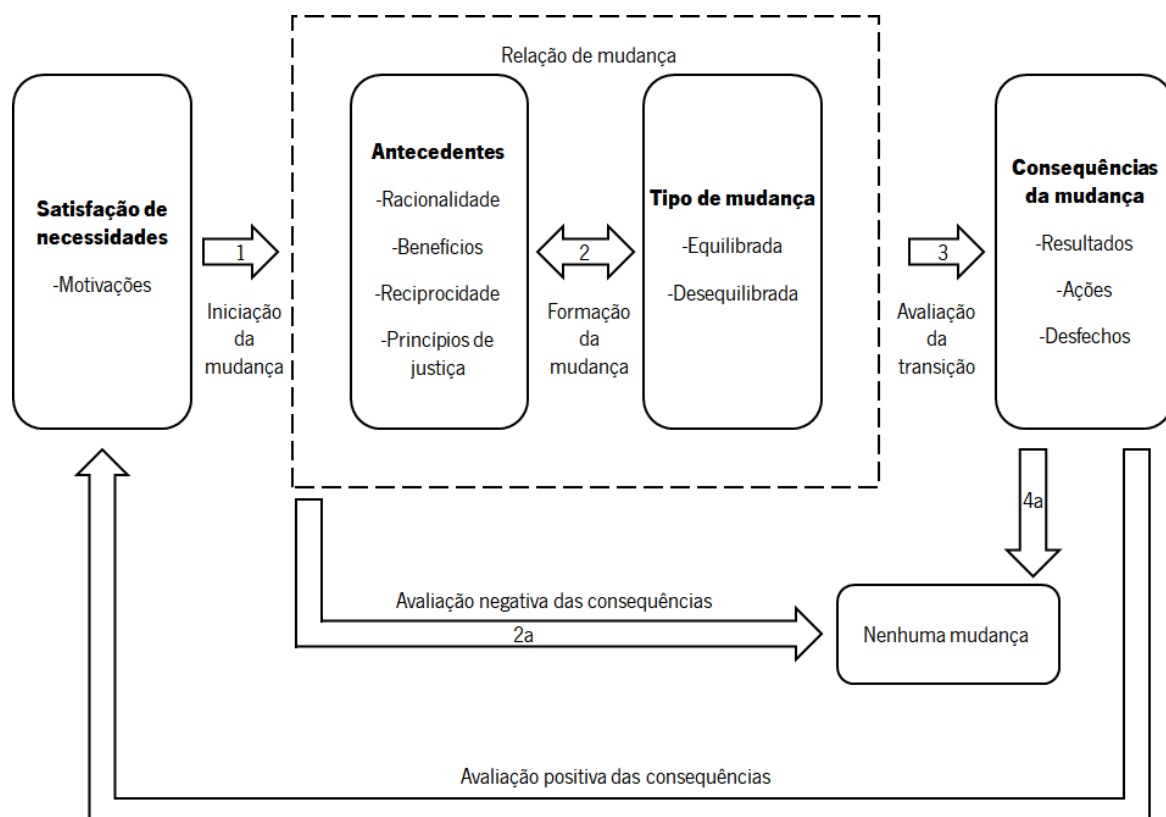
Mais tarde, foram desenvolvidas escalas de medida para avaliar os impactos provocados pelo turismo. Lankford e Howard (1994), defendiam a existência de um padrão nas escalas das percepções de residentes. Desenvolveram uma escala de atitudes que ganhou notoriedade ficando conhecida por Tourism Impact Attitude Scale (TIAS) (Scalabrini, 2017). A intenção dos autores era superar as falhas dos modelos anteriores usando uma escala multidimensional ou multivariada. Assim, projetaram e apresentaram um modelo único para medir os impactos do turismo na atitude da população local (Petrović *et al.*, 2015). Esta escala considera a população como heterogênea, combatendo, assim, a maior crítica apresentada ao modelo Iridex, utilizando técnicas estatísticas (Scalabrini, 2017). A escala era composta por 18 variáveis independentes e 27 variáveis dependentes, agrupadas em quatro fatores. O objetivo da pesquisa foi descrever as características da amostra da população e analisar as atitudes da população local em relação aos impactos do turismo (Petrović *et al.*, 2015).

Ap e Crompton também deram um contributo importante para a criação de uma escala de medida. Estes criaram uma escala em 1993. Os autores propuseram 35 variáveis, divididas em 7 sub-*itens*.

sociocultural, económico, congestionamento humano e de tráfego, ambiental, serviços, impostos e atitudes da comunidade. Este estudo permite identificar quatro reações dos residentes face ao turismo. Os residentes podem ter uma reação de acolhimento, de tolerância, de harmonização, ou de afastamento. Os autores acreditavam que os comportamentos dos residentes não são fruto das diferenças culturais entre turista e residente, mas sim, do aumento do número de turistas.

Mais tarde, em 1998, os mesmos autores, avançaram com a criação de um instrumento de medida capaz de monitorizar os impactes percebidos, assim desenvolveram uma nova escala denominada por Index for Tourism Impacts (ITI) que era composta por 35 variáveis de medida divididas em subitens que permitiam a análise económicos, sociais e culturais, ambientais, de atitudes da comunidade e de congestionamento (Ap & Crompton, 1998).

Figura 3- Modelo da Social Exchange Theory



Fonte: Adaptado de Ap, 1992.

Mais recentemente tentou-se apresentar uma nova metodologia, com modelos que vão além das escalas de impactes. Os estudos acerca percepções e atitudes dos residentes relativamente ao desenvolvimento do turismo começaram a recorrer à teoria designada Social Exchange Theory (SET) – Teoria das Trocas Sociais (Renda, 2012; Quadros, 2016; Scalabrini, 2017) (Figura 3).

Nesta teoria “(...) os residentes procuram o desenvolvimento turístico de forma a melhorar a sua qualidade de vida, satisfazendo as suas necessidades económicas, sociais e psicológicas” (Quadros, 2016, p. 35). Deste modo, se os benefícios que os residentes recolherem forem maiores que os custos a atitude é positiva, estes encaram os impactes do turismo de forma positiva.

Em Portugal, Monjardino (2009) apresentou um novo estudo que tem servido de modelo para alguns estudos sobre a mesma temática em Portugal. Este é baseado no questionário da Organização Mundial de Turismo Local- Local Questionnaire Model e no questionário denominado de Christchurch/Akaroa Resident’s Tourism Survey, que foi utilizado em 2003 como base de um estudo sobre a perceção dos residentes face ao turismo em Canterbury- Nova Zelândia. O questionário aplicado em 2005 foi adaptado à realidade dos Açores, que era a área de estudo. Este é composto por vinte e duas perguntas, divididas em quatro grandes grupos: ligação à região, ligação e experiências relacionadas com o turismo, opinião sobre o Turismo nos Açores e características demográficas.

Remoaldo *et al.* (2014 e 2015), adotaram o modelo de Monjardino (2009), para os seus estudos em Guimarães, embora o tenham adaptado. Este questionário era constituído por vinte e cinco questões. Uma delas avaliava vários tipos de impactes, contemplando catorze afirmações organizadas por impactes socioculturais positivos e negativos, seguindo-se dos impactes económicos positivos e negativos, e por fim os impactes ambientais negativos.

O modelo de Remoaldo *et al.* (2013, 2014 e 2015) foi o que seguimos para a elaboração do inquérito por questionário que aplicámos aos residentes de Arcos de Valdevez.

2.4 Síntese

Ao longo do capítulo 2 relacionado com as perceções dos residentes relativamente ao turismo foram abordados três pontos fulcrais. O *item 1* abordou o conceito de perceção e de atitude seguindo-se os estudos existentes acerca da perceção dos residentes face ao turismo. Por último, foram discutidos os modelos para análise da perceção dos residentes.

Ao longo do *item 1*, focamo-nos na distinção entre o conceito de perceção e de atitude. Entendemos que para o presente estudo são dois conceitos imprescindíveis, pois é importante entender as suas diferenças. É de extrema importância que os residentes tenham uma perceção e uma atitude positiva relativamente ao turismo. Para que tal acontece é essencial envolver os residentes no planeamento da atividade. Importa ter em consideração as opiniões destes, só desta forma é que os residentes se sentem envolvidos e compreendidos. Deste modo as perceções e atitudes dos residentes são mais positivas, o

que é benéfico para o bom desenvolvimento da atividade, podendo melhorar a performance em termos de captação de turistas e também contribuindo para a sua fidelização

No *item 2*, são várias as conclusões que retirámos relativamente aos estudos existentes. Notámos uma evolução bastante acentuada a partir do ano de 1990 apesar de já existirem estudos desde 1970. Esta evolução pode ser justificada pelo aumento do turismo e pela consciencialização que se começou a ter relativamente aos impactes negativos que o turismo pode provocar nos destinos, o que conseqüentemente acarreta descontentamento por parte da população em relação aos turistas. Começou-se então a ter em atenção não só as opiniões e atitudes dos turistas como as dos residentes. Chegou-se à conclusão de que a opinião dos residentes é tão ou mais importante do que a opinião dos turistas, já que são os residentes que acolhem os turistas e contribuem para que a estadia destes seja mais ou menos positiva.

Em Portugal os estudos referentes a esta temática só começaram a ter mais ênfase na década de 2000, decorrente do aumento da atividade turística a partir dessa década e do aumento significativo de oferta. Consideramos que esta evolução é muito positiva, pois é crucial para o desenvolvimento de um turismo sustentável, um turismo que agrada tanto aos turistas como aos residentes e que não compromete as gerações futuras.

Por último, no *item 3*, foram abordados os modelos que foram e são utilizados para analisar a perceção dos residentes. Verificamos que são inúmeros os modelos desenvolvidos sendo que o mais utilizado atualmente é a Teoria da Troca Social.

Concluimos também que os modelos foram-se aperfeiçoando ao longo do tempo. Os autores foram desenvolvendo modelos mais completos, e que tentam ultrapassar muitas das críticas apontadas aos modelos anteriores.

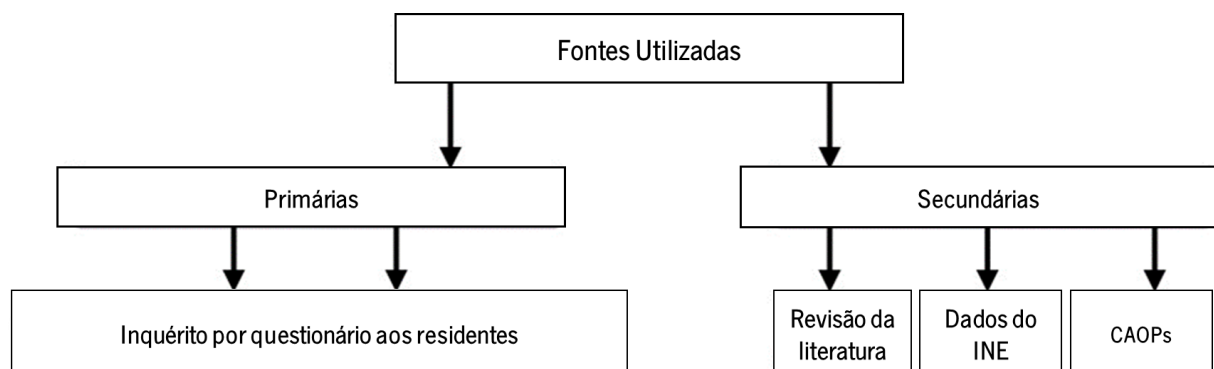
**PARTE II – PERCEÇÃO DOS RESIDENTES A RESPEITO DA
ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO DE ARCOS DE VALDEVEZ**

3. Metodologia de investigação

O presente capítulo aborda a metodologia utilizada para atingirmos os objetivos que nos propusemos alcançar.

Nos *ítems* seguintes são abordados detalhadamente as fontes primárias e as fontes secundárias que foram necessárias à investigação (Figura 4). Por último também constam as técnicas utilizadas para analisar e tratar os dados recolhidos.

Figura 4- Tipo de fontes utilizadas na investigação



Fonte: Elaboração própria.

3.1 Fontes primárias

Foi elaborado e aplicado um inquérito por questionário a 214 residentes do município de Arcos de Valdevez, que permitiu uma análise de carácter quantitativa. Para a realização do inquérito por questionário foi seguido o modelo do questionário utilizado nos estudos de Remoaldo *et al.* (2013, 2014 e 2015), que foram aplicados em Guimarães, e também foram considerados outros estudos já mencionados, com algumas adaptações à realidade de Arcos de Valdevez.

De modo a se conseguir uma amostra que abrangesse as 39 freguesias do município e três gerações diferentes, usámos a metodologia de Remoaldo *et al.* (2013), que consistiu em aplicar inquéritos por questionário a estudantes com, pelo menos, 15 anos, e inscritos no 10º, 11º ou 12º ano de escolaridade. Foi solicitado aos estudantes que preenchessem um questionário e que solicitassem o preenchimento de dois questionários, um pelos avós e outro pelos pais, de modo a equilibrar a amostra em termos de grupos etários.

Contudo não nos foi permitido utilizar esta metodologia devido às circunstâncias em que se encontrava o país entre março e maio de 2020, devido à COVID-19 e porque as aulas do primeiro trimestre do novo ano letivo só se iniciaram em meados de setembro de 2020.

Esta metodologia também tinha limitações, visto ser cada vez mais difícil conseguir a colaboração das escolas, devido às normas apertadas impostas pelo Ministério da Educação na realização dos inquéritos em ambiente escolar. Também para as escolas é difícil atender a todos os pedidos de colaboração que por vezes são muitos de realização de estudos científicos por parte de estudantes e professores universitários.

Uma outra limitação que existia é o facto de muitos dos questionários que são entregues aos alunos para os encarregados de educação e os avós não serem devolvidos. Por este motivo, o número de questionários impressos costuma ser bastante superior aos questionários devolvidos pelos alunos.

Assim, optámos por aplicar o questionário via *on-line* entre o mês de julho e novembro de 2020 (consultar estrutura do questionário no Anexo I) em vários grupos do Facebook, constituídos por membros do município de Arcos de Valdevez, nomeadamente: Arcos de Valdevez Paraíso do Alto Minho (essencialmente de partilha de fotografias de Arcos de Valdevez); Trilhos e Caminhadas Arcos de Valdevez e Alto-Minho (fotografias e divulgação de trilhos); Arcos de Valdevez (Geral); Fórum Arcos de Valdevez XXI (Geral); O meu cantinho de Paraíso/Arcos de Valdevez (Geral). Em defesa da Serra do Soajo e da Peneda (contra a exploração de lítio na serra da Peneda e do Soajo). O Quadro 2 resume algumas das características do questionário utilizado.

A técnica que adotámos, como qualquer outra, acarreta várias vantagens e desvantagens. Uma das maiores vantagens é o facto de todas as perguntas serem respondidas pelos inquiridos, pois não é permitido enviar o questionário sem este estar completamente preenchido, o que não acontece em formato de papel. Por questões ambientais esta metodologia é também a mais viável, pois não implica gasto de papel. A sua principal desvantagem é o facto de pessoas com 65 e mais anos utilizarem menos as novas tecnologias, ou porque evidenciam dificuldades de acesso ou por opção, tendo condicionado o perfil do respondente e a possibilidade de a nossa amostra ser também representativa do grupo dos idosos.

O questionário era constituído por quatro partes, como se pode verificar no Quadro 2, tentando atingir os objetivos estabelecidos e permitindo que o inquirido não ultrapassasse os vinte minutos de resposta, que é assumido como o limite de tempo para que o inquirido responda de forma honesta ao questionário evitando respostas rápidas e pouco refletidas na parte final do questionário.

Quadro 2- Estrutura do questionário utilizado

Partes do questionário	Nº de perguntas	Perguntas a que responde em cada parte
Nível de contacto com o turismo e entendimento sobre a atividade.	1-10	- O grau de envolvimento entre residentes e visitantes altera a perceção e as atitudes dos residentes em relação ao turismo?
Impactes do turismo.	11	- Quais são os impactes que os residentes mais referem? - Quais são os impactes que os residentes mais referem e avaliam de forma negativa?
Perceção sobre a realidade atual do turismo e destino.	12-17	- Qual é a perceção do residente da fase em que se encontra o município em relação ao turismo?
Perfil sociodemográfico do inquirido.	18-25	- As perceções dos residentes alteram-se conforme a idade, o nível de escolaridade, o sexo, o estado civil, grau de escolaridade, a situação profissional ou o rendimento familiar?

Fonte: Elaboração própria tendo por base o questionário utilizado.

O questionário encerrou 25 perguntas (consultar Anexo 1). A primeira parte permitiu identificar o local de residência do inquirido, assim como o nível de contacto entre residente e turista. Deste modo conseguimos aferir se os residentes tendem a mudar os seus hábitos dependendo do contacto com os turistas.

As questões 11 e 11.1 tiveram como objetivo aferir os impactes económicos, socioculturais e ambientais tanto positivos como negativos. Foram usadas afirmações usando uma escala de Likert de 5 níveis. Esta escala, possibilita emitir um grau de concordância sobre uma afirmação qualquer, o que a torna fácil de manusear sendo esta a sua maior vantagem (Costa, 2011).

Foram também consideradas várias questões abertas e de escolha múltipla que foram essenciais para entendermos a perceção sobre a realidade do turismo em Arcos de Valdevez, nomeadamente, a opinião em relação ao número de turistas e a opinião em relação ao tipo de turismo que é mais praticado em Arcos de Valdevez. Nesta parte foram também incluídas duas perguntas abertas, que tinham como objetivo perceber as preocupações dos residentes em relação ao turismo, assim como, aferir a opinião dos residentes em relação ao que se pode fazer para melhorar o turismo.

A última parte do questionário era constituída por perguntas que nos ajudaram a obter informação sobre o perfil sociodemográfico dos inquiridos, como a idade, o sexo, o nível de instrução e o rendimento líquido familiar mensal.

Também foi realizado um pré-teste, que serviu para verificar o tempo médio de resposta ao questionário, se havia perguntas que não eram entendidas pelos inquiridos, testar a sequência das mesmas e se havia alguma questão que deveria ser considerada. O pré-teste ocorreu durante o mês de abril de 2020. Foram aplicados 6 questionários a pessoas de diferentes idades de Arcos de Valdevez e 5 questionários a pessoas que não eram residentes em Arcos de Valdevez.

Aquando da aplicação do pré-teste, a crítica mais apontada foi o tempo de demora a preencher o questionário, ainda que não tenha demorado mais de 5 minutos a preencher. Consideramos que as perguntas que estavam no questionário eram imprescindíveis para o estudo que pretendíamos e não procedemos a alterações, porque não foram reportadas dificuldades de preenchimento.

Por último, para analisarmos os dados dos questionários foi utilizado o programa SPSS, versão 27. O facto de o questionário ter sido aplicado *on-line*, revelou ser uma mais-valia na análise dos dados, porque foi possível descarregar as respostas dos questionários para o programa Excel e do Excel passar diretamente para o SPSS, embora a base de dados que foi criada automaticamente tenha sofrido modificações, para se avaliarem de forma mais objetiva as variáveis pretendidas. A poupança de tempo foi evidente entre o momento de obtenção dos dados e a sua análise.

Para complementar a perceção dos residentes optou-se por realizar uma entrevista ao Sr. Presidente da Câmara de Arcos de Valdevez, mas não foi possível obter uma resposta positiva devido, entre outros aspetos à situação pandémica que se vive, embora tivéssemos tentado diversas vezes entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021. Decidimos enviar as perguntas via *e-mail* por considerarmos ser mais rápido obter resposta, mas ainda assim não conseguimos obter uma resposta positiva à data de finalização da presente dissertação.

O guião da entrevista estava dividido em três partes. Iniciou-se com uma pequena introdução, onde agradecemos a colaboração e apresentamos os objetivos da inquirição, seguida de 14 perguntas sobre a temática, e por último, uma pergunta de resposta aberta (Anexo 2).

As 14 questões que foram colocadas permitiram-nos abordar diferentes temas, nomeadamente: a importância do turismo para o município; a estrutura da gestão do turismo no município; as estratégias promocionais para divulgação do município; a integração e envolvimento comunitário com o turismo; e os diferentes impactes do turismo. Importa referir que o guião da entrevista foi baseado no guião do estudo de Lopes (2016) e de Scalabrini (2017).

3.2 Fontes Secundárias

No que diz respeito às fontes secundárias, numa primeira parte foi consultada a bibliografia existente, nomeadamente livros, teses, dissertações académicas e artigos científicos, de forma a se conseguir definir vários conceitos indispensáveis ao estudo, como o conceito de desenvolvimento sustentável ou a evolução do turismo e as suas mudanças ao longo do tempo.

Recorremos aos dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) relativos aos Censos de 1991 e de 2011, assim como aos dados das estimativas da população residente no ano de 2019, que foram imprescindíveis para a caracterização sociodemográfica do município de estudo.

Foram utilizados os seguintes documentos: “Censos 1991, resultados definitivos”, publicado em setembro de 1996, “Censos 1991, resultados definitivos: região Norte”, publicado em outubro de 1993. Para a recolha dos dados relativos aos Censos de 2011, consultámos o documento intitulado de “Censos 2011, Resultados Definitivos- Região Norte, XV Recenseamento Geral da População”, publicado em 2012.

Recorremos também aos dados publicados anualmente no Anuário Estatístico da Região Norte, que nos permitiu caracterizar a procura e a oferta turística.

Os dados disponíveis no INE foram depois tratados no Programa Excel e permitiram-nos fazer uma caracterização sociodemográfica do município, assim como, comparar o município com os restantes municípios da sua sub-região.

Por último, utilizámos também diferentes versões da CAOP (Carta Administrativa Oficial de Portugal), que nos serviram para elaborar os mapas utilizados neste estudo e os dados foram tratados no programa ArcMap-ArcGis 10.6.1.

3.3 Síntese

No presente capítulo foram descritas detalhadamente as fontes utilizadas na investigação realizada, assim como as limitações com as quais nos deparamos. Adotou-se uma abordagem mista por considerarmos ser a mais completa para o estudo em questão.

A forma de aplicação do inquérito por questionário aos residentes de Arcos de Valdevez foi o principal obstáculo encontrado. Dada a situação em que vivemos devido ao surgimento do vírus SARS-CoV-2, a forma inicialmente planeada de aplicar os questionários aos residentes teve que ser alterada. O objetivo inicial era entregar o questionário, na primavera de 2020, aos alunos da escola secundária de Arcos de Valdevez, mas tal não foi possível devido ao encerramento das escolas em março de 2020. Esta situação fez com que tivéssemos de encontrar uma nova forma de implementar o questionário assumindo a

aplicação *on-line* como uma boa solução, o que obviamente teve aspetos positivos e negativos, como foram referidos no *item 3.1.1*. Como aspeto positivo destaca-se a ausência de utilização de papel, o facto de todas as perguntas terem de ser respondidas pelos inquiridos (proporcionando uma análise mais completa), e também a maior facilidade na criação da base de dados. Não obstante, destaca-se a dificuldade em recolher a opinião da população mais idosa, ainda que se trate de uma parcela da população que interage menos com os turistas e que é menos ativa em termos de propostas estratégicas para a atividade turística. A utilização de grupos do *Facebook* permitiu obter 214 respostas, revelando ser uma boa amostra, em termos de volume, que permitiu realizar uma análise estatística consistente e robusta.

4. Caraterização sociodemográfica e do turismo no município de Arcos de Valdevez

Para entender a evolução sociodemográfica de Arcos de Valdevez ao longo das últimas décadas recorreu-se aos dados disponibilizados pelo INE relativos aos Censos de 1991 e de 2011. Foram também utilizados os dados das estimativas da população residente referentes ao ano de 2019, publicadas também pelo INE.

O *site* do Instituto Nacional de Estatística permite ter acesso a informação variada que ajuda a compreender as dinâmicas da população e do território. Pretendeu-se através da análise dos indicadores perceber as principais limitações que a atividade turística tem ou pode vir a ter devido às suas particularidades sociodemográficas e económicas. De que forma as caraterísticas do município podem condicionar o desenvolvimento da atividade turística? Por outro lado, perceber como o turismo pode ajudar a mudar a conjuntura do município a curto e a médio prazo. Deste modo, foi imprescindível analisar, no presente capítulo, diferentes variáveis ligadas à população, nomeadamente a evolução da população residente ao longo das últimas décadas, a estrutura etária do município, o índice de envelhecimento e o nível de instrução.

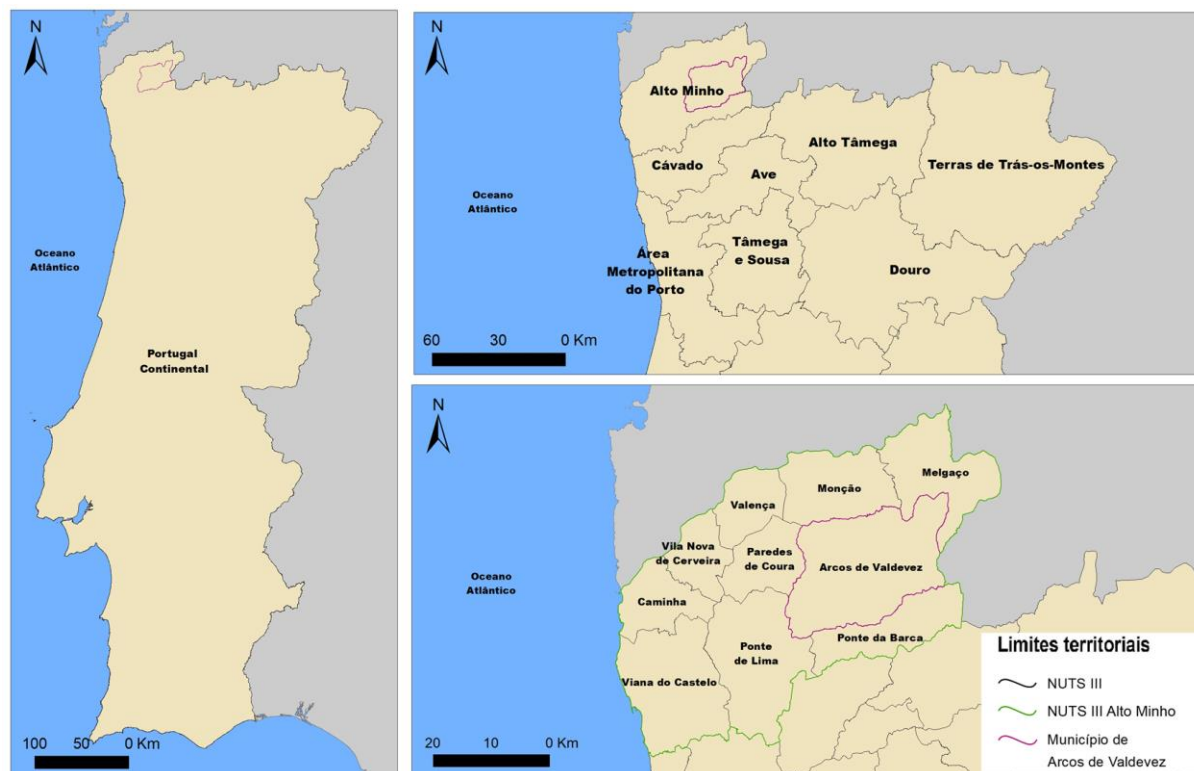
Numa segunda parte o capítulo foca-se na oferta e na procura turística do município. Com a análise da procura e da oferta turística pretende-se compreender como tem evoluído o número de turistas e quais as caraterísticas dos que visitam Arcos de Valdevez.

4.1 Caraterização sociodemográfica e económica do município de Arcos de Valdevez

4.1.1 Aspetos da evolução da população

Inicia-se este *item* com um breve enquadramento do município de Arcos de Valdevez, que se localiza em Portugal Continental, mais especificamente no noroeste. Pertence ao distrito de Viana do Castelo e insere-se na NUTS II Norte e na NUTS III do Alto Minho (Figura 5). Representa aproximadamente 20% da área total do Alto Minho e 2% da área total da Região Norte (Município de Arcos de Valdevez, 2014).

Figura 5- Localização do município de Arcos de Valdevez na NUTS II Norte, na NUTS III Alto Minho e relativamente aos municípios vizinhos



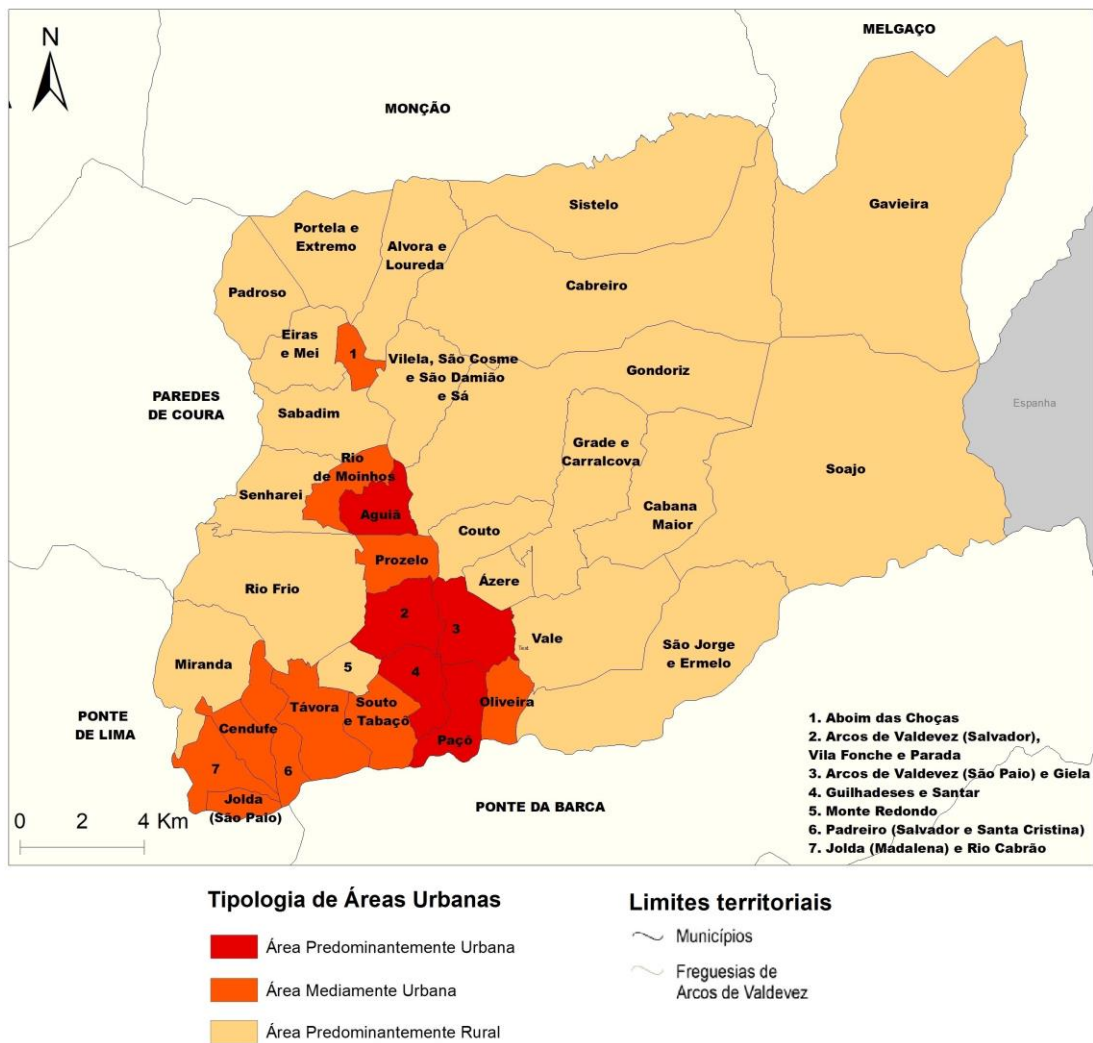
Fonte: Elaboração própria com base na Carta Administrativa Oficial Portuguesa (CAOP), 2019.

Arcos de Valdevez encontra-se atualmente dividido em 36 freguesias, com uma área total de 447,60 km² (Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2019) e possuía, em 2011, 22 847 habitantes (INE, 2012).

Tendo por base a versão mais recente da Tipologia de Áreas Urbanas referente ao ano de 2014, 10 freguesias foram consideradas Áreas Mediamente Urbanas (AMU), 21 freguesias foram consideradas Áreas Predominantemente Rurais (APR) e apenas 5 foram consideradas Áreas Predominantemente Urbanas (APU) (Figura 6).

A aplicação desta tipologia confirma que estamos perante um município com forte pendor rural, condicionando o tipo de turismo que domina o território.

Figura 6- Tipologia das freguesias do município de Arcos de Valdevez



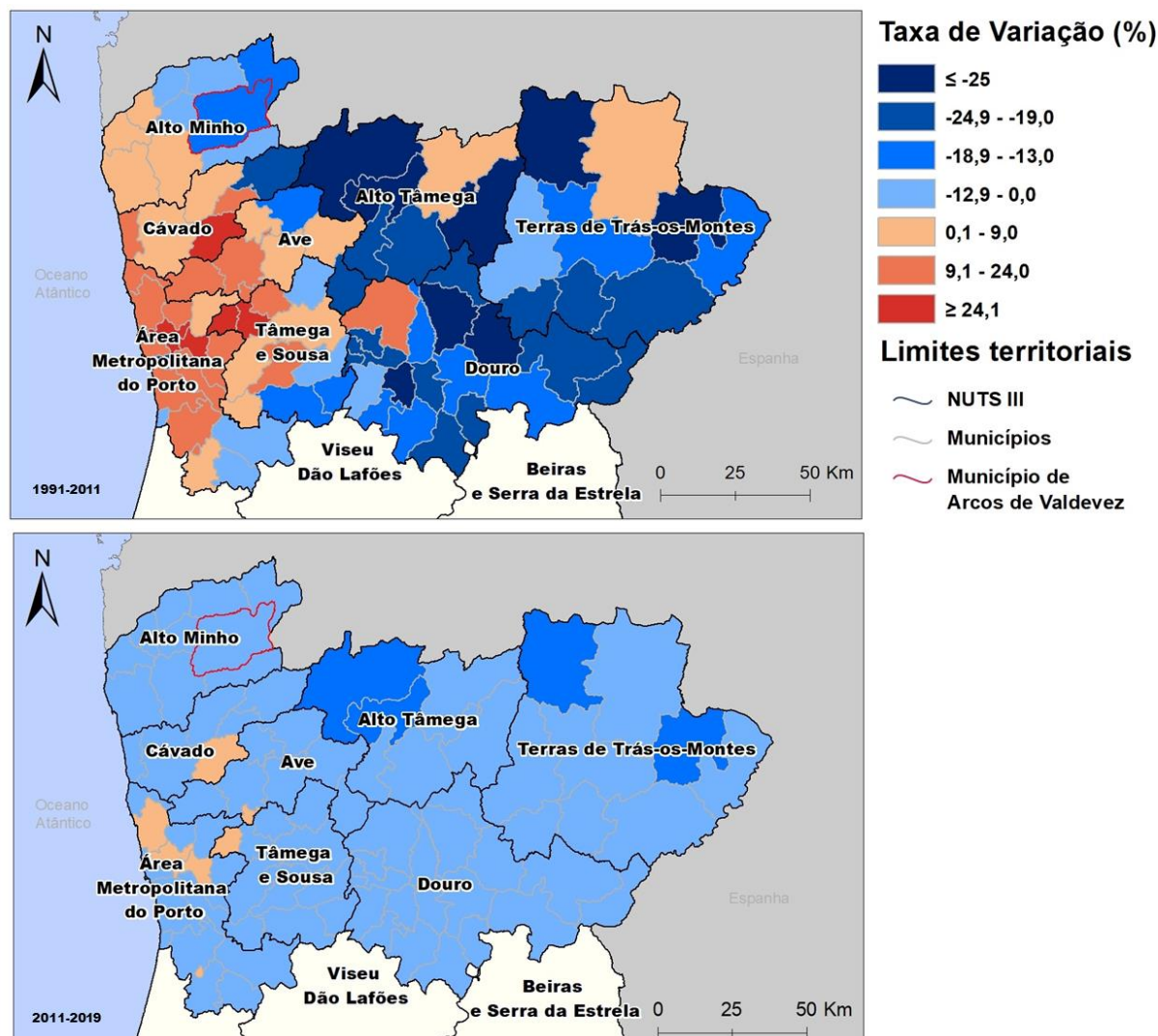
Fonte: Elaboração própria tendo por base a TIPAU 2014 (INE) e a Carta Administrativa Oficial Portuguesa (CAOP), 2019.

Para o desenvolvimento de um turismo sustentável de um qualquer destino, é importante estudar as características territoriais, os recursos e as atrações do município. Para um estudo completo da atividade turística de um determinado destino, é indispensável compararmos os dados do município onde se insere com os dos restantes municípios da região e da sub-região em que se insere, assim como com Portugal, de modo a avaliar o território como um todo, e perceber qual o posicionamento do município. Também porque é importante aferir como é que um destino pode ser enquadrado numa estratégia de desenvolvimento que consiga combater mais a sazonalidade e que seja mais consistente e bem-sucedida. Deste modo foram analisados e comparados os dados de Arcos de Valdevez com os dados da sub-região do Alto Minho (NUTS III), da região Norte (NUTS II) e de Portugal.

Entre 1991 e 2011 foi notório um aumento da população em Portugal, registando-se uma taxa de variação de 7,0% (Quadro 3). A região Norte seguiu a mesma tendência, registando uma taxa de variação

de 7,2% entre 1991 e 2011. Contudo, foram visíveis as desigualdades no seio da região Norte (Figura 7).

Figura 7- Taxa de variação da população (%), por município, na região Norte entre 1991 e 2011 e entre 2011 e 2019



Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (1991 e 2011) e a CAOP 2019.

O interior Norte registou valores positivos em apenas três municípios (Chaves, Bragança e Vila Real), que compreendem as sub-regiões do Alto Tâmega, de Terras de Trás os Montes, e do Douro. Montalegre e Carraceda de Ansiães pertencentes a duas destas sub-regiões, a sub-região do Alto Tâmega e a sub-região do Douro, foram os dois municípios que mais população perderam entre 1991 e 2011 tendo sido os únicos a ultrapassar os -30% de população (-31,9% e -31,0%, respetivamente).

Por sua vez no litoral Norte os valores foram, na sua maioria, positivos, principalmente nas sub-regiões do Cávado, do Ave, da Área Metropolitana do Porto e do Tâmega e Sousa. Foram estas quatro sub-

regiões que contrabalançaram os valores negativos das sub-regiões do interior Norte. É notório o contraste entre o interior e o litoral da região Norte, que se deve ao saldo migratório negativo e ao êxodo rural para os municípios mais urbanizados do litoral (*e.g.*, Braga) e para as Áreas Metropolitanas do Porto e de Lisboa.

Por esse motivo a mais elevada variação da população residente registou-se no município da Maia, que pertence à Área Metropolitana do Porto, que registou um aumento de 45,3%. O município de Braga foi o segundo a registar um maior aumento de população (28,5%).

O Alto Minho apesar de pertencer ao litoral Norte perdeu população (-2,1%). Quando são analisados os municípios que compreendem esta sub-região denota-se que em apenas quatro dos dez municípios houve um aumento da população residente, sendo estes: Caminha (2,9%), Ponte de Lima (0,2%), Viana do Castelo (6,8%) e Vila Nova de Cerveira (1,2%) (Quadro 3).

O município de Arcos de Valdevez sofreu uma perda de 4 129 indivíduos no que diz respeito ao total de residentes entre 1991 e 2011, o que corresponde a uma taxa de variação negativa da população residente na ordem dos -15,3%. Somente Melgaço registou uma perda superior (-16,4%). Contudo, Arcos de Valdevez é o terceiro município com mais população da sub-região em que se insere e apenas Viana do Castelo e Ponte de Lima revelaram valores superiores (Quadro 3).

Como o último Recenseamento Geral da População foi realizado há praticamente dez anos, torna-se necessário analisar os dados das estimativas anuais da população residente referentes ao ano de 2019. Denota-se uma contínua perda de população em todo o território nacional, assim como em todas as sub-regiões da região Norte, refletindo-se numa taxa de variação negativa entre 2011 e 2019 em todas as unidades territoriais estudadas (NUTS I, NUTS II Norte e NUTS III Alto Minho- Quadro 3). Teremos que aguardar pela realização do próximo Recenseamento Geral da População para confirmar, com dados universais, estes resultados.

No Norte apenas sete municípios registaram valores positivos (Vila do Conde, Braga, Vizela, Paços de Ferreira, São João da Madeira, Maia e Valongo). Apenas São João da Madeira (1,1%), Maia (2,75) e Valongo (3,8%) registaram um aumento superior a 1%.

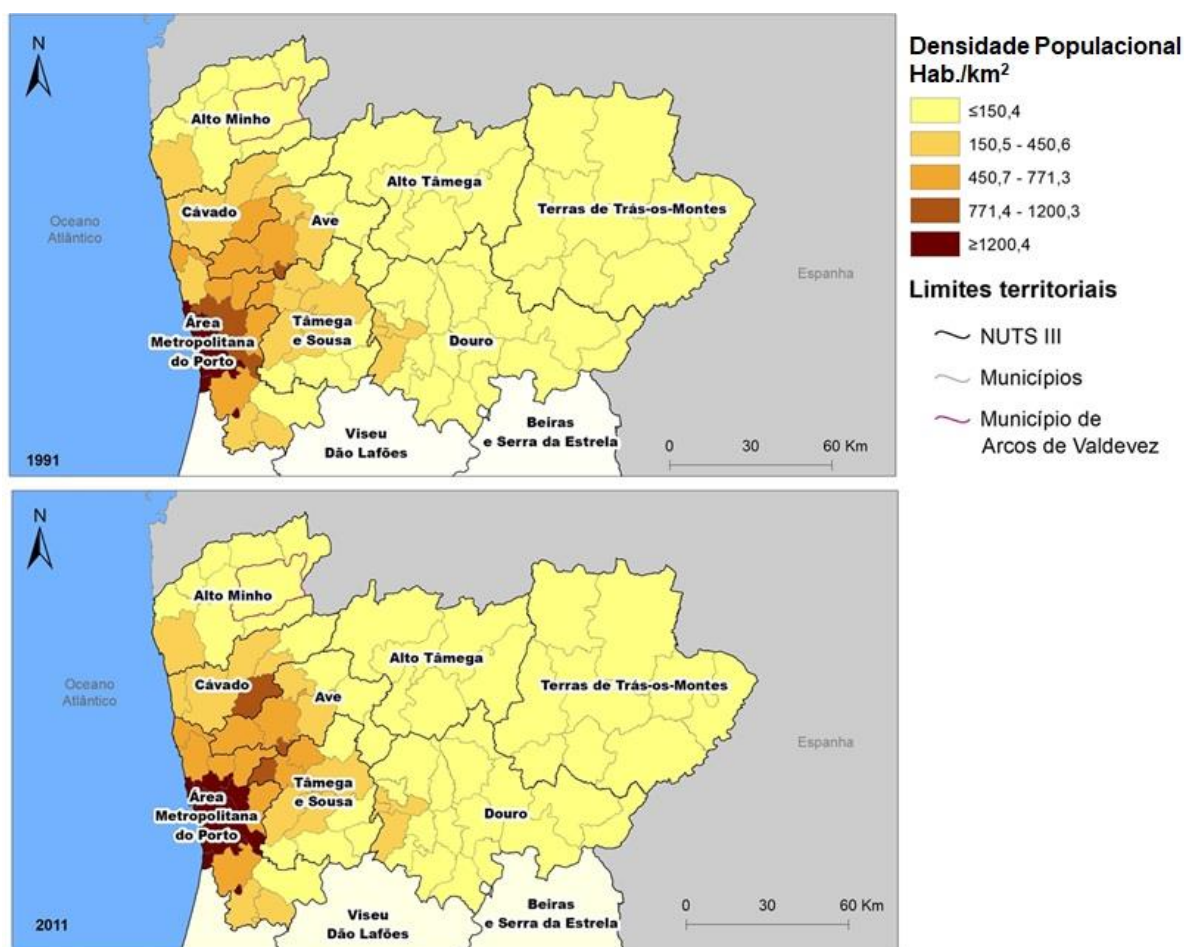
À semelhança do sucedido no período compreendido entre 1991 e 2011 também entre 2011 e 2019 o município de Montalegre continuou a ser o que registou uma maior perda de população da região Norte (-14,6%).

O município de Arcos de Valdevez registou o valor negativo de -8,4%, sendo este superior à região e à sub-região em que se insere e, mais uma vez, apenas Melgaço ultrapassou os valores do município de estudo.

A variação da densidade populacional segue a mesma tendência da taxa de variação. Assim, as entidades territoriais que registaram um aumento na população entre 1991 e 2011, também registaram um aumento na densidade populacional. No mesmo sentido, as entidades territoriais que perderam população revelaram valores inferiores na densidade populacional.

Denota-se, mais uma vez, a forte concentração populacional no litoral Norte, que contrasta com o despovoamento do interior Norte. É evidente o aumento da densidade populacional na Área Metropolitana do Porto entre 1991 e 2011 (Figura 8).

Figura 8- Evolução da densidade populacional, por município, na região Norte em 1991 e 2011



Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (1991 e 2011) e a CAOP 2019.

Em síntese, a sub-região do Alto Minho tem vindo a perder população, o que obviamente originou um decréscimo na densidade populacional. Arcos de Valdevez seguiu a mesma tendência e registou uma variação negativa em termos de densidade populacional (-9,4%) possuindo em 2011 uma baixa densidade (51 Hab./Km²).

Os valores da densidade populacional comprovam também a regressão demográfica que o país atravessa e evidenciam o crescimento do litoral Norte face ao despovoamento do interior Norte (Quadro 3).

Quadro 3- População residente, taxa de variação e densidade populacional, em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III) e nos seus municípios em 1991 e em 2011

Entidade Territorial	População Residente					Densidade Populacional		
	Nº			Taxa de Variação (%)		Hab./km2		Variação
	1991	2011	2019	91/11	11/19	1991	2011	91/11
Portugal	9 867 147	10 562 178	10 295 909	7,0	-2,5	107,1	114,5	7,4
Continente	9 375 926	10 047 621	9 798 859	7,2	-2,5	105,3	112,8	7,5
Norte	3 472 715	3 689 682	3 575 338	6,2	-3,1	163,1	173,3	10,2
Alto Minho	250 059	244 836	230 412	-2,1	-5,9	112,7	110,4	-2,4
Arcos de Valdevez	26 976	22 847	20926	-15,3	-8,4	60,4	51,0	-9,4
Caminha	16 207	16 684	15 877	2,9	-4,8	117,9	122,2	4,3
Melgaço	11 018	9 213	8 093	-16,4	-12,2	46,3	38,7	-7,6
Monção	21 799	19 230	17 869	-11,8	-7,1	103,2	91,0	-12,2
Paredes de Coura	10 442	9 198	8 535	-11,9	-7,2	75,5	66,6	-8,9
Ponte da Barca	13 142	12 061	11 180	-8,2	-7,3	72,1	66,2	-5,9
Ponte de Lima	43 421	43 498	41 315	0,2	-5,0	135,4	135,8	0,4
Valença	14 815	14 127	13 290	-4,6	-5,9	126,3	120,6	-5,7
Viana do Castelo	83 095	88 725	84 417	6,8	-4,9	260,8	278,1	17,3
Vila Nova de Cerveira	9 144	9 253	8 910	1,2	-3,7	84,2	85,3	1,1

Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (1991 e 2011) e os dados das estimativas da população residente do ano de 2019 disponíveis em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008273&xlang=pt, acedido a 10/09/2020.

Quase todas as freguesias do município de Arcos de Valdevez registaram valores negativos na taxa de variação da população entre 1991 e 2011, com exceção das freguesias que constituem a parte central do mesmo, onde se localiza a Vila de Arcos de Valdevez.

Deste modo, evidenciou-se um maior crescimento populacional nas freguesias centrais do município, nas freguesias urbanas, onde se encontram os bens e serviços, as melhores acessibilidades, assim como mais ofertas de emprego.

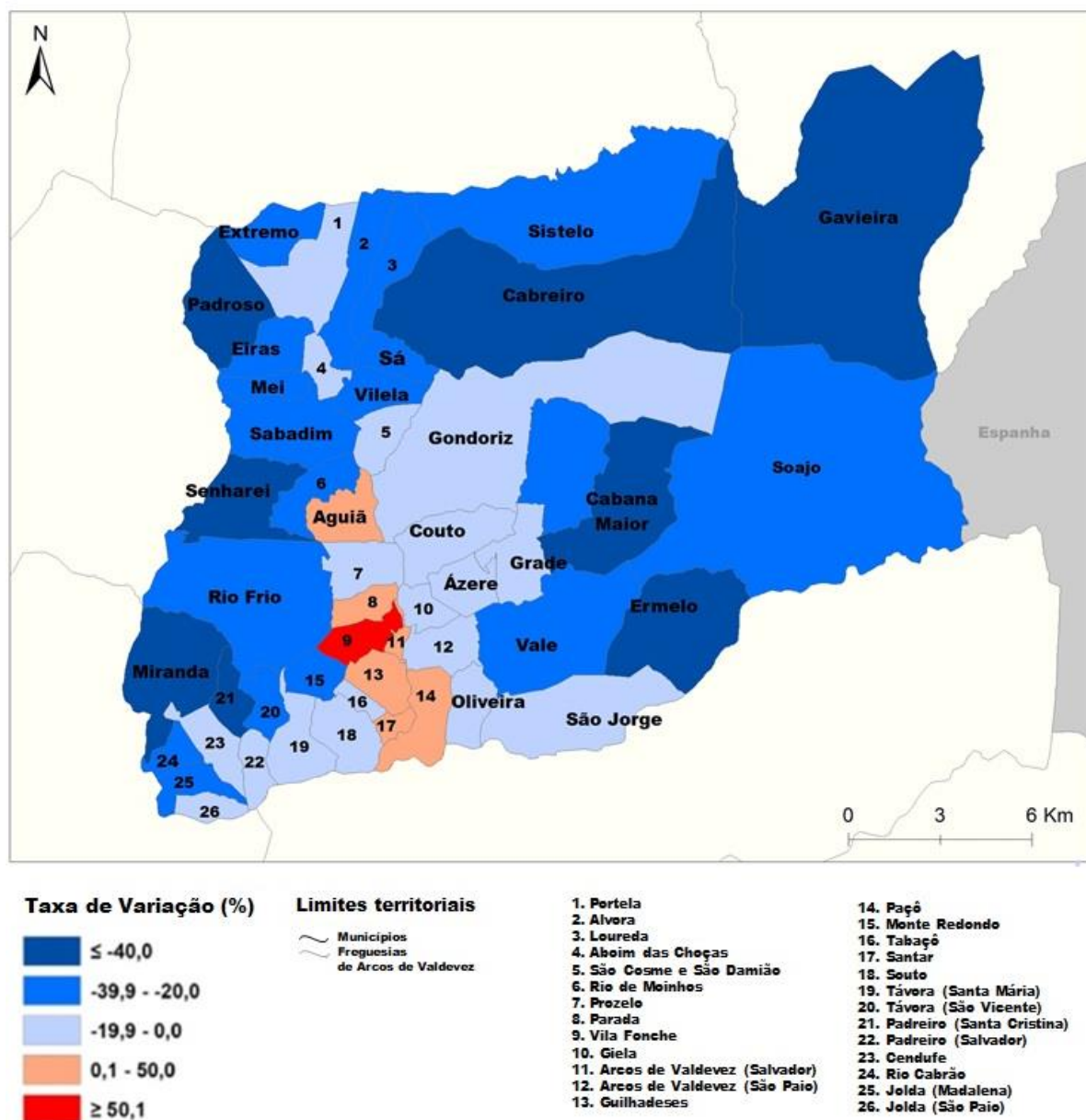
É importante referir que em 2011 ainda não tinha acontecido a reorganização administrativa das freguesias. Por este motivo os mapas com dados dos Censos 2011 não contêm as uniões de freguesias, mas sim as 51 freguesias que constituíam o município à época.

Apenas 7 freguesias registavam valores positivos, nomeadamente: Parada, Vila Fonche, São Salvador [que atualmente constituem a União de Freguesias de Arcos de Valdevez (Salvador), Vila Fonche e Parada], Guilhadeses, Santar (atualmente União de Freguesias de Guilhadeses e Santar), Aguiã e Paço. Destas 7 destaca-se a freguesia de Vila Fonche que foi a que revelou um maior aumento populacional (123,4%). As restantes 44 freguesias apresentavam relevantes variações negativas, destacando-se 8 freguesias pela sua variação igual ou inferior a -40% (Figura 9).

A acentuada perda de população que se verifica em Arcos de Valdevez pode ser esbatida pelo crescimento da atividade turística no município. Como já destacámos antes, o município é predominantemente rural e, além disso, integra o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), que tem como produtos para ofertar o turismo de natureza e o turismo rural. Os agentes locais têm vindo a promover o PNPG, com o intuito de atrair mais turistas. Acreditamos que o município poderá vir a tirar mais partido da marca PNPG, com uma maior promoção a nível nacional e internacional, divulgando mais o património existente nas cinco freguesias (Cabreiro, Gondoriz, Cabana Maior, Soajo e Gavieira), que integram o PNPG e também fazendo parcerias com os restantes municípios que integram o PNPG (Montalegre, Ponte da Barca, Terras de Bouro e Melgaço), ajudando a fixar a população jovem. Temos, no entanto, consciência da dificuldade em o conseguir enquanto estivermos em período pandémico.

As cinco freguesias que integram o PNPG são das freguesias que perderam mais residentes entre 2001 e 2011 (Censos, 2011), sendo que duas delas registaram os dois valores mais elevados de perda de população (Cabana Maior e Gavieira), induzindo a necessidade de promover mais a atividade turística, como acontece noutras aldeias do PNPG, nomeadamente nas freguesias de Vieira do Minho, onde esta atividade tem um papel crucial na economia da população.

Figura 9- Taxa de variação da população, por freguesia, no município de Arcos de Valdevez, entre 1991 e 2011



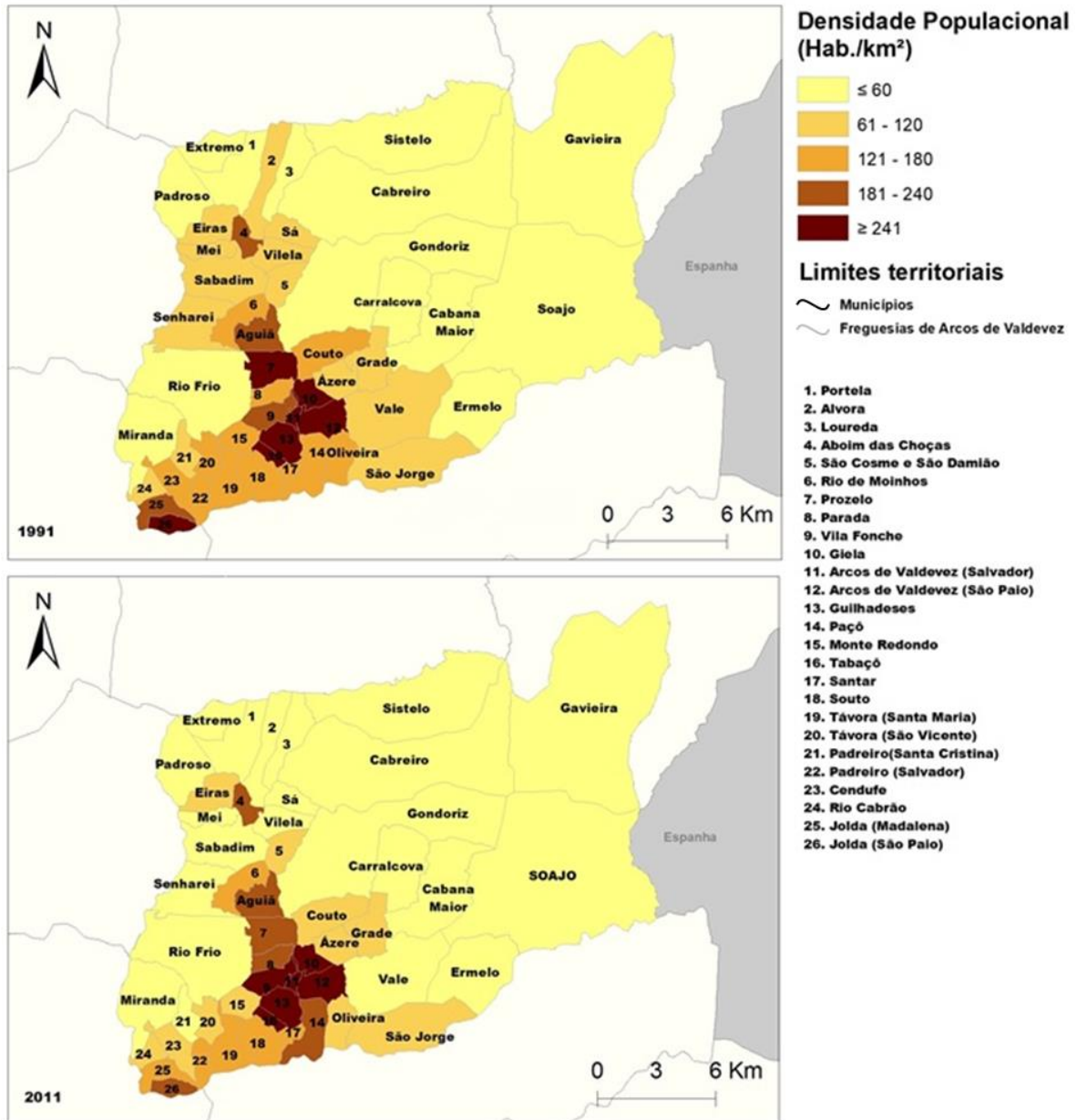
Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 1991 e 2011 e a CAOP de 2009.

Seguindo a mesma tendência da taxa de variação, a densidade populacional do município no ano de 1991 e 2011, evidencia um aumento da população nas freguesias centrais do município (Figura 10). Esta centralização de vários equipamentos e serviços verificada no município acentua desigualdades sociais, porque a população das áreas rurais está cada mais isolada acentuando-se este isolamento com a falta de transportes públicos em várias freguesias.

A freguesia de Arcos de Valdevez (São Salvador) é a que regista uma maior densidade populacional, seguindo-se Guilhadeses, Arcos de Valdevez (São Paio), Tabaçô e Vila Fonche.

De modo geral, é um município com uma densidade populacional baixa, que tem vindo a perder população nas freguesias consideradas Áreas Predominantemente Rurais, para as freguesias consideradas como Áreas Predominantemente Urbanas, segundo a TIPAU (INE, 2014).

Figura 10- Densidade populacional, por freguesia, no município de Arcos de Valdevez no ano de 1991 e 2011

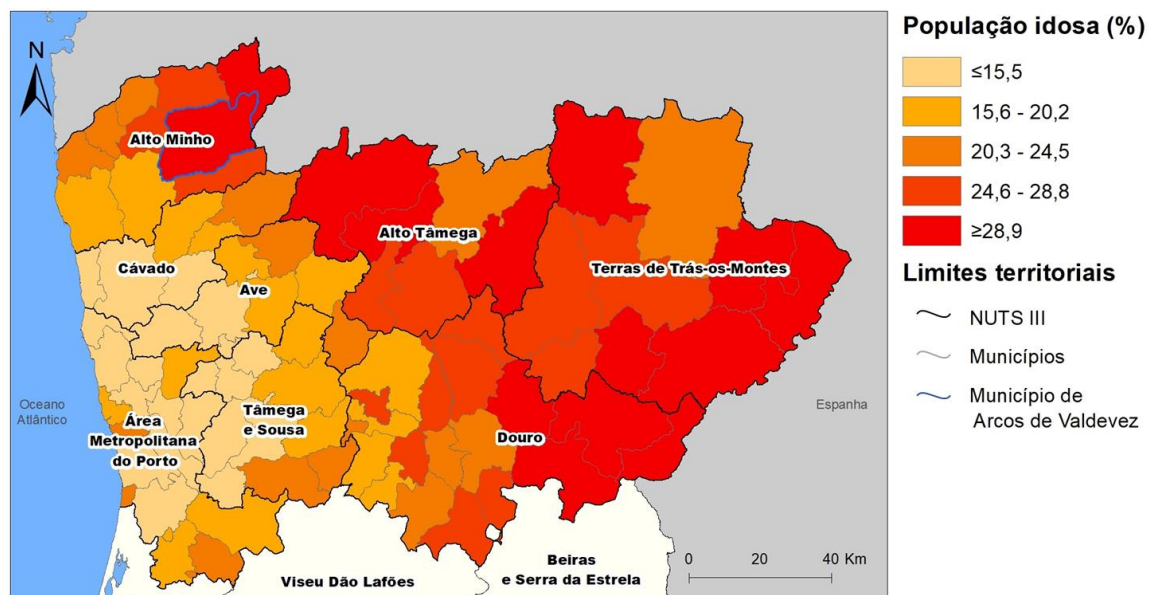


Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 1991 e 2011 e a CAOP de 2009.

A Figura 11 e a Figura 12, assim como o Quadro 4, apesar de representarem diferentes indicadores, confirmam a elevada percentagem de idosos que se reflete num elevado Índice de Dependência dos Idosos (Quadro 5).

Também é notória a assimetria da percentagem de idosos sendo nas sub-regiões do interior que as percentagens são mais elevadas (Figura 11). O Alto Minho, embora se localize no litoral Norte, concentra uma grande proporção de idosos destacando-se o município de Arcos de Valdevez (30,9%), além do município de Melgaço (36,6%).

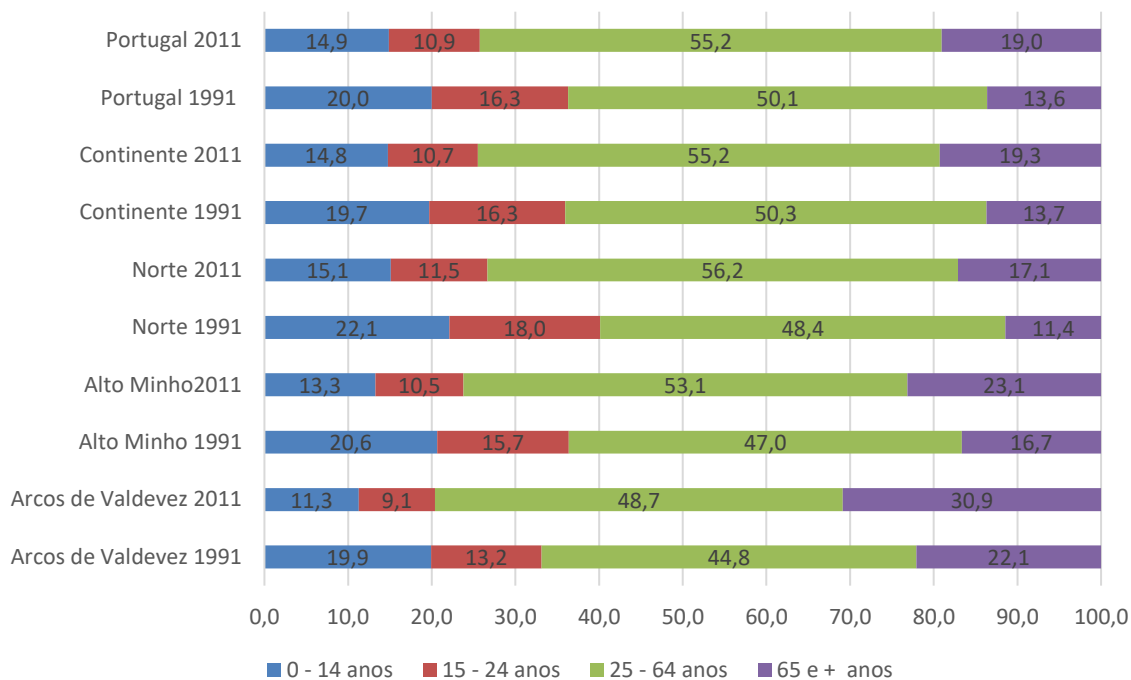
Figura 11 - Percentagem de idosos, por município, na região Norte em 2011



Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (2011) e a CAOP 2019.

A análise sobre os grupos etários do município de Arcos de Valdevez é elucidativa do envelhecimento progressivo da sua população condicionando vários aspetos económicos, tais como a capacidade empreendedora (Figura 12) e nomeadamente em termos de investimentos privados na área do turismo.

Figura 12- Estrutura etária em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e em Arcos de Valdevez no ano de 1991 e de 2011



Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População em 1991 e em 2011.

Denota-se que a classe dos 65 e mais anos regista uma percentagem bastante superior à média regional e nacional quer no ano de 1991 quer no ano de 2011. A classe dos idosos tem vindo a ganhar cada vez mais significado, em detrimento das classes dos jovens (0-14 e 15-24 anos). Se compararmos com a escala regional e nacional os valores destes dois grupos etários são também inferiores no município. Arcos de Valdevez assume-se como um município envelhecido com uma elevada percentagem de idosos e reduzida percentagem de jovens, sendo difícil de prever uma inversão de tendência.

Não fugindo à tendência de Portugal, Arcos de Valdevez regista um maior número de mulheres representando 54,4% do total da população residente.

Analisando o Quadro 4, conclui-se que metade dos homens (50,7%) residentes no município tem idade compreendida entre os 25 e 64 anos, já no sexo feminino este grupo etário representa 47,1% do total das mulheres. Destaca-se também o facto de 34,3% do total das mulheres serem idosas (mais de 64 anos), esta classe etária representa 26,8% nos homens.

Quadro 4- População residente segundo os grupos etários em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios em 2011

Entidade territorial	Grupos etários									
	Homens					Mulheres				
	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	65 e mais anos	Total	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	65 e mais anos	Total
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Portugal	15,9	11,5	55,9	16,7	100	13,9	10,3	54,6	21,2	100
Continente	15,8	11,4	55,8	17,0	100	13,8	10,1	54,6	21,4	100
Norte	16,1	12,2	56,7	14,9	100	14,2	10,9	55,8	19,1	100
Alto Minho	14,5	11,4	54,2	19,8	100	12,2	9,7	52,1	26,0	100
Arcos de Valdevez	12,6	10,0	50,7	26,8	100	10,2	8,4	47,1	34,3	100
Caminha	13,6	12,2	54,4	19,8	100	10,9	9,8	52,3	27,0	100
Melgaço	9,8	9,5	47,2	33,5	100	8,2	7,4	45,3	39,2	100
Monção	11,7	10,3	53,5	24,5	100	10,1	8,2	50,5	31,3	100
Paredes de Coura	13,7	10,7	53,2	22,4	100	11,0	8,7	49,4	30,9	100
Ponte da Barca	13,9	12,1	52,1	22,0	100	11,8	9,8	50,6	27,8	100
Ponte de Lima	16,7	12,8	53,7	16,8	100	14,4	10,9	52,2	22,5	100
Valença	14,0	11,1	55,3	19,6	100	12,6	9,5	52,7	25,3	100
Viana do Castelo	15,4	11,5	56,3	16,8	100	12,9	10,2	55,0	22,0	100
Vila Nova de Cerveira	15,0	10,7	54,7	19,7	100	11,7	9,6	51,6	27,1	100

Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 2011, INE, Lisboa.

O Índice de Dependência da População permite perceber os grupos que são economicamente inativos e que dependem dos grupos ativos. O Quadro 5 indicia valores superiores no Índice de Dependência Total na sub-região do Alto Minho quando comparados com Portugal e com a NUTS II Norte, o que já seria previsível depois de se analisar o número de idosos e a estrutura etária da população.

Arcos de Valdevez regista um Índice de Dependência Total muito superior aos das médias nacionais e mesmo das NUTS II Norte e NUTS III Alto Minho resultando do elevado contributo dos idosos na estrutura da população.

Mais uma vez, comparando com os municípios integrantes da sub-região, apenas o município de Melgaço regista um Índice de Dependência dos Idosos superior ao de Arcos de Valdevez, o que faz com que o Índice de Dependência Total seja também superior.

Quadro 5- Índices de Dependência dos Idosos, dos Jovens e Total, em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios em 2011

Entidade territorial	Índice de Dependência dos Idosos	Índice de Dependência dos Jovens	Índice de Dependência Total
	N.º	N.º	N.º
Portugal	28,8	22,5	51,3
Continente	29,3	22,4	51,7
Norte	25,3	22,3	47,5
Alto Minho	36,4	20,9	57,3
Arcos de Valdevez	53,4	19,5	72,9
Caminha	36,9	19,0	55,9
Melgaço	67,3	16,4	83,7
Monção	46,2	17,7	63,9
Paredes de Coura	44,2	20,1	64,3
Ponte da Barca	40,4	20,5	61,0
Ponte de Lima	30,6	23,9	54,6
Valença	35,3	20,7	55,9
Viana do Castelo	29,4	21,2	50,7
Vila Nova de Cerveira	37,2	21,0	58,3

Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 2011, INE, Lisboa.

Os elementos patentes no Quadro 5 deixam transparecer a existência de uma pirâmide etária que apresenta uma base bastante estreita e um alargamento do topo, representando uma população do tipo regressiva. Como foi referido anteriormente, os valores elevados do número de idosos têm repercussões na economia e obviamente no setor do turismo.

Não obstante, numa população rural envelhecida onde o setor primário ainda tem bastante peso, o turismo poderá surgir como uma oportunidade para impulsionar a economia. A Câmara Municipal de Arcos de Valdevez tem vindo a apostar no setor. Exemplo disso foi a criação do Museu da Água (União

de Freguesias de Arcos de Valdevez São Paio e Giela), a construção de um Parque Biológico (Freguesia de Cabana Maior), que já se encontra numa fase avançada, com as obras quase concluídas, que terá um jardim zoológico com animais e plantas autóctones, e também houve um investimento na rede de trilhos e passadiços (Esteves, 2019).

Todavia, existem algumas limitações ao desenvolvimento desta atividade, já que os idosos não só são menos empreendedores, como também têm mais dificuldade em interagir com os turistas noutras línguas. Não obstante, têm a seu favor a possibilidade de poderem transmitir aspetos da cultura, que é mais difícil de ocorrer por parte da população mais jovem. A maior qualidade de vida existente neste tipo de territórios também poderá ser usada como estratégia de *marketing* para fixação e atração de mais população jovem, que procuram um estilo de vida diferente.

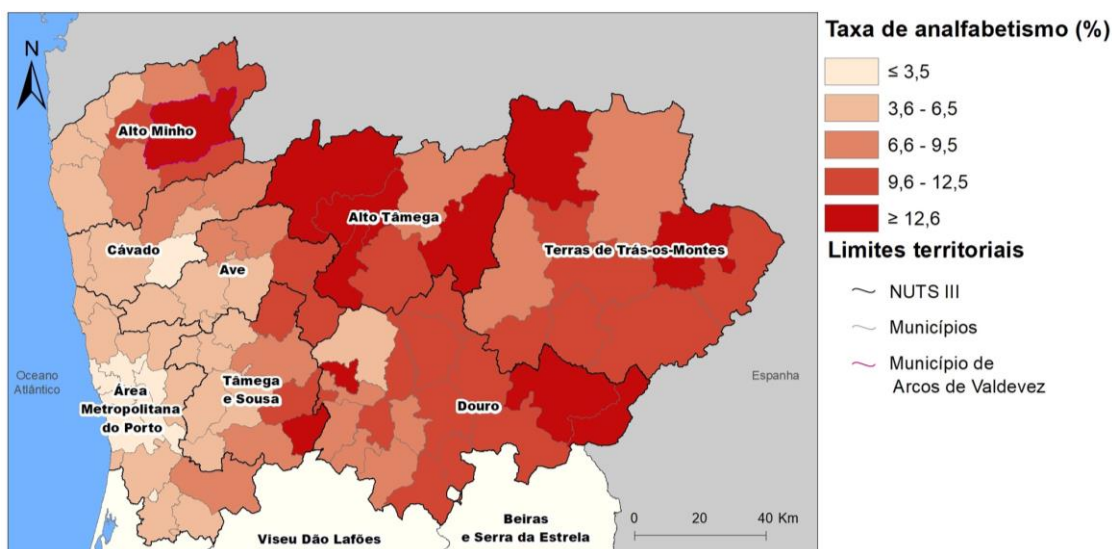
4.1.2 A formação e o nível de instrução da população

Um dos principais entraves ao desenvolvimento do turismo poderá também ser o nível de instrução da população residente, visto a atividade necessitar de mão-de-obra qualificada para muitas das suas funções. Em Portugal, a ainda expressiva taxa de analfabetismo está relacionada com o facto de parte da população não terem tido a possibilidade de estudar, pois a formação era vista como secundária, devido às dificuldades em que vivia grande parte da população.

Sendo parte dos municípios do interior Norte os mais envelhecidos, são também os que registam valores superiores em termos da taxa de analfabetismo. Os municípios com mais jovens registam valores mais baixos, destacando-se alguns municípios da Área Metropolitana do Porto e o município de Braga, com valores iguais ou inferiores a 3,5% (Figura 13).

Arcos de Valdevez destaca-se pela negativa sendo o município com a mais elevada taxa de analfabetismo do litoral Norte (Figura 13), com 12,6%, condicionando as atividades económicas que predominam.

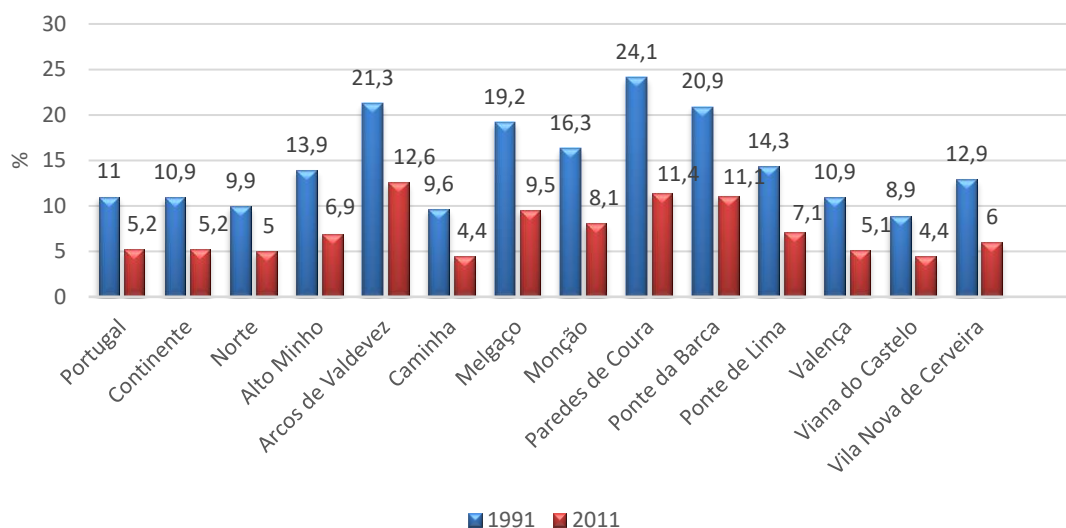
Figura 13- Taxa de analfabetismo, por município, na região Norte em 2011



Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (2011) e a CAOP 2019.

Todavia, comparando os valores de 1991 com os de 2011, ocorreram alterações significativas na taxa de analfabetismo. Diminuiu consideravelmente em Portugal passando de 11% para 5,2%. No Norte e no Alto Minho, também se verificou um decréscimo no período analisado. É de realçar os valores preocupantes que se verificam na NUTS III Alto Minho (Figura 14).

Figura 14- Taxa de analfabetismo (%) em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios, em 1991 e em 2011



Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 1991 e de 2011, INE, Lisboa.

Quando se compara Arcos de Valdevez com os restantes municípios denota-se que o valor registado tanto em 1991 como em 2011 era elevado. É evidente que o valor é explicado pelo elevado número de pessoas idosas que não tiveram oportunidade de aceder ao sistema de ensino ou de o completar e que estiveram grande parte da sua vida ligados ao setor primário (Figura 14).

Os residentes da região Norte possuem níveis de escolaridade inferiores aos dos residentes do resto do país. Os valores dos dois níveis de escolaridade mais elevados (ensino secundário e ensino superior), são inferiores na região Norte, e os valores do primeiro e do segundo ciclo são superiores ao do resto do país na região Norte.

Quadro 6- População residente segundo o nível de escolaridade (%), em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios, em 1991 e em 2011

Entidade territorial	Nível de escolaridade							
	%							
	Nenhum	Ensino Pré-escolar	Ensino básico			Ensino secundário	Ensino médio	Ensino superior
		1ª ciclo	2ª ciclo	3ª ciclo				
Portugal	8,4	2,5	29,9	10,4	15,7	16,8	0,9	15,4
Continente	8,4	2,5	29,8	10,3	15,7	16,8	0,9	15,6
Norte	8	2,4	32,1	12,3	15,8	15,1	0,8	13,5
Minho-Lima	9,3	2,3	34,8	11,8	14,6	15	0,8	11,4
Arcos de Valdevez	14,4	1,8	42,8	9,3	11,4	12,1	0,5	7,7
Caminha	6,9	2,1	34	10,5	15,2	16,9	1	13,4
Melgaço	12	1,6	46	9,1	9,9	12,5	1	7,9
Monção	10,6	2	39,3	11,1	11,7	14,4	1,1	9,8
Paredes de Coura	12,8	2,6	38,9	10,9	14,3	13	1	6,4
Ponte da Barca	13,1	1,9	37,8	10,5	13,7	14,4	0,7	7,8
Ponte de Lima	9,4	2,6	34,1	14,3	16,2	14	0,6	8,7
Valença	7,9	2,3	37,2	12,3	15,4	15,7	0,8	8,4
Viana do Castelo	7,3	2,5	29,9	12,1	15,5	16,4	0,8	15,6
Vila Nova de Cerveira	8,7	2,6	34,5	11,7	15,5	16	1,2	9,8

Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 2011, INE, Lisboa.

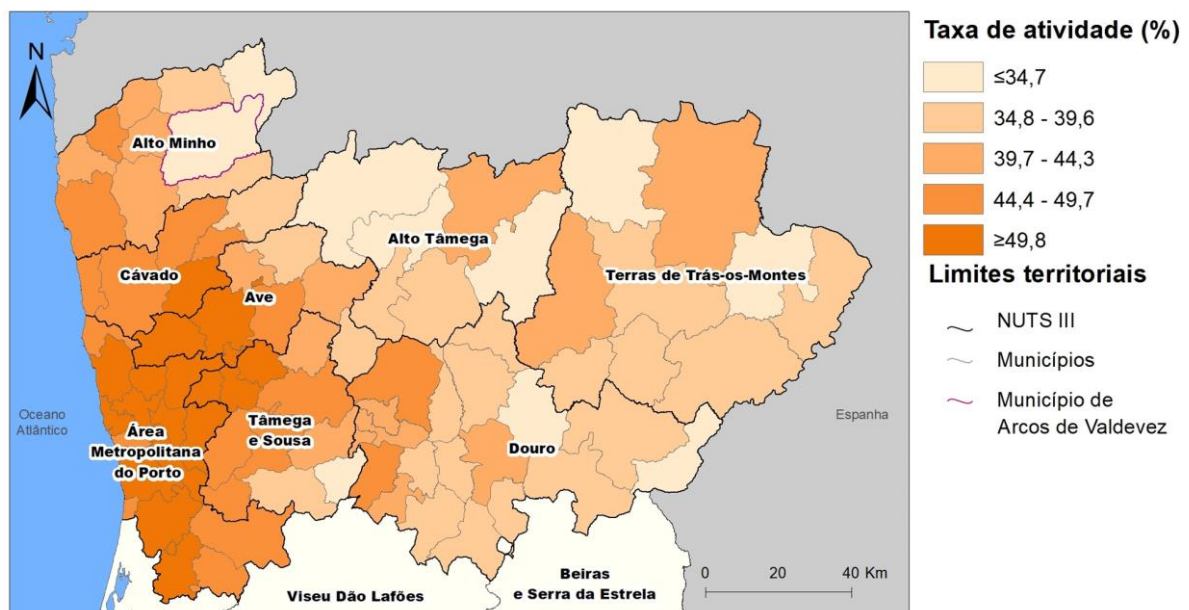
A população do Alto Minho possui níveis de escolaridade ainda mais baixos do que os da população da região Norte e Arcos de Valdevez acentua ainda mais esta discrepância. Existe um valor muito elevado de residentes com apenas o 1º ciclo do ensino básico (42,8%), concluindo que os jovens Arcuenses abandonam a escola entre o primeiro e o segundo ciclo. Apenas 7,7% da população de Arcos de Valdevez

possui o ensino superior. Mais uma vez não se pode deixar de realçar o contributo que o crescimento da atividade turística poderá conceder para a inversão desta realidade no município, visto que é uma atividade que necessita de mão-de-obra e em várias funções de pessoas com mais qualificações (Quadro 6).

4.1.3 Estrutura Económica do município de Arcos de Valdevez

Para se compreender o dinamismo da atividade económica no município é importante analisar a taxa de atividade. A região Norte apresentava em 2011 uma taxa de atividade de 47,6%. Como era expectável, face ao que já foi analisado, a taxa de atividade é inferior nos municípios onde se regista uma maior proporção de idosos. Por este motivo os municípios do litoral Norte eram os que registavam uma maior taxa de atividade, destacando-se novamente a Área Metropolitana do Porto (Figura 15).

Figura 15- Taxa de atividade (%), por município, na região Norte em 2011



Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (2011) e a CAOP 2019, INE, Lisboa.

Comparando os valores entre 1991 e 2011, a população ativa aumentou a nível nacional, assim como na região Norte e na sub-região do Alto Minho, embora nesta última o aumento tenha sido apenas de 2%. O maior contributo para este aumento deveu-se aos municípios de Caminha, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo e Vila Nova de Cerveira. Os restantes municípios, nomeadamente, Arcos de Valdevez, Melgaço, Monção, Paredes de Coura e Ponte da Barca obtiveram resultados negativos. Os valores são em todos eles bastante elevados. No caso do município em estudo revelou uma taxa de variação de -17,2% passando de 35,2% para 34,4% (Quadro 7).

Quadro 7- População ativa (nº), taxa de variação (%) e de atividade (%), em Portugal, no continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios, em 1991 e em 2011

Entidade territorial	População ativa				
	Nº		Taxa de Variação (%)	Taxa de atividade (%)	
	1991	2011	91/11	1991	2011
Portugal	4 397 710	5 023 367	14,2	44,6	47,6
Continente	4 205 049	4 780 963	13,7	44,8	47,6
Norte	1 580 411	1 756 065	11,1	45,5	47,6
Alto Minho	102 130	104 124	2,0	40,8	42,5
Arcos de Valdevez	9 493	7 859	-17,2	35,2	34,4
Caminha	6 432	7 209	12,1	39,7	43,2
Melgaço	3 714	2 903	-21,8	33,7	31,5
Monção	9 278	7 227	-22,1	42,6	37,6
Paredes de Coura	4 623	3 764	-18,6	44,3	40,9
Ponte da Barca	5 017	4 570	-8,9	38,2	37,9
Ponte de Lima	18 057	18 780	4,0	41,6	43,2
Valença	5 920	6 079	2,7	40,0	43,0
Viana do Castelo	36 206	41 585	14,9	43,6	46,9
Vila Nova de Cerveira	3 390	4 148	22,4	37,1	44,8

Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 1991 e em 2011, INE, Lisboa.

Em 2011, o setor terciário era predominante em Portugal (70,5%), assim como nas NUTS II Norte e na NUTS III Alto Minho. Este setor era o mais representativo de todos os municípios do Alto Minho.

Em Arcos de Valdevez o setor terciário registou o valor de 59,2%, estando por isso abaixo dos valores de Portugal, do Norte e da sub-região em que se insere. Segue-se o setor secundário, que representava 33,6% e o setor primário com 7,3%. O setor primário registou valores bastante acima da média nacional e regional (Quadro 8) e pode ser aproveitado, nalgumas plantas cultivadas e produtos, para desenvolvimento de atividades turísticas não massificadas e em que o turista tenha uma participação ativa.

Quadro 8- População empregada (%) nos três setores de atividade, em Portugal, no continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III), e nos seus municípios em 2011

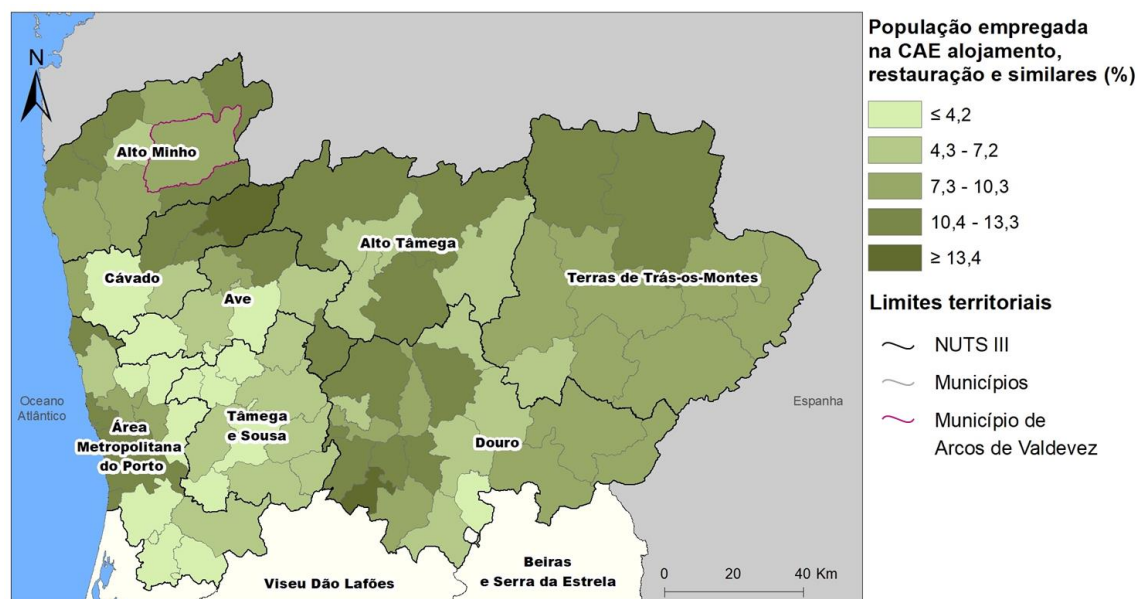
Entidade territorial	População empregada (%)			
	2011			
	Primário	Secundário	Terciário	Total
Portugal	3,1	26,5	70,5	100
Continente	2,9	26,9	70,2	100
Norte	2,9	35,5	61,6	100
Alto Minho	3,9	34,8	61,3	100
Arcos de Valdevez	7,3	33,6	59,2	100
Caminha	5,0	24,9	70,0	100
Melgaço	9,8	22,7	67,4	100
Monção	5,8	31,6	62,6	100
Paredes de Coura	5,5	37,4	57,0	100
Ponte da Barca	4,7	35,7	59,6	100
Ponte de Lima	4,4	43,2	52,4	100
Valença	3,4	31,9	64,7	100
Viana do Castelo	2,0	33,9	64,1	100
Vila Nova de Cerveira	2,8	38,9	58,3	100

Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 2011, INE, Lisboa.

Embora os dados referentes à CAE de alojamentos, restauração e similares tenham pouca representatividade quando se compara com outras atividades económicas, esta atividade tem vindo a ganhar cada vez mais importância. A CAE de alojamentos, restauração e similares (Figura 16) tem mais representatividade nos municípios onde existem mais idosos e onde a densidade populacional é menor, ou seja, em territórios mais desfavorecidos no que toca às características populacionais.

A atividade económica empregava 6,7% da população de Portugal, 5,4% da população no Norte e 6,0% da população na sub-região do Alto Minho, mostrando a importância que o turismo terá nesta última sub-região.

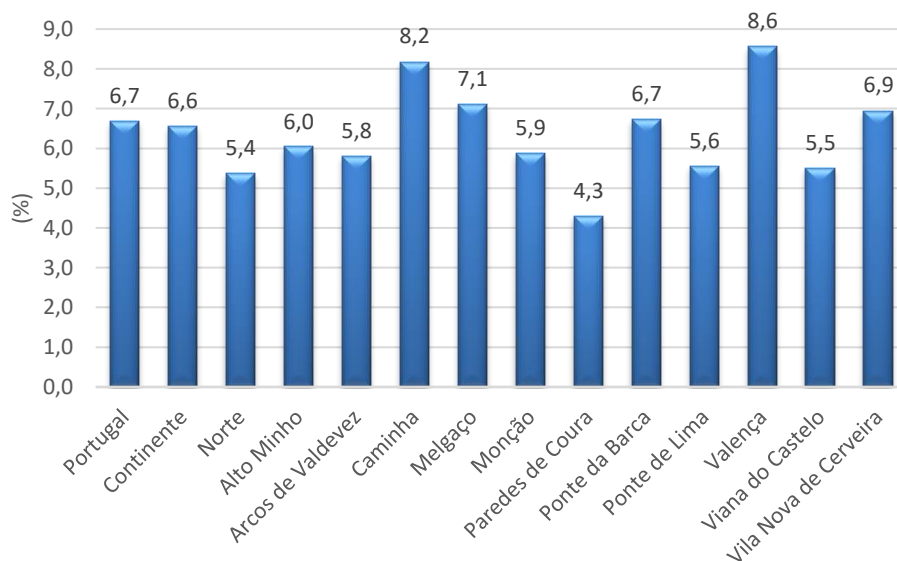
Figura 16- População empregada na CAE Alojamento, Restauração e Similares (%) nos municípios da NUTS II Norte, em 2011



Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (2011) e a CAOP 2019.

Arcos de Valdevez regista o valor de 5,8%. Quando comparado com os restantes municípios do Alto Minho, 6 dos 10 municípios registavam valores superiores, sendo em alguns destes superiores aos de Portugal, aos do Norte e aos do Alto Minho (Figura 17).

Figura 17- População empregada na CAE Alojamento, Restauração e Similares (%), em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III) e nos seus municípios em 2011

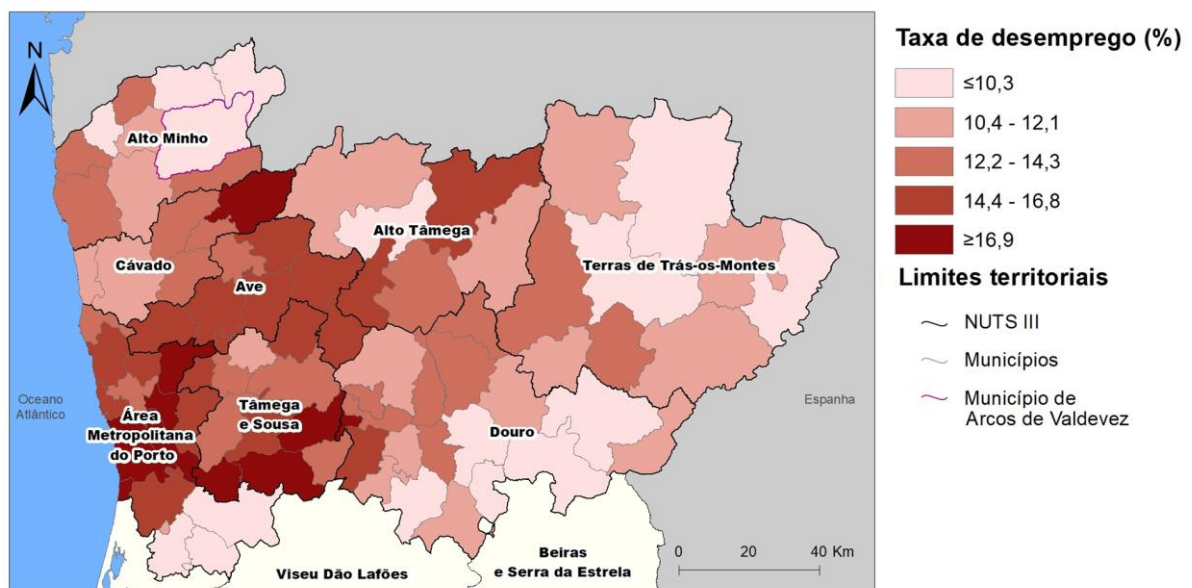


Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 2011.

Em 2011, a taxa de desemprego na região Norte era de 14,5% sendo superior à do país (13,2%). A população mais jovem era a mais atingida pelo desemprego, com 40,2% dos desempregados entre 15 e 19 anos e 23,1% entre 20 e 24 anos (INE, 2012). Estes dados revelam a falta de oportunidades que existem para os mais jovens principalmente nas áreas em que se formam.

De modo geral os municípios com maior densidade populacional são os que registam uma maior taxa de desemprego sendo visível que as sub-regiões do Cávado, do Ave, da Área Metropolitana do Porto e do Tâmega e Sousa são as mais afetadas (Figura 18).

Figura 18- Taxa de desemprego (%), por município, na região Norte em 2011

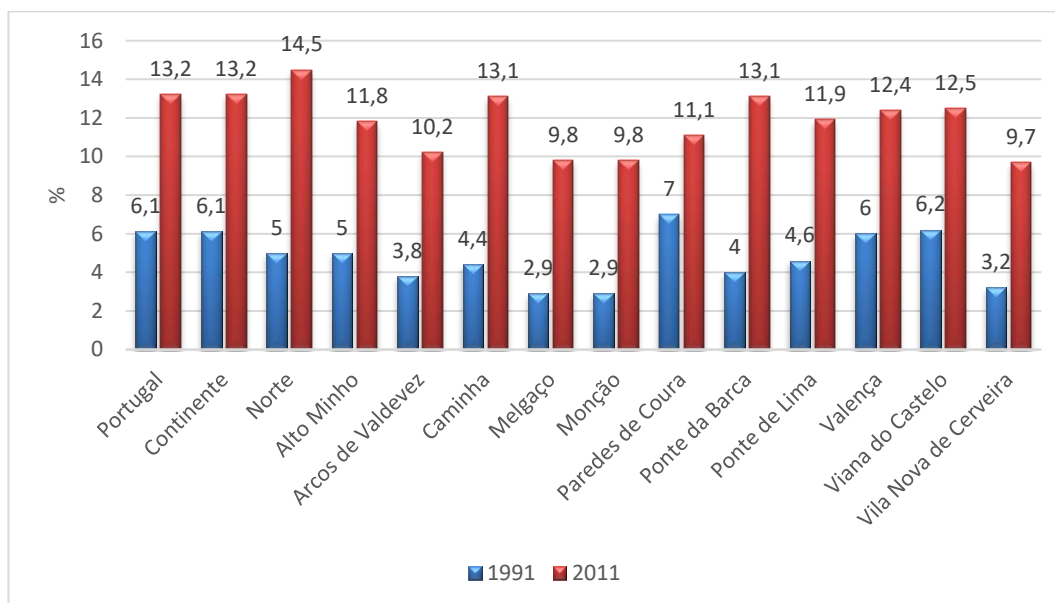


Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População (2011) e a CAOP 2019.

Entre 1991 e 2011 foi visível um aumento considerável na taxa de desemprego. Contudo, é de realçar que os valores registados na sub-região do Alto Minho foram inferiores aos de Portugal e aos do Norte em 2011 sendo reflexo dos valores registados nos municípios que integram a sub-região. Nenhum dos municípios registava, em 2011, uma taxa de desemprego superior à do Norte e à de Portugal.

Arcos de Valdevez registou uma taxa de desemprego de 10,2%, ficando abaixo da taxa média nacional do Norte e do Alto Minho (Figura 19).

Figura 19- Taxa de desemprego (%), em Portugal, no Continente, no Norte (NUTS II), no Minho-Lima (NUTS III) e nos seus municípios, em 1991 e 2011



Fonte: Elaboração própria, tendo por base os dados do Recenseamento Geral da População de 1991 e 2011.

4.2 Oferta Turística

Neste *item* é abordada a oferta turística do município. Pode-se considerar oferta turística como “o conjunto de atrativos turísticos, serviços e equipamentos, bem como as estruturas e infraestruturas que suportam essas atividades” (Pinto, 2013, p. 111).

Para caracterizar a oferta turística, foram recolhidos os dados do património classificado relacionados com a NUTS II Norte em 2015, a NUTS III Alto Minho e os municípios que integram esta última entidade territorial reportando-nos ao ano de 2020. Também foram recolhidos os dados relativos ao número de estabelecimentos e capacidade de alojamento em Portugal, no Continente, na NUTS II Norte, na NUTS III Minho e em Arcos de Valdevez para o ano de 2018.

Arcos de Valdevez, assim como a sub-região do Alto Minho possui um número significativo de património classificado. Através do documento intitulado como “Mapeamento dos investimentos em infraestruturas culturais” que contou com a colaboração da Direção Regional de Cultura do Norte- Secretaria de Estado da Cultura, da Área Metropolitana do Porto e das Comunidades Intermunicipais da Região do Norte, publicado em novembro de 2015, foi possível aceder aos dados do património classificado na região Norte.

Os dados dos municípios que integram a sub-região do Alto Minho referentes ao património classificado foram recolhidos de forma nominal no *site* da Direção Geral do Património Cultural em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do>

[patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral) – consultado a 10/09/2020. Ao recolhermos os dados de todos os municípios da sub-região do Alto Minho conseguimos também aferir o património da sub-região atualizando os mesmos.

O Quadro 9 mostra o património classificado no Norte (NUTS II), no Alto Minho (NUTS III) e em Arcos de Valdevez, segundo as categorias de arqueologia, arquitetura civil, militar, religiosa ou mista e património industrial, segundo o tipo de proteção.

Em Arcos de Valdevez, existem 27 elementos patrimoniais, sendo que os socalcos de Sistelo, que foram considerados monumento nacional, não se enquadram em qualquer categoria/tipologia. Pode-se considerar um número considerável de património cultural, podendo funcionar como potenciais atrativos para os turistas. Assim o município conta com 3 elementos na categoria de Arqueologia, 12 na categoria de Arquitetura Civil, 2 na categoria de Arquitetura Militar, e 9 elementos classificados como Arquitetura Religiosa.

Quadro 9- Património classificado, segundo a categoria e o tipo de proteção, para a NUTS II do Norte em 2015, NUTS III do Alto Minho e Arcos de Valdevez em 2020

Categoria e Tipo de Proteção	Norte	Alto Minho	Arcos de Valdevez
Arqueologia	174	27	3
IIP- Imóvel de Interesse Público	96	14	1
IM- Interesse Municipal	11	2	-
MIP- Monumento de Interesse Público	3	2	2
MN- Monumento Nacional	46	8	-
SIP- Sítio de Interesse Público	18	1	-
Arquitetura Civil	656	82	12
CIM- Conjunto de Interesse Municipal	1	-	-
CIP- Conjunto de Interesse Público	8	1	-
IIP- Imóvel de Interesse Público	438	54	7
IM- Interesse Municipal	49	5	1
MIM- Monumento de Interesse Municipal	5	1	-
MIP- Monumento de Interesse Público	85	5	1
MN- Monumento Nacional	70	16	3
Arquitetura Militar	70	20	2
IIP- Imóvel de Interesse Público	34	11	2
MIP- Monumento de Interesse Público	4	1	-
MN- Monumento Nacional	32	8	-

Fonte: Elaboração própria tendo por base a CCDD-n (2015) e os dados da Direção Geral do Património Cultural disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-dopatrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral> - consultado a 10/09/2020.

Quadro 9- Património classificado, segundo a categoria e o tipo de proteção, para a NUTS II do Norte em 2015, NUTS III do Alto Minho e Arcos de Valdevez em 2020 (conclusão)

Categoria e Tipo de Proteção	Norte	Alto Minho	Arcos de Valdevez
Arquitetura Religiosa	400	57	9
CIP- Conjunto de Interesse Público	2	-	-
IIP- Imóvel de Interesse Público	218	39	6
IM- Interesse Municipal	24	4	2
MIP- Monumento de Interesse Público	46	1	-
MN- Monumento Nacional	110	13	1
Arquitetura Mista	4	1	-
IIP- Imóvel de Interesse Público	3	-	-
MIP- Monumento de Interesse Público	1	-	-
CIP- Conjunto de Interesse Público	-	-	-
SIP- Sítio de Interesse Público	-	1	-
Património Industrial	1	1	-
IIP- Imóvel de Interesse Público	1	1	-
Sem Categoria/Tipologia	-	10	1
IM- Interesse Municipal	-	1	-
MIM- Monumento de Interesse Municipal	-	3	-
MIP- Monumento de Interesse Público	-	4	-
MN- Monumento Nacional	-	1	1
SIP- Sítio de Interesse Público	-	1	-
Total	1305	197	27

Fonte: Elaboração própria tendo por base a CCDR-n (2015) e os dados da Direção Geral do Património Cultural disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-dopatrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral> - consultado a 10/09/2020.

O Quadro 10 diz respeito ao património classificado no Alto Minho e nos seus municípios segundo as categorias de arqueologia, arquitetura civil, militar, religiosa ou mista, património industrial, e sem categoria.

O património classificado de Arcos de Valdevez representa 13,6% do património do Alto Minho. Apenas Ponte de Lima, que conta com 50 elementos, e Viana do Castelo com 38 elementos classificados (respetivamente, 25,3% e 19,2% do total do património do Alto Minho), registam valores superiores aos do município em estudo. Tratando-se de dois municípios contíguos ou próximos de Arcos de Valdevez, os seus elementos podem ser aproveitados para captação de mais turistas e para uma maior permanência dos mesmos na sub-região, e se for encetada uma estratégia conjunta.

Quadro 10- Património classificado, segundo a categoria, para a NUTS III Alto Minho e os municípios integrantes em 2020

Categoria	Arqueologia	Civil	Militar	Religiosa	Mista	Património Industrial	Sem Categoria	Total	(%)
Arcos de Valdevez	3	12	2	9	-	-	1	27	13,6
Caminha	5	4	5	4	-	1	1	20	10,1
Melgaço	2	8	2	3	-	-	1	16	8,1
Monção	1	4	2	4	-	-	1	12	6,1
Paredes de Coura	2	5		1	-	-	-	8	4,0
Ponte da Barca	1	4	1	4	-	-	1	11	5,6
Ponte de Lima	7	23	1	17	-	-	2	50	25,3
Valença	1	4	1	3	-	-	-	9	4,5
Viana do Castelo	5	15	4	11	-	-	3	38	19,2
Vila Nova de Cerveira	-	3	2	1	1	-	-	7	3,5
Alto Minho	27	82	20	57	1	1	10	198	100

Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados da Direção Geral do Património Cultural disponíveis em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-dopatrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral> - consultado a 10/09/2020.

Arcos de Valdevez é também reconhecido por alguns produtos agrícolas, podendo funcionar como atrativos turísticos. A Direção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural, através do seu *site* (<https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/pesquisa?searchword=arcos%20de%20valdevez&searchphrase=all> - consultado a 13/09/ 2020), divulga que o município conta com dois produtos certificados de DOP (Denominação de Origem Protegida). São estes, a carne Cachena da Peneda, que existe em parte do concelho de Arcos de Valdevez, Melgaço, Monção, Ponte da Barca, Terras de Bouro e Vila Verde, e a carne Barrosã, que apesar de o seu nome derivar do planalto do Barroso, a sua expansão deu-se no Minho, existindo nos concelhos de Amares, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Terras do Bouro, Vieira do Minho, Vila Verde, Felgueiras, Paços de Ferreira, Arcos de Valdevez, Melgaço, Monção, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Paredes de Coura, Valença, Boticas e Montalegre.

Os charutos dos Arcos, que é uma sobremesa à base de doce de ovos, são também considerados Produtos Tradicionais Portugueses.

A Câmara Municipal de Arcos de Valdevez destaca também como produtos locais, o fumeiro, que inclui as chouriças de Cabaça, uma especialidade da freguesia da Gavieira, as Chouriças Caseiras da freguesia de Sistelo, assim como as Chouriças de Sangue da Rojoada. Também se destaca o Feijão Terrestre das Serras da Peneda e Soajo, as laranjas de Ermelo, produzidas na freguesia de Ermelo, o mel e as compotas (<https://www.cmav.pt/pages/1737> - consultado a 13/09/2020).

É também importante perceber de que modo o município está preparado para receber os turistas a nível de infraestruturas. Deste modo, foram recolhidos os dados sobre o número de estabelecimentos e da capacidade de Alojamentos para Portugal, NUTS II Norte, NUTS III Alto Minho e para o município de Arcos de Valdevez referentes ao ano de 2018.

Existem 36 estabelecimentos, incluindo hotelaria, alojamentos locais e turismo no espaço rural e turismo de habitação, o que corresponde a 14, 9% dos estabelecimentos do Alto Minho e 2,5% dos estabelecimentos da região Norte. A capacidade de alojamento de Arcos de Valdevez representa 10% da capacidade do Alto Minho e 1,1% da capacidade do Norte (Quadro 11).

Quadro 11- Número de estabelecimentos e Capacidade de Alojamento (n°), em Portugal, no Continente, na NUTS II Norte, NUTS III Minho e em Arcos de Valdevez no ano de 2018

	Estabelecimentos	Capacidade de Alojamentos
Portugal	6 868	423 152
Continente	4 963	366 426
Norte	1 438	66 501
Alto Minho	242	6 985
Arcos de Valdevez	36	700

Fonte: Elaboração própria tendo por base o Anuário Estatístico da Região Norte publicado em 2019.

As acessibilidades e os transportes são também um aspeto fundamental aquando da caraterização da oferta turística. A Câmara Municipal de Arcos de Valdevez disponibiliza no seu *site* uma página dedicada aos transportes e ao tempo necessário para chegar a Arcos de Valdevez. A vila encontra-se a 10 minutos de três autoestradas (A3, A27, A28), o que lhe permite ter acesso a várias vilas e cidades de interesse histórico-cultural. Existem também dois aeroportos a 1 hora de distância, o aeroporto Francisco Sá Carneiro (na Maia) e o de Vigo em Espanha. A meia hora encontram-se duas estações de caminho-de-ferro (de Viana do Castelo e de Braga).

Através de uma breve pesquisa no *Google Maps* (Quadro 12) percebe-se que o município se encontra a pouco tempo de distância de várias vilas e cidades, o que pode ser rentabilizado na atividade turística.

Quadro 12- Tempo e distância em Km de Arcos de Valdevez a algumas às cidades e vilas mais próximas

	Tempo	Distância Km
Ponte de Lima	23 minutos	21,9
Valença	35 minutos	51,8
Viana do Castelo	36 minutos	46,8
Braga	41 minutos	56,5
Monção	45 minutos	34,8
Porto	59 minutos	82,5
Vigo	1h1 minuto	88,1

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do *Google Maps*.

4.3 Procura turística

Pode-se considerar que a procura turística representa o conjunto de bens e serviços gerados pelo fluxo turístico. Assim, é indispensável perceber qual a procura turística da região onde se insere Arcos de Valdevez para entender a importância da atividade.

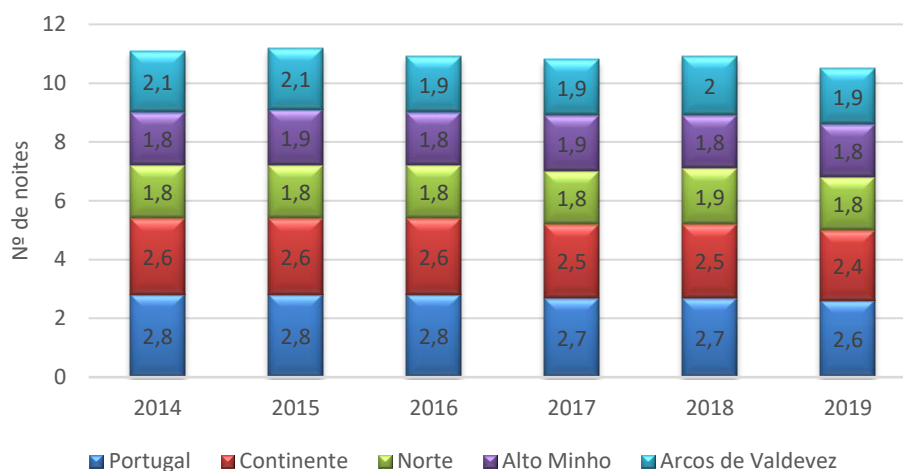
Para caracterizar a procura turística, foram analisados os dados referentes à estada média em Portugal, no Continente, na NUTS II Norte, na NUTS III Alto Minho e em Arcos de Valdevez no período compreendido em 2014 e 2019. Foram analisados os dados referentes aos hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros segundo o continente de proveniência de residência entre o ano de 2014 e o de 2018, visto ainda não existirem, para este indicador, à data da redação da presente dissertação, dados relativos ao ano de 2019.

A estada média que permite relacionar o número de hóspedes com o número de dormidas em estabelecimentos é essencial para entendermos a procura turística. Em determinadas regiões o aumento da estada média pode ser imprescindível em termos económicos e ambientais (Travel bi, by turismo de Portugal, disponível em <https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Paginas/PowerBI/Sustentabilidade/estada-media.aspx> - consultado a 14/09/2020).

Analisando a Figura 20, constata-se que a estada média em Portugal tem vindo a decrescer. Em 2014 a estada média era de 2,8 noites e em 2019 registou o valor de 2,6. Este facto não ocorreu na NUTS II Norte, já que a estada média (1,8) manteve-se constante até 2018, sofrendo em 2018 um aumento de 0,1 e retomando o valor de 1,8 em 2019. De realçar que os valores referentes à região Norte foram sempre mais baixos do que os registados em Portugal e no Continente.

A sub-região do Alto Minho acompanhou os valores da região Norte, mas em 2015 e 2017 os valores foram superiores aos da região Norte.

Figura 20- Estada média (nº de noites) na NUTS II Norte, na NUTS III Alto Minho e em Arcos de Valdevez entre 2014 e 2019



Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico de Região Norte, publicados em 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e o *site* https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008572&contexto=bd&selTab=tab2, consultado a 15/06/2020.

No que diz respeito ao número de hóspedes segundo o continente de residência habitual, denota-se um aumento de hóspedes de todos os continentes em Arcos de Valdevez (Quadro 13). Apenas houve uma diminuição dos hóspedes do continente americano entre o ano de 2017 e de 2018.

Em 2018, os hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico eram, na sua maioria, Portugueses seguindo-se os espanhóis com 2 489 hóspedes, e os franceses com 1 616 (INE, 2019).

Quadro 13- Hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico em Arcos de Valdevez segundo o continente de residência habitual em 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018

Anos	Portugal	Europa (excluindo Portugal)	U.E (excluindo Portugal)	África	América	Ásia	Oceânia	Total
2018	30774	6272	6118	43	493	321	75	37978
2017	26863	5923	5744	24	661	282	63	33815
2016	25470	4566	4263	16	460	104	53	30669
2015	12790	2640	2550	14	245	36	26	15751
2014	6512	1952	1887	9	209	65	27	8774

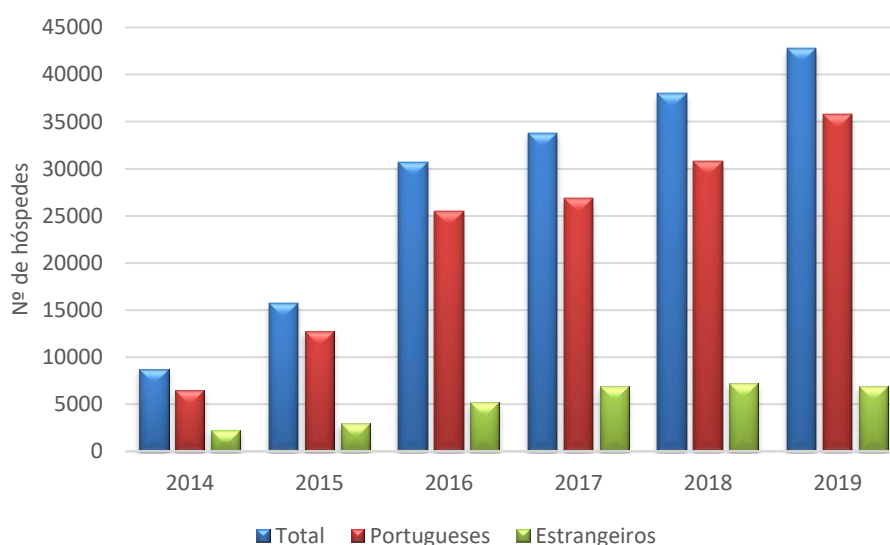
Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados do Anuário Estatístico da Região Norte, publicados em 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019.

Também é de notar que o número de hóspedes total quadruplicou entre 2014 e 2018, fazendo-se notar, assim, o aumento do turismo no município (Figura 21). No Boletim Municipal da Câmara Municipal publicado em julho de 2020, é referido que Arcos de Valdevez foi considerado pela Trivago (que é um

motor de busca e comparador de preços de hotéis), como um dos principais destinos Emergentes em Turismo de Natureza, sendo o mais procurado dos destinos do Minho.

Estes números podem ser explicados pela aposta no setor do turismo por parte da Câmara Municipal. Nos últimos anos tem-se apostado em ações de promoção do concelho, numa agenda diversificada de eventos, assim como na valorização do património natural, contruído e cultural (Araújo, 2020).

Figura 21- Número de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico em Arcos de Valdevez entre 2014 e 2019



Fonte: Elaboração própria tendo por base os dados do Anuário Estatístico da Região Norte, publicados em 2015, 2016, 2017, 2018 e o *site*

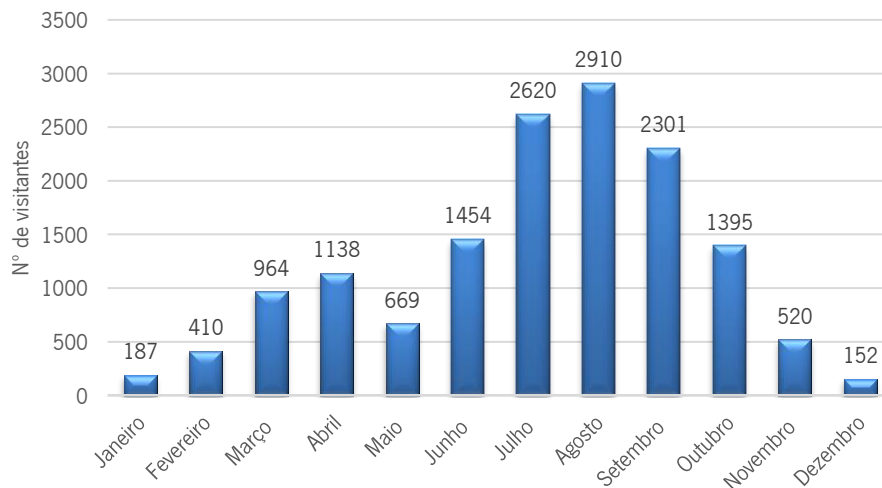
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0009930&contexto=bd&selTab=tab2, consultado a 15/09/2020.

Os dados relativos a 2018 e ao número de visitantes mensais da Loja Interativa de Turismo de Arcos de Valdevez permite-nos concluir que existe uma forte sazonalidade. Os três meses de Verão (julho, agosto e setembro) são os que registaram o valor mais elevado de visitas, enquanto os meses de dezembro e de janeiro revelaram os valores mais baixos (Figura 22). Para que haja uma sustentabilidade económica da atividade seria importante atrair mais turistas para a época baixa. Para haver mais turistas em época baixa é necessário a criação de eventos que atraiam potenciais visitantes. Sugerimos por exemplo, feiras que divulguem os produtos locais, nomeadamente os charutos dos Arcos, assim como, impulsionar o turismo criativo, com por exemplo, um curso/experiência que permitisse aos turistas confeccionar os Rebuçados dos Arcos.

Por último, é importante continuar a divulgar as casas de turismo rural, que começam a ser um forte atrativo turístico para o município. No Boletim Municipal de julho de 2020, publicado pela Câmara

Municipal, é referido que segundo um estudo feito pela plataforma OLX, o distrito de Viana de Castelo revelou um aumento de 615% na procura de casas de férias nos primeiros cinco meses do ano de 2020, sendo o município de Arcos de Valdevez o mais procurado de todos os municípios que fazem parte do distrito de Viana do Castelo. Este aumento deve ter derivado do aumento do turismo doméstico e da procura de municípios que não têm sido tão afetados pela pandemia.

Figura 22- Visitantes, por mês, no município de Arcos de Valdevez em 2018



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Loja Interativa do Turismo.

4.4 Síntese

Em linhas gerais, a conjuntura existente a nível populacional não é a mais favorável ao desenvolvimento de atividades económicas e naturalmente ao desenvolvimento do turismo no município de Arcos de Valdevez.

A evolução populacional, a formação e o nível de instrução, assim como a estrutura económica do município, são indicadores que se condicionam uns aos outros. O declínio populacional é, sem dúvida, a sua principal fraqueza, tendo que ser mais combatida por parte das autoridades locais através de incentivos de fixação da população.

A população é bastante envelhecida, sendo os idosos cada vez mais representativos, devido à elevada esperança média de vida. Existem poucos jovens, e por consequência, a taxa de analfabetismo ainda é muito elevada. Os residentes ainda possuem um baixo nível instrução, o que se reflete na percentagem de residentes a trabalhar no setor primário.

Obviamente que as características que o município apresenta tem repercussões no desenvolvimento de novas atividades económicas. Ao longo do capítulo entenderam-se as adversidades que a atividade

turística poderá ter para se desenvolver, mas também as alterações, principalmente na estrutura populacional que podem advir do desenvolvimento do turismo.

Acreditamos que Arcos de Valdevez reúne várias características que permitem desenvolver mais esta atividade. Os agentes locais têm vindo a investir na atividade, fazendo-se notar já o crescimento de turistas no município. Deste crescimento podem resultar, a longo prazo, algumas mudanças na evolução populacional do município, sendo essencial que mais jovens se fixem no município.

5. Perceção dos residentes de Arcos de Valdevez relativamente à atividade turística

O capítulo que agora é iniciado diz respeito à parte empírica da investigação. Neste capítulo serão analisados os resultados dos 214 inquéritos realizados aos residentes de Arcos de Valdevez no ano de 2020. O capítulo encontra-se dividido em cinco sub-*itens*. Inicia-se com a caracterização sociodemográfica dos residentes, prossegue com o nível de contacto dos residentes com o turismo e os impactes percecionados pelos mesmos. É concretizada uma análise de *cluster* não hierárquica e, por último, é analisada a perceção sobre a realidade atual do fluxo de turismo no município.

5.1 Perfil sociodemográfico dos inquiridos

O Quadro 14 apresenta as características sociodemográficas dos inquiridos. A amostra foi constituída principalmente por elementos do sexo feminino (66,4%) aproximando-se do que existia no universo em 2011, ou seja, aquando da realização do último Recenseamento Geral da População (54,4% - INE, 2012). Podemos concluir que na nossa amostra ocorreu uma ligeira sobrerrepresentatividade das mulheres, ainda que, existisse uma ligeira supremacia das mulheres (54,4% - INE, 2012). Em 2019, segundo os dados das estimativas anuais da população residente as mulheres continuam a predominar ocupando 54,8% da população residente (https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008273&xlang=pt - consultado a 07/12/2020).

Ainda antes de agruparmos as idades dos inquiridos foi calculada a média total das idades, que foi de 35,3 anos. O respondente mais novo a responder tinha 17 anos e o mais velho 77 anos.

O grupo etário com maior representatividade foi o dos 25-44 anos (43,9%), seguindo-se o grupo que representava os jovens 15-24 anos (33,2%).

Se dividirmos por grandes grupos etários a população adulta (25-64 anos) representa mais de metade da amostra (64,5%). Estes valores vão, mais uma vez, ao encontro dos valores do Recenseamento Geral da População de 2011 em que o grupo etário dos adultos representava 50,7% da população total de Arcos de Valdevez. Como foi usada uma rede social para a inquirição (*Facebook*), que pressupõe acesso à internet é natural que uma parcela da população não respondesse e porque se trata de crianças ou de idosos.

Quadro 14- Caracterização sociodemográfica dos inquiridos

Variáveis	Categorias consideradas	Nº	%
Sexo	Feminino	142	66,4
	Masculino	72	33,6
Grupo etário	15-24 anos	71	33,2
	25-44 anos	94	43,9
	45-64 anos	44	20,6
	Mais de 64 anos	5	2,3
Estado Civil	Solteiro	107	50,0
	Casado/União de facto	89	41,6
	Divorciado	15	7,0
	Viúvo	3	1,4
Nível de instrução	Não sabe ler nem escrever	0	0,0
	1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	2	0,9
	Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	10	4,7
	Ensino secundário (do 10º ao 12º ano)	79	36,9
	Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	97	45,3
	Mestrado ou Doutoramento	26	12,1
Rendimento Mensal Líquido Familiar	Até 500 euros	13	6,1
	De 501 até 1000 euros	69	32,2
	De 1001 até 2000 euros	63	29,4
	De 2001 até 2500 euros	15	7,0
	De 2501 euros até 3000 euros	17	7,9
	De 3001 euros até 3500 euros	4	1,9
	De 3501 euros até 4000 euros	0	0,0
	De 4001 euros até 4500 euros	5	2,3
	Mais de 4500 euros	5	2,8
	Não respondeu	22	10,3
Situação profissional	Empregado (a)	158	73,8
	Desempregado (a)	15	7,0
	Estudante	31	14,5
	Reformado (a)	9	4,2
	Doméstico (a)	1	0,5

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Metade dos inquiridos eram solteiros (50%) e 41,6% eram casados ou viviam em união de facto. Um número considerável (45,3%) tinha o ensino superior (Licenciatura ou bacharelato) e 36,9% possuía o ensino secundário. Estes números diferenciam-se dos níveis de estudo da população em 2011, já que apenas 7,7% tinha o ensino superior e apenas 12,1% tinha o ensino secundário. Sendo assim, a nossa amostra parece estar sub-representada nos níveis de instrução mais baixos. Todavia, só os dados do recenseamento que vai ser realizado na primavera de 2021 poderá confirmar se ocorreu ou não uma

melhoria do nível de instrução da população residente e levar-nos a concluir que a nossa amostra se aproximou do universo nesta variável.

Dos 214 inquiridos, 32,2% tinha um rendimento mensal familiar líquido entre 501 euros e 1000 euros. Seguiu-se 29,4% dos inquiridos com um rendimento mensal líquido entre 1001 e 2000 euros. A maior parte destes estavam empregados (73,8%), sendo que 14,5% eram estudantes. Estes valores aproximavam-se dos valores dos Censos 2011, pois em 2011 apenas 10,2% dos residentes estavam desempregados. Os dados obtidos configuram uma amostra ligada a uma população de classe média. O perfil sociodemográfico dos inquiridos vai de encontro ao perfil de outros estudos sobre a mesma temática. Em vários estudos o sexo feminino é o que predomina (*e.g.*, Sharma & Dyer, 2009; Monjardino, 2009; Remoaldo *et al.*, 2015; Scalabrini, 2017; Monjardino, 2019). A maior parte dos inquiridos são adultos (*e.g.*, Souza, 2009; Vareiro, 2013) e os respondentes empregados são os mais representativos (*e.g.*, Souza, 2009; Eusébio & Carneiro, 2012; Monjardino, 2019).

O Quadro 15 diz respeito ao número de inquiridos por freguesia de residência. Devido ao elevado número de freguesias decidimos agrupar as freguesias usando a TIPAU 2014, de modo a entendermos se existem diferenças significativas segundo a classificação de cada freguesia (Quadro 16).

Denota-se que as freguesias centrais, com maior número de habitantes e uma maior densidade populacional, registaram um maior número de inquiridos. As duas uniões de freguesias que constituem a vila de Arcos de Valdevez, denominadas de União de Freguesias de Salvador, Vila Fonche e Parada e a União de Freguesias de São Paio e Giela registaram 7% e 11,3 %, respetivamente, do total de inquiridos (Quadro 15).

Quadro 15- Número de inquiridos por freguesia de residência

Freguesia de residência	Nº	%	Freguesia de residência	Nº	%
Aboim das Choças	2	0,9	Oliveira	3	1,4
Aguiã	10	4,7	Paçô	7	3,3
Álvora e Loureda	4	1,9	Padreiro (Salvador e Santa Cristina)	18	8,4
Arcos de Valdevez- São Paio e Giela	15	11,3	Padroso	1	0,5
Arcos de Valdevez- Salvador, Vila Fonche e Parada	25	7,0	Portela e Extremo	1	0,5
Cabana Maior	1	0,5	Prozelo	8	3,7
Cabreiro	1	0,5	Rio de Moinhos	1	0,5
Cendufe	1	0,5	Rio Frio	2	0,9
Couto	4	1,9	Sabadim	3	1,4
Eiras e Mei	1	0,5	São Jorge e Ermelo	1	0,5
Gavieira	16	7,5	São Paio de Jolda	12	5,6
Gondoriz	9	4,2	Sistelo	1	0,5
Grade e Carralcova	5	2,3	Soajo	4	1,9
Guilhadeses e Santar	16	7,5	Souto e Tabaçô	9	4,2
Jolda (Madalena) e Rio Cabrão	10	4,7	Távora (Santa Maria e São Vicente)	7	3,3
Miranda	4	1,9	Vale	4	1,9
Monte Redondo	3	1,4	Vilela, São Cosme e São Damião e Sá	5	2,3

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Estas duas Uniões de Freguesias estão classificadas como Áreas Predominantemente Urbanas e apesar de o número de inquiridos se dividir pelas três classificações quase de forma homogénea é nas freguesias classificadas como Áreas Predominantemente Urbanas que se registou o maior número de inquiridos (34,1%). Apesar de serem apenas 5 as freguesias pertencentes a esta classificação (Aguiã, União de freguesia de Salvador, Vila Fonche e Parada, União de Freguesias de São Paio e Giela, União de Freguesias de Guilhadeses e Santar e Paçô), é nestas que se regista uma maior densidade populacional devido à sua localização central, sendo por isso compreensível haver mais pessoas a responder ao nosso inquérito.

Nas Áreas Predominantemente Rurais, o elevado número de idosos que não tem acesso à internet deve ter condicionado a resposta ao inquérito.

Quadro 16- Número de inquiridos por freguesia segundo a classificação da TIPAU 2014

Classificação segundo a TIPAU	N	%
Áreas Predominantemente Urbanas	73	34,1
Áreas Mediamente Urbanas	71	33,2
Áreas Predominantemente Rurais	70	32,7

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

5.2 Nível de contacto com a atividade turística e entendimento sobre a atividade

Das 23 perguntas que foram colocadas no questionário, optámos por iniciar a nossa análise pela que se debruçou sobre o nível de contacto com a atividade turística e a perceção sobre este tipo de atividade. Começamos por uma análise univariada referente ao nível de contacto entre os residentes e os turistas (Quadro 17).

De seguida é feita uma análise bivariada onde cruzamos as variáveis sociodemográficas que servem para identificar diferentes perceções consoante o perfil sociodemográfico do inquirido (Scalabrini, 2017). Todos os cruzamentos que fizemos apresentam um nível de significância tendo para todos eles usado o teste de normalidade *Kolmogorov-Smirnov*, considerando $p < 0,05$.

São as seguintes as perguntas analisadas:

3. *Trabalha, ou já trabalhou, em alguma atividade relacionada com o turismo? Se sim, onde?*
4. *No seu tempo livre (atividades de lazer) costuma encontrar-se com turistas em Arcos de Valdevez?*
5. *Caso tenha contacto, esse contacto perturba a sua atividade?*
6. *Alguma vez alterou os seus hábitos de vida (lazer, compras) os seus horários ou os locais onde realiza essas atividades com a finalidade de evitar turistas? Se sim, onde?*
7. *Existem locais em Arcos de Valdevez onde gosta de ver turistas? Se sim, onde?*
8. *Existem locais no município onde preferia não encontrar turistas? Se sim, onde?*
9. *Há algum tipo de turista ou visitante que lhe desagrade particularmente? Se sim, qual?*

O Quadro 17 diz respeito ao nível de contacto entre os residentes e os turistas. Conclui-se que 37,4% dos inquiridos trabalha ou já trabalhou em alguma atividade relacionada com o turismo. O valor é bastante elevado quando comparado com outros estudos, como o de Scalabrini (2017) que obteve o valor de 22,5% numa questão similar, ou o de Monjardino (2009) em que só 11% dos inquiridos trabalhavam no turismo. Já no estudo feito por Vargaz-Sánchez *et al.* (2015), realizado no Algarve e em Huelva (Espanha), os valores são bastante superiores aos nossos no Algarve (51,7%) e inferiores aos nossos no município Espanhol (22,8%). Atendendo ao contributo que a atividade turística tem no município nos últimos anos e ao baixo volume populacional existente no município parece-nos natural que um número significativo da população esteja ou já tenha estado envolvida nesta atividade. Ainda assim, trata-se sobretudo de atividades tradicionais, como a hospedagem (37,5%) e a restauração (31,3%).

Quadro 17- Nível de contacto entre residentes e turistas

Variáveis	N=214	%	Variáveis	N	%
Trabalha, ou já trabalhou, em alguma atividade relacionada com o turismo?			Se sim, onde? (80)		
Sim	80	37,4	Hospedagem	30	37,5
			Transporte	1	1,3
			Agência de Viagens	4	5,0
			Restaurantes	25	31,3
Não	134	62,6	Postos de informação de turismo	5	6,3
			Guia de turismo	1	1,3
			Comércio de artesanato e <i>souvenirs</i>	2	2,5
			Outro	12	15
No seu tempo livre (atividades de lazer) costuma encontrar-se com turistas em Arcos de Valdevez?			Caso tenha contacto, esse contacto perturba a sua atividade?		
Nunca	8	3,7	Sim	23	10,7
Raramente	29	13,6	É indiferente	56	26,2
Às vezes	79	36,9	Não	127	59,3
Frequentemente	62	29,0	Não sei	8	3,7
Muito frequentemente	36	16,8			
Alguma vez alterou os seus hábitos de vida (lazer, compras) ou os seus horários ou os locais onde realiza essas atividades com a finalidade de evitar turistas?					
Sim	97	45,3			
Não	117	54,7			
Existem locais em Arcos de Valdevez onde gosta de ver turistas?			Se sim, onde? (80)		
Sim	83	38,8	Pontos turísticos	15	18,8
			Comércio e restauração	21	26,3
É indiferente	109	50,9	Espaços rurais	7	8,8
Não	12	5,6	Rio/Encovia e trilhos	15	18,8
Não sei	10	4,7	Centro histórico da vila	22	27,5
Existem locais no município onde preferia não encontrar turistas?			Se sim, onde? (56)		
Sim	59	27,6	Encovia do Vez e rio	25	44,6
É indiferente	101	47,2	Nas aldeias/ Sistelo	7	12,5
Não	47	22,0	Comércio e restauração	15	26,8
Não sei	7	3,3	Áreas protegidas/PNPG	9	16,1
Há algum tipo de turista ou visitante que lhe desagrade particularmente?			Se sim, qual? (72)		
Sim	75	35,0	Não respeitam o meio ambiente	44	61,1
Não	139	65,0	Emigrantes	9	12,5
			Os que não consomem	19	26,4

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Do total dos 214 inquiridos, 39,9 % responderam que só se encontram, às vezes, com turistas no município e 29% referiu que se encontra com turistas frequentemente, correspondendo a 68,9% das respostas. No estudo de Monjardino (2009), as duas respostas mais frequentes foram as mesmas que as nossas (Às vezes, Frequentemente) com uma representatividade de 83%. Resultados diferentes foram obtidos por Scalabrini (2017), já que as duas primeiras opções (Nunca, Raramente) representaram 70% da amostra. Não nos admiramos com a diferença de resultados, pois os Açores, estudados por Monjardino, apesar de terem o turismo de natureza como foco principal da sua estratégia de desenvolvimento, um pouco como acontece em Arcos de Valdevez, têm este tipo de segmento muito mais desenvolvido do que no nosso município em estudo. No caso do estudo de Scalabrini (2017), como o segmento principal era o turismo de negócios, é natural que a pressão turística fosse apenas visível na parte mais central do município de Joinville.

Também 54,7% dos inquiridos responderam que não alteraram os seus hábitos de vida (lazer, compras), os seus horários ou os locais onde realizavam essas atividades com a finalidade de evitar turistas. Valores muito diferentes dos de Scalabrini (2017) e de Monjardino (2019), pois em ambos os estudos mais de 90% dos inquiridos responderam que não alteraram os seus hábitos. Como o município de Arcos de Valdevez possui um pequeno núcleo urbano onde são ofertados muitos serviços e equipamentos parecidos compreensível que haja uma competição mais acesa pelos mesmos entre residentes e turistas.

Importa recordar que 38,8% do total de inquiridos mencionou haver locais onde gostava de ver turistas. Dos 80 inquiridos que afirmaram gostar de ver turistas em determinados locais, 27,5% gostava de ver os turistas no centro histórico da vila, 26,3% no comércio e na restauração, seguindo-se o rio e a ecovia do Vez (18,7%).

Contudo, quando questionados se havia algum lugar no município onde preferiam não encontrar turistas, 27,6% dos inquiridos identificou locais que são os mesmos locais onde outros inquiridos gostam de ver turistas, nomeadamente o comércio e a restauração, e a Ecovia do Vez. Esta última é o *ex-libris* da vila e como os inquiridos foram questionados em período pandémico, podem ter receio de cruzamento com outros elementos por não estarem a usar máscaras ou porque os turistas podem não as usar frequentemente.

Por último, 65% respondeu que não há um tipo de turista ou visitante que lhe desagrade particularmente. Os que responderam afirmativamente (35%) referiram que o tipo de turista ou visitante que lhes desagradava era o que não respeita o meio ambiente (61,1%), seguindo-se o que não consome (26,4%) e os emigrantes (12,5%).

Para a análise bivariada foram cruzadas as perguntas indicadas no Quadro 17 com algumas características sociodemográficas (sexo, grupo etário, grau de escolaridade), assim como com a TIPAU). Para uma mais fácil leitura dos dados optámos, para cada cruzamento, por calcular a percentagem das linhas em vez da percentagem total, considerando que deste modo é mais fácil observar possíveis tendências.

Quando cruzámos a pergunta 4 do questionário (*No seu tempo livre (atividades de lazer) costuma encontrar-se com turistas em Arcos de Valdevez?*), com o sexo dos inquiridos, tanto nos homens como nas mulheres a resposta “Às vezes” foi mais frequente, representando 39,4% dos inquiridos do sexo feminino e 31,9% dos inquiridos do sexo masculino (Quadro 18).

À semelhança do que acontece com o sexo dos inquiridos, a resposta mais comum nas faixas etárias e no grau de escolaridade foi “Às vezes”, salvo 3 exceções, nos inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos, e os indivíduos com mestrado e doutoramento, pois para estes a resposta mais comum foi “Frequentemente”. A outra exceção foram os dois inquiridos com o 1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade), que referiram ambos (100%) que “Raramente” se encontram com turistas.

Talvez os inquiridos com grau de escolaridade inferior, que por sua vez também pertencem ao grupo dos mais velhos, não frequentem tanto os locais turísticos.

Verificámos também que são os inquiridos que residem nas Áreas Predominantemente Rurais que mais referem encontrar-se com turistas “Frequentemente” (38,6%) e “Muito Frequentemente” (18,6%). Estes resultados devem-se ao facto de o turismo de Arcos de Valdevez ser predominantemente rural e parte dos recursos turísticos se concentrarem nesse tipo de áreas, nomeadamente na freguesia do Soajo, na freguesia de Sistelo e na freguesia da Gavieira onde se localiza o lugar da Peneda. Contudo, na freguesia do Soajo e de Sistelo conseguiu-se apenas 4 e 1 inquiridos, respetivamente, o que é muito pouco para se poder retirar algum tipo de ilações. Na freguesia da Gavieira responderam ao inquérito 16 pessoas o que já nos permite retirar algumas ilações.

Ainda assim, o único inquirido da freguesia de Sistelo (100%) e 2 inquiridos da freguesia do Soajo (50%) mencionaram encontrar-se com turistas “Muito frequentemente”. Já na freguesia da Gavieira apenas 18,8% é da opinião que se encontra com turistas “Muito frequentemente”.

Quadro 18- Encontro com turistas no tempo livre

No seu tempo livre (atividades de lazer) costuma encontrar-se com turistas em Arcos de Valdevez?							
Sexo	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Total	
	%	%	%	%	%	%	N
Masculino	2,8	18,1	31,9	30,6	16,7	100	72
Feminino	4,2	11,3	39,4	28,2	16,9	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	%	%	%	
15-24	4,2	14,1	33,8	26,8	21,1	100	71
25-44	3,2	9,6	34,0	38,3	14,9	100	94
45-64	4,5	18,2	47,7	13,6	15,9	100	44
Mais de 64	0	40,0	40,	20,0	0	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	20,0	10,0	50,0	10,0	10,0	100	10
Ensino secundário	0,0	17,7	35,4	27,8	19,0	100	79
Ensino superior	5,2	10,3	39,2	28,9	16,5	100	97
Mestrado ou Doutoramento	3,8	7,7	30,8	42,3	15,4	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	%	%	%	N
APU	0,0	13,7	38,4	31,5	16,4	100	73
AMU	4,2	14,1	49,3	16,9	15,5	100	71
APR	7,1	12,9	22,9	38,6	18,6	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Quando questionados se alguma vez alteraram os seus hábitos de vida (lazer, compras), os seus horários, ou os locais onde realizam essas atividades com a finalidade de evitar turistas, as percentagens foram idênticas tanto nos homens (54,2%) como nas mulheres (54,9%) não tendo a maioria alterado os seus hábitos para evitar turistas (Quadro 19).

Quadro 19- Alteração de hábitos para evitar turistas

Alguma vez alterou os seus hábitos de vida (lazer, compras) ou os seus horários ou os locais onde realiza essas atividades com a finalidade de evitar turistas?				
Sexo	Sim	Não	Total	
	%	%	%	N
Masculino	45,8	54,2	100	72
Feminino	45,1	54,9	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	N
15-24	49,3	50,7	100	71
25-44	47,9	52,1	100	94
45-64	38,6	61,4	100	44
Mais de 64	0,0	100	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	0,0	100	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	20,0	80,0	100	10
Ensino secundário	39,2	60,8	100	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	48,5	51,5	100	97
Mestrado ou Doutoramento	65,4	34,6	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	N
Áreas Predominantemente Urbanas	47,9	52,1	100	73
Áreas Mediamente Urbanas	43,7	56,3	100	71
Áreas Predominantemente Rurais	44,3	55,0	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Nas variáveis idade e nível de escolaridade foi registada uma clara tendência. Relativamente aos grupos etários, a percentagem de pessoas que disse ter alterado os seus hábitos por causa dos turistas diminuiu com o aumento da idade. Deste modo, os jovens são os que alteraram mais os seus hábitos devido ao turismo.

Em relação ao nível de escolaridade, verifica-se que os inquiridos com um maior nível de instrução foram os que mais mencionaram ter alterado os seus hábitos. Por sua vez, a percentagem do número de inquiridos que disse não alterar os seus hábitos foi mais elevada nos indivíduos com menos escolaridade. Dos 26 inquiridos que afirmaram ter mestrado ou doutoramento, 65,4% revelou ter alterado os seus hábitos, sendo o único grupo em que mais de metade dos inquiridos alterou os seus hábitos (Quadro 19). Os resultados obtidos talvez se devam ao facto de serem os jovens e os inquiridos com grau de escolaridade superior que contactam mais com os turistas, porque deverão ser os que mais usam o vasto património natural existente no município (Quadro 19).

São os inquiridos residentes nas freguesias classificados como “Áreas Predominantemente Urbanas” que mais dizem alterar os seus hábitos para evitar turistas (47,9%). É nestas freguesias que se localiza grande parte do comércio e da restauração que é frequentado tanto pelos turistas como pelos residentes.

Foi também questionado se existem locais no município onde os residentes gostavam de ver os turistas. Também nesta pergunta não ocorreram diferenças assinaláveis quando foi considerada a variável “sexo”. A opção mais representativa tanto nos homens como nas mulheres foi “É indiferente” (Quadro 20).

Quadro 20- Locais onde gosta de ver turistas

Existem locais em Arcos de Valdevez onde goste de ver os turistas?						
Sexo	Sim	É indiferente	Não	Não sei	Total	
	%	%	%	%	%	N
Masculino	37,5	47,2	9,7	5,6	100	72
Feminino	39,4	52,8	3,5	4,2	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	%	%	N
15-24	39,4	52,1	4,2	4,2	100	71
25-44	35,1	53,2	5,3	6,4	100	94
45-64	45,5	43,2	9,1	2,3	100	44
Mais de 64	40,0	60,0	0,0	0,0	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	100	0,0	0,0	0,0	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	60,0	20,0	0,0	20	100	10
Ensino secundário	30,4	64,6	3,8	1,3	100	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	41,2	46,4	6,2	6,2	100	97
Mestrado ou Doutoramento	42,3	42,3	11,5	3,8	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	%	%	N
Áreas Predominantemente Urbanas	37,0	52,1	6,8	4,1	100	73
Áreas Mediamente Urbanas	40,8	49,3	7,0	2,8	100	71
Áreas Predominantemente Rurais	38,6	51,4	2,9	7,1	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

A resposta “É indiferente” também foi a mais mencionada em quase todos os grupos etários, exceto nos inquiridos com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos, onde 45,5% dos inquiridos com estas idades respondeu que “Sim”, ou seja, existiam locais em Arcos de Valdevez onde gostavam de ver turistas.

Importa destacar que à medida que o nível de escolaridade aumentava também aumentou a percentagem de inquiridos que mencionaram não existirem locais no município onde gostavam de ver turistas (Quadro 20).

As conclusões retiradas dos dados obtidos pelo cruzamento da pergunta *Existem locais no município onde preferia não encontrar turistas?*, com as características sociodemográficas (Quadro 21), vão de encontro às conclusões que retiramos a partir do Quadro 20.

A percentagem de homens (34,7%) que disse haver locais no município onde preferia não encontrar turistas foi superior à percentagem registada no sexo feminino (23,9%).

Os inquiridos com licenciatura ou bacharelato mestrado ou doutoramento, ou seja, com grau de escolaridade superior, registaram percentagens mais elevadas na opção “Sim” do que os inquiridos com o ensino básico (até 9 anos de escolaridade), ou o ensino secundário.

Também são os inquiridos residentes nas Áreas Predominantemente Urbanas, que mais dizem existir locais onde preferiam não encontrar turistas (32,9%).

Quadro 21- Locais onde preferia não encontrar turistas

Existem locais no município onde preferia não encontrar turistas?						
Sexo	Sim	É indiferente	Não	Não sei	Total	
	%	%	%	%	%	N
Masculino	34,7	40,3	20,8	4,2	100	72
Feminino	23,9	50,7	22,5	2,0	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	%	%	N
15-24	25,4	46,5	22,5	5,6	100	71
25-44	24,5	54,3	19,1	2,1	100	94
45-64	40,9	34,1	22,7	2,3	100	44
Mais de 64	0,0	40,0	60,0	0,0	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	50,0	0,0	50,0	0,0	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	20,0	50,0	20,0	10,0	100	10
Ensino secundário	15,2	54,4	25,3	5,1	100	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	33,0	45,4	20,6	1,0	100	97
Mestrado ou Doutoramento	46,2	34,6	15,4	3,8	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	%	%	N
Áreas Predominantemente Urbanas	32,9	39,7	24,7	2,7	100	73
Áreas Mediamente Urbanas	22,5	57,7	18,3	1,4	100	71
Áreas Predominantemente Rurais	27,1	44,3	22,9	5,7	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Quando questionados se *Há algum tipo de turista ou visitante que lhe desagrade particularmente?*, a percentagem ligada à não existência de nenhum tipo de turista ou visitante que lhe desagrade particularmente foi superior nas mulheres (71,8% *versus* 51,4% no sexo masculino).

Apenas os inquiridos com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos responderam, na sua maioria, que existiam turistas que lhe desagradavam (52,3%).

Na variável relacionada com o grau de escolaridade verificou-se novamente uma tendência. De modo geral, a percentagem dos inquiridos que responderam não haver nenhum turista que lhe desagradava particularmente diminuiu com o aumento do nível de escolaridade. Os inquiridos com maior nível de escolaridade são os que dizem mais vezes que existem turistas ou visitantes que lhes desagradam. Ainda

assim, em todos os níveis de escolaridade a resposta que predominou foi a que não existia nenhum turista ou visitante que lhes desagradasse particularmente (Quadro 22).

Os residentes das Áreas Predominantemente Urbanas e das Áreas Predominantemente Rurais registaram percentagens muito próximas nesta pergunta. Em ambas as áreas aproximadamente 29% dos inquiridos respondeu que existe algum tipo de turista que lhe desagrada e aproximadamente 71% respondeu que não existe um tipo de turista que lhe desagrada.

Quadro 22- Tipo de turista ou visitante que lhe desagrada

Há algum tipo de turista ou visitante que lhe desagrada particularmente?				
Sexo	Sim	Não	Total	
	%	%	%	N
Masculino	48,6	51,4	100	72
Feminino	28,2	71,8	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	N
15-24	23,9	76,1	100	71
25-44	36,2	63,8	100	94
45-64	52,3	47,7	100	44
Mais de 64	20,0	80,0	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	0,0	100	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	20,0	80,0	100	10
Ensino secundário	21,5	78,5	100	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	45,4	54,6	100	97
Mestrado ou Doutoramento	46,2	53,8	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	N
Áreas Predominantemente Urbanas	28,8	71,2	100	73
Áreas Mediamente Urbanas	32,4	67,6	100	71
Áreas Predominantemente Rurais	28,6	71,4	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

5.3 Impactes do turismo

Para analisar os impactes do turismo no município, os inquiridos tiveram de responder a 28 afirmações relacionadas com os diferentes tipos de impactes (económicos, socioculturais e ambientais), que nos permitem entender quais foram os impactes mais e menos percecionados pelos residentes de Arcos de Valdevez.

Os impactes foram divididos segundo a sua categoria, recorrendo à bibliografia existente, mencionada no capítulo 2. As três categorias consideradas foram divididas em impactes positivos e impactes negativos. A primeira categoria que diz respeito aos impactes económicos continha 7 afirmações de

impactes positivos e 4 afirmações de impactes negativos. Também se considerou a categoria dos impactes socioculturais dividida em 6 afirmações de impactes positivos e 5 afirmações de impactes negativos. Por último, os impactes ambientais, que se encontravam divididos em 2 afirmações de impactes positivos e 5 afirmações de impactes negativos.

Também incluímos a afirmação *O turismo é bom para o município?*, que não se encontra em nenhuma das três categorias, mas que era indispensável para o nosso estudo.

Como já tinha sido referido no capítulo da metodologia da presente dissertação, foi utilizada uma escala de Likert de 5 pontos para medirmos a opinião dos residentes, variando entre o 1 (“Discordo completamente”) e o 5 (“Concordo completamente”). Também foi considerada a opção “Não sei” (nível 6), visto poder haver inquiridos que não detinham informação suficiente para poderem dar a sua opinião. Foi calculado, para as 29 afirmações, a percentagem para cada nível da escala, a média e o desvio-padrão. Importa referir que para a média e para o desvio-padrão não foram contabilizadas as respostas das pessoas que assinalaram o nível 6 “Não sei”. Para o cálculo das médias, foi utilizada a ferramenta de cálculo de variável do programa SPSS.

Decidimos calcular a média para termos um termo de comparação com os outros estudos, visto que na maioria deles é desta forma que os impactes são avaliados.

Para efeitos de cálculo considerou-se que os impactes reúnem concordância por parte dos inquiridos quando a média for igual ou superior a 3,5, e que não reúnem concordância quando a média for igual ou inferior a 2,5. Optou-se por esta solução, porque quando a média é igual ou superior a 3,5 constatamos que mais de metade dos inquiridos assinalaram as opções 4 e 5, por sua vez, quando a média é igual ou inferior a 2,5 verificou-se que mais de metade dos inquirido assinalaram as opções 1 e 2. Assim, consideramos estes valores por serem os que melhor descrevem a nossa amostra.

Contudo, para uma correta interpretação dos dados não se pode ter só em atenção as médias. Assim, decidiu-se fazer a soma das opções 1 e 2, que representam as pessoas que não concordaram e a soma das opções 4 e 5, que representam os indivíduos que concordaram, de uma forma mais ou menos efusiva.

Os inquiridos de Arcos de Valdevez consideraram que o turismo é bom para o município, com uma média de 4,3. Do total dos 214 inquiridos, 88,6% atribuíram os dois níveis mais altos (4 e 5 - Quadro 23). Apesar de considerarmos os valores positivos, em outros estudos os dois níveis superiores conseguiram percentagens mais elevadas, superiores a 90% (Vareiro *et al.*, 2013 – para o município de Guimarães; Scalabrini, 2017 – para o município de Joinville).

Quadro 23- Percepção geral dos residentes sobre o turismo

	1	2	3	4	5	Média	Desvio-padrão
O turismo é bom para o município?	5 (2,3%)	6 (2,8%)	14 (6,5%)	85 (39,7%)	104 (48,6%)	4,3	0,9

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

O Quadro 24 sumariza as médias obtidas e as percentagens de cada nível da escala de Likert em cada uma das 24 afirmações utilizadas.

De modo geral, e no que diz respeito às afirmações relacionadas com os impactes, tendo em atenção as médias obtidas conclui-se que as médias mais elevadas ocorreram nas afirmações dos impactes positivos. Das 15 afirmações que dizem respeito aos impactes positivos, os inquiridos concordaram com 8 afirmações e mostraram indecisão em 7 afirmações. No Quadro 25 encontram-se destacadas as afirmações que reuniram concordância segundo a média.

Três afirmações registaram uma média superior ou igual a 4, das afirmações que registam a média mais elevada, duas pertencem aos impactes económicos, “O turismo dá visibilidade ao município (4,1), “Cria postos de trabalho” (4,0), e uma aos impactes socioculturais, “Estimula a cultura local e o artesanato” (4,0). Alguns destes benefícios foram também percecionados noutros estudos (McGehee & Andereck, 2004; Sharma & Dyer, 2009; Vareiro *et al.*, 2013; Scalabrini 2017) (Quadro 24). Por exemplo, Scalabrini (2017), obteve os mesmos valores nestas três afirmações.

Assim como noutros estudos (*e.g.*, McGehee & Andereck, 2004; Sharma & Dyer, 2009), nenhuma afirmação dos impactes positivos registou valores inferiores a 3, concluindo-se que, por norma, os residentes entendem os benefícios do turismo no território estudado.

Quadro 24- Percepções dos residentes de Arcos de Valdevez sobre os impactes económicos, socioculturais e ambientais

Impactes económicos										
Positivos	1	2	3	4	5	6	1+2	4+5	Média	Desvio-padrão
Dá mais visibilidade à vila e ao município atraindo mais turistas.	3,3	2,8	7,9	43,0	35,5	7,5	6,1	78,5	4,1	0,9
Cria postos de trabalho para os residentes.	4,2	6,1	7,5	50	30,8	1,4	10,3	80,8	4,0	1
Aumenta as oportunidades de empreender na vila e no resto do município.	6,5	4,2	17,8	42,1	22,4	7,0	10,7	64,5	3,7	1,1
Ajuda a criar novos serviços para os moradores.	7,0	12,1	19,6	43,0	15,9	2,3	19,1	58,9	3,5	1,1
Conduz à melhoria do padrão de vida da população.	9,3	8,9	31,3	29,9	15,9	4,7	18,2	45,8	3,4	1,2
O dinheiro gasto pelos turistas fica no município.	6,5	10,3	26,2	32,7	11,7	12,6	16,8	44,4	3,4	1,1
A qualidade dos serviços públicos é melhor com o turismo, por conta das receitas geradas pelos impostos do turismo.	10,7	22,9	28,0	19,6	9,8	8,9	33,6	29,4	3,0	1,2
Negativos	1	2	3	4	5	6	1+2	4+5	Média	Desvio-padrão
Aumenta os preços de bens e serviços.	4,7	14,5	22,4	37,4	18,2	2,8	19,2	55,6	3,5	1,1
O turismo aumenta o custo de vida dos residentes.	6,1	20,1	19,6	30,4	17,8	6,1	26,2	48,2	3,4	1,2
As vagas e oportunidades de trabalho são destinadas a pessoas que vêm de fora do município.	13,1	30,8	30,8	10,7	7,0	7,5	43,9	17,7	2,7	1,1

1-Discordo completamente; 2-Discordo; 3-Não concordo nem discordo; 4-Concordo 5-Concordo completamente; 6- Não sei; 1+2- Discordância; 4+5- Concordância

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Quadro 24 - Perceções dos residentes de Arcos de Valdevez sobre os impactes económicos, socioculturais e ambientais (continuação)

Impactes socioculturais										
Positivos	1	2	3	4	5	6	1+2	4+5	Média	Desvio-padrão
Estimula a cultura local e o artesanato.	3,7	5,1	11,2	46,3	30,4	3,3	8,8	<u>76,7</u>	4,0	1,0
Permite contacto com culturas diferentes.	4,7	5,6	9,3	50,9	28,0	1,4	10,3	<u>78,9</u>	3,9	1,0
Permite a conservação e restauro de edifícios históricos.	4,7	14,0	20,1	40,7	16,4	4,2	18,7	<u>57,1</u>	3,5	1,1
Fácil acesso aos serviços usados pelos turistas.	7,0	11,7	28,0	32,7	13,1	7,5	18,7	45,8	3,4	1,2
Melhora a qualidade de vida.	10,7	15,0	28,0	29,0	10,7	6,5	25,7	39,7	3,2	1,2
A qualidade dos serviços (p. e, restaurantes, cafés, bares, lojas), é agora melhor devido ao turismo	13,1	20,1	27,1	24,8	10,3	4,7	33,2	35,1	3,0	1,3
Negativos	1	2	3	4	5	6	1+2	4+5	Média	Desvio-padrão
Aumenta o <i>stress</i> devido à quantidade de pessoas que circulam na vila.	5,1	16,4	22,0	28,5	23,4	4,7	21,5	<u>51,9</u>	3,5	1,2
Dificulta o acesso dos moradores a locais de lazer.	5,6	19,2	21,0	34,1	17,3	2,8	24,8	<u>51,4</u>	3,4	1,2
A população local altera o seu comportamento na tentativa de imitar o comportamento dos turistas.	15,0	38,3	27,1	12,1	3,7	3,7	<u>53,3</u>	15,8	2,5	1,0
Há constantes conflitos entre turistas e residentes.	17,3	39,7	25,7	9,8	3,7	3,7	<u>57</u>	13,5	2,4	1,0
Aumenta a criminalidade.	16,4	39,7	28,0	8,4	1,9	5,6	<u>56,1</u>	10,3	2,4	0,9

1-Discordo completamente; 2-Discordo; 3-Não concordo nem discordo; 4-Concordo 5-Concordo completamente; 6- Não sei; 1+2- Discordância; 4+5- Concordância

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Quadro 24 - Percepções dos residentes de Arcos de Valdevez sobre os impactes económicos, socioculturais e ambientais (conclusão)

Impactes ambientais											
Positivos	1	2	3	4	5	6	1+2	4+5	Média	Desvio	- padrão
Possibilita a melhoria de infraestruturas e das áreas naturais do município.	9,3	7,5	16,4	43	17,3	6,5	16,8	60,3	3,6	1,2	
Proporciona a preservação das áreas naturais.	15,4	16,8	20,1	29,9	10,3	7,5	32,2	40,2	3,0	1,3	
Negativos	1	2	3	4	5	6	1+2	4+5	Média	Desvio	- padrão
Aumenta o “lixo” na vila e na área rural do município.	6,5	4,2	15,4	35,5	29,9	8,4	10,7	65,4	3,9	1,1	
Aumenta os níveis de poluição do ar e da água.	5,1	13,6	20,6	30,8	20,1	9,8	18,7	50,9	3,5	1,2	
Leva a um crescimento da área construída e à redução dos elementos naturais.	7,0	12,1	22,0	29,0	21,5	8,4	19,1	50,5	3,5	1,2	
Leva à alteração das espécies da fauna e flora locais.	6,5	12,1	22,4	26,6	19,2	13,1	18,6	45,8	3,5	1,2	
Gera ruído excessivo na Vila.	8,4	29,4	32,2	16,4	9,8	3,7	37,8	26,2	2,9	1,1	

1-Discordo completamente; 2-Discordo; 3-Não concordo nem discordo; 4-Concordo 5-Concordo completamente; 6- Não sei; 1+2- Discordância; 4+5- Concordância

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Relativamente aos impactes negativos foram usadas 13 afirmações (Quadro 25). Analisando as médias, os inquiridos concordaram com 6 afirmações, sendo que 4 destas afirmações dizem respeito aos impactes ambientais.

As médias das afirmações dos impactes ambientais negativas são das mais elevadas, demonstrando preocupação por parte dos residentes com o ambiente, talvez porque se trata de um destino em que o turismo de natureza é relevante. Por exemplo, a afirmação “Aumenta o ‘lixo’ na vila e na área rural do

município” teve uma média razoável (3,9), ocupando o 5º lugar no *ranking* dos impactes. Comparando com outros estudos, nomeadamente o de Scalabrini (2017) e o de McGehee & Andereck (2004), foram encontrados valores mais baixos.

Quadro 25- *Ranking* das médias dos impactes positivos e negativos

Ranking	Impactes positivos	Média
1	Dá mais visibilidade à vila e ao município atraindo mais turistas.	4,1
2	Cria postos de trabalho para os residentes.	4,0
3	Estimula a cultura local e o artesanato.	4,0
4	Permite contacto com culturas diferentes.	3,9
6	Aumenta as oportunidades de empreender na vila e no resto do município.	3,7
7	Possibilita a melhoria de infraestruturas e das áreas naturais do município.	3,6
9	Permite a conservação e restauro de edifícios históricos.	3,5
12	Ajuda a criar serviços para os moradores.	3,5
16	O dinheiro gasto pelos turistas fica no município.	3,4
17	Fácil acesso aos serviços usados pelos turistas.	3,4
18	Conduz à melhoria do padrão de vida da população.	3,4
20	Melhora a qualidade de vida.	3,2
21	Proporciona a preservação das áreas naturais.	3,0
22	A qualidade dos serviços (p. ex., restaurantes, cafés, bares, lojas), é agora melhor devido ao turismo	3,0
23	A qualidade dos serviços públicos é melhor com o turismo, por conta das receitas geradas pelos impostos do turismo.	3,0
Impactes negativos		
5	Aumenta o “lixo” na vila e na área rural do município.	3,9
8	Aumenta os níveis de poluição do ar e da água.	3,5
10	Aumenta os preços de bens e serviços.	3,5
11	Aumenta o <i>stress</i> devido à quantidade de pessoas que circulam na vila.	3,5
13	Leva a um crescimento da área construída e à redução dos elementos naturais.	3,5
14	Leva à alteração das espécies da fauna e flora locais.	3,5
15	Dificulta o acesso dos moradores a locais de lazer.	3,4
19	O turismo aumenta o custo de vida dos residentes.	3,4
24	Gera ruído excessivo na Vila.	2,9
25	As vagas e oportunidades de trabalho são destinadas a pessoas que vêm de fora do município.	2,7
26	A população local altera o seu comportamento na tentativa de imitar o comportamento dos turistas.	2,5
27	Há constantes conflitos entre turistas e residentes.	2,4
28	Aumenta a criminalidade.	2,4

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Conclui-se também que dos três tipos de impactes (económicos, socioculturais e ambientais) os positivos económicos foram os que reuniram uma maior concordância (Quadro 26- 3,58), o que demonstra que

os inquiridos perceberam benefícios do turismo para a economia de Arcos de Valdevez. Os residentes mostraram uma maior concordância com os impactes económicos positivos do que com os negativos (3,19), estando de acordo com o que foi obtido no estudo de Vargaz-Sánchez (2015), realizado aos residentes de Huelva e no estudo de Lima (2012), aplicado aos habitantes da Ilha da Boa Vista em Cabo Verde.

O mesmo aconteceu com os impactes socioculturais, em que os impactes positivos obtiveram uma média mais elevada (3,49) diferindo dos resultados obtidos por Lima (2012), mas seguindo os resultados obtidos por vários autores (*e.g.*, Souza, 2009; Scalabrini, 2017). Importa referir que os impactes socioculturais negativos são, dos três grupos, os menos percebidos.

Apenas nos impactes ambientais a média foi superior nos impactes negativos (3,47- Quadro 26), o que nos leva a concluir que os habitantes de Arcos de Valdevez estão consciencializados das consequências negativas que o turismo pode acarretar para o município, se for mal gerido. Estes valores talvez estejam relacionados com o facto de algumas freguesias de Arcos de Valdevez pertencerem ao Parque Nacional Peneda-Gerês, o que pode trazer mais consciência dos riscos de um turismo descontrolado num ambiente protegido. No estudo feito por Renda (2012), aos residentes de Loulé, também os impactes negativos mais percebidos foram os ambientais.

Para finalizar, foi também calculada uma média geral, que contempla os três grupos de impactes, tendo-se revelado a média dos impactes positivos (3,51) superior à média dos impactes negativos (3,15).

Quadro 26- Média e desvio-padrão dos três grupos de impactes

Impactes económicos	Média	Desvio-padrão
Positivos	3,58	0,81
Negativos	3,19	0,91
Impactes socioculturais		
Positivos	3,49	0,85
Negativos	2,85	0,80
Impactes ambientais		
Positivos	3,32	1,12
Negativos	3,47	0,96

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Como já tinha sido referido no *item* 2.2 da presente dissertação, existem fatores que influenciam a formação das percepções. As características sociodemográficas, assim como os níveis de dependência

económica dos residentes face à atividade são referidos por alguns autores como sendo importantes na formação de percepções (Jackson, 2008; Sharma & Dyer, 2009; Santos, 2011).

Foram cruzadas as médias gerais dos três tipos de impactes (económicos, socioculturais e ambientais), quer positivos quer negativos do turismo com algumas características sociodemográficas (sexo, grupo etário e grau de escolaridade), classificação segundo a TIPAU, assim como com a pergunta *Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?*, que permite entender qual é a opinião dos residentes que podem ter tido algum tipo de benefício económico relacionado com a atividade (Quadro 27, Quadro 28 e Quadro 29).

Mais uma vez, para identificar a significância dos cruzamentos, foi aplicado o teste de normalidade *Kolmogorov-Smirnov* (teste K-S) sendo considerado significantes aqueles que registaram um $p \leq 0,05$.

Ao avaliarmos a variável género, conclui-se que não existem diferenças significativas entre os homens e as mulheres na percepção dos três tipos de impactes (económicos, socioculturais e ambientais - Quadro 27, Quadro 28 e Quadro 29). Ainda assim, as mulheres concordaram mais com os impactes positivos económicos e os socioculturais. Estes resultados diferem dos obtidos por Scalabrini (2017), porque foram os homens (3,78) que mostraram uma maior concordância relativamente aos impactes económicos e socioculturais positivos, mas tal pode ser devido ao facto de no estudo de Scalabrini (2017), a autora estar a lidar, sobretudo, com o turismo de negócios.

Nos grupos etários, de modo geral, verificou-se uma tendência (Quadro 27, Quadro 28 e Quadro 29). Conforme a idade aumenta foram menos identificados os impactes económicos, socioculturais e ambientais, quer positivos quer negativos. Os residentes mais novos revelaram uma maior identificação tanto dos impactes positivos como dos negativos. McGehee & Andereck (2004) também concluíram que os mais velhos percecionam menos os impactes negativos.

Quando analisado o grau de escolaridade, constata-se que os inquiridos com mais escolaridade concordaram mais com os impactes positivos e negativos do que os inquiridos com menos escolaridade. No estudo de Vareiro *et al.* (2013) foi concluído que os inquiridos com mais escolaridade tinham mais consciência dos impactes positivos e menos dos impactes negativos, resultados que diferem em parte dos nossos. Remoaldo *et al.* (2015) concluíram que os residentes de Guimarães que possuíam mais estudos percecionavam menos os impactes positivos do que os residentes com menos estudos, contrariamente com o que aconteceu com a nossa amostra.

Quadro 27- Perceção dos impactes económicos segundo o género, o grupo etário, o nível de escolaridade, a ligação ao turismo e a classificação segundo a TIPAU

Impactes económicos									
Impactes positivos					Impactes negativos				
	Média	Desvio padrão	Sig. ¹	N		Média	Desvio padrão	Sig. ¹	N
Género²					Género²				
Masculino	3,51	0,92	0,00	70	Masculino	3,12	0,93	0,18	70
Feminino	3,62	0,76	0,00	141	Feminino	3,22	0,90	0,00	141
Grupo etário (em anos)²					Grupo etário (em anos)²				
15-24	3,77	0,75	0,01	71	15-24	3,22	0,91	0,02	71
25-44	3,58	0,77	0,02	92	25-44	3,24	0,91	0,16	92
45-64	3,29	0,93	0,20	43	45-64	3,09	0,89	0,09	43
Mais de 64	3,43	0,97	0,00	5	Mais de 64	2,67	1,00	0,20	5
Grau de escolaridade²					Grau de escolaridade²				
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	2,57	1,21	-	2	1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	2,17	0,71	-	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	3,09	1,23	0,05	10	Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	3,17	1,09	0,03	10
Ensino secundário	3,61	0,75	0,17	78	Ensino secundário	3,14	0,91	0,20	78
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	3,62	0,81	0,00	95	Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	3,18	0,89	0,07	95
Mestrado ou Doutoramento	3,64	0,77	0,20	26	Mestrado ou Doutoramento	3,44	0,87	0,07	26
Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?²					Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?²				
Sim	3,72	0,79	0,10	82	Sim	3,07	0,90	0,03	82
Não	3,49	0,82	0,00	129	Não	3,26	0,90	0,00	129
Classificação das freguesias segundo a TIPAU					Classificação das freguesias segundo a TIPAU				
APU	3,52	0,91	0,01	72	APU	3,00	0,96	0,20	72
AMU	3,64	0,76	0,01	70	AMU	3,35	0,86	0,00	70
APR	3,59	0,77	0,00	69	APR	3,21	0,87	0,10	69

¹Sig considerado no teste de normalidade *Kolmogorov-Smirnov*, considerando $p < 0,05$.

²3 casos excluídos automaticamente pelo Programa Estatístico SPSS.

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Os residentes que trabalham ou já trabalharam numa atividade relacionado com o turismo mencionaram mais vezes estar de acordo com os impactes positivos do que os inquiridos que nunca trabalharam na área. Apenas nos impactes ambientais negativos os residentes que trabalham ou já trabalharam na área mostraram uma maior preocupação com os impactes negativos quando se compara com os que nunca trabalharam nesta área. Os resultados obtidos por Scalabrini (2017) numa pergunta similar vão de encontra aos nossos.

Quadro 28- Perceção dos impactes socioculturais segundo o género, o grupo etário, o nível de escolaridade, a ligação ao turismo e a classificação segundo a TIPAU

Impactes socioculturais									
Impactes positivos					Impactes negativos				
	Média	Desvio padrão	Sig. ¹	N		Média	Desvio padrão	Sig. ¹	N
Género²					Género²				
Masculino	3,46	0,96	0,00	71	Masculino	2,88	0,91	0,00	71
Feminino	3,51	0,8	0,00	142	Feminino	2,83	0,74	0,03	142
Grupo etário (em anos)²					Grupo etário (em anos)²				
15-24	3,61	0,82	0,03	71	15-24	2,86	0,81	0,01	71
25-44	3,52	0,82	0,00	93	25-44	2,90	0,77	0,02	93
45-64	3,29	0,93	0,01	44	45-64	2,81	0,86	0,02	44
Mais de 64	3,20	1,14	0,00	5	Mais de 64	2,12	0,54	0,20	5
Grau de escolaridade²					Grau de escolaridade²				
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	2,42	1,77	-	2	1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	2,5	0,99	-	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	3,16	1,06	0,16	10	Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	2,76	0,99	0,20	10
Ensino secundário	3,54	0,77	0,07	79	Ensino secundário	2,79	0,81	0,20	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	3,50	0,85	0,00	96	Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	2,86	0,81	0,03	96
Mestrado ou Doutoramento	3,53	0,94	0,15	26	Mestrado ou Doutoramento	3,03	0,64	0,19	26
Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?²					Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?²				
Sim	3,69	0,85	0	83	Sim	2,80	0,84	0,08	130
Não	3,37	0,83	0	130	Não	2,88	0,78	0,05	83
Classificação das freguesias segundo a TIPAU					Classificação das freguesias segundo a TIPAU				
AMU	3,42	0,94	0,00	73	AMU	2,69	0,77	0,01	73
AMU	3,55	0,79	0,00	71	AMU	2,89	0,78	0,05	71
APR	3,51	0,83	0,00	69	APR	2,98	0,83	0,00	69

¹Sig considerado no teste de normalidade *Kolmogorov-Smirnov*, considerando $p < 0,05$.

² I caso excluídos automaticamente pelo Programa Estatístico SPSS.

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Por último, apesar de não existirem diferenças significativas, constata-se que os inquiridos das Áreas Mediamente Urbanas (AMU) são os que mais mencionaram estar de acordo com os três tipos de impactes positivos. Já os residentes das Áreas Predominantemente Rurais (APR) foram que mais identificaram os impactes negativos quer socioculturais quer ambientais (Quadro 28 e Quadro 29).

Quadro 29- Perceção dos impactes ambientais segundo o género, o grupo etário, o nível de escolaridade, a ligação ao turismo e a classificação segundo a TIPAU

Impactes ambientais									
Impactes positivos					Impactes negativos				
	Média	Desvio padrão	Sig. ¹	N		Média	Desvio padrão	Sig. ¹	N
Género²					Género²				
Masculino	3,36	1,13	0,01	69	Masculino	3,37	1,08	0,20	69
Feminino	3,32	1,11	0,00	140	Feminino	3,55	0,85	0,01	140
Grupo etário (em anos)²					Grupo etário (em anos)²				
15-24	3,44	1,08	0,00	71	15-24	3,44	0,95	0,01	71
25-44	3,37	1,07	0,00	89	25-44	3,56	0,88	0,20	89
45-64	3,14	1,29	0,00	44	45-64	3,54	0,95	0,20	44
Mais de 64	3,10	0,96	0,20	5	Mais de 64	2,44	1,07	0,20	5
Grau de escolaridade²					Grau de escolaridade²				
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	2,25	1,06	-	2	1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	2,3	1,27	-	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	2,85	1,42	0,10	10	Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	3,1	1,22	0,20	10
Ensino secundário	3,37	1,07	0,00	77	Ensino secundário	3,41	0,93	0,08	77
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	3,38	1,10	0,00	96	Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	3,53	0,90	0,20	96
Mestrado ou Doutoramento	3,35	1,21	0,01	24	Mestrado ou Doutoramento	3,82	0,79	0,20	24
Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?²					Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?²				
Sim	3,45	1,12	0,00	80	Sim	3,50	0,94	0,20	80
Não	3,26	1,11	0,00	129	Não	3,48	0,93	0,06	129
Classificação das freguesias segundo a TIPAU					Classificação das freguesias segundo a TIPAU				
APU	3,23	1,23	0,00	70	APU	3,40	1,06	0,19	70
AMU	3,48	1,03	0,00	71	AMU	3,48	0,92	0,20	71
APR	3,29	1,08	0,00	68	APR	3,58	0,81	0,20	68

¹Sig considerado no teste de normalidade *Kolmogorov-Smirnov*, considerando $p < 0,05$.

² 5 caso excluídos automaticamente pelo Programa Estatístico SPSS.

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

5.3.1 Análise de *cluster* não hierárquico

Por último foi feita uma análise de *cluster* não hierárquica dos impactes do turismo. Este tipo de análise permite agrupar elementos parecidos num mesmo grupo. Decidimos utilizar esta técnica de agrupamento por ser a mais apropriada para amostras superiores a 200 inquiridos (Brida *et al.*, 2010). De referir que a denominação de *cluster* foi baseada em estudos anterior, tais como o de Vareiro *et al.* (2013), Lopes (2016) e Scalabrini (2017).

Para a realização da análise de *clusters* foi seguido o modelo utilizado por Vareiro *et al.* (2013) e optou-se pela implementação de uma metodologia progressiva, com a formação de 2 a 5 *clusters*. Para tal foram consideradas as médias das 29 afirmações relativas aos impactes positivos e negativos do turismo. De seguida foram formados 2-5 *clusters*. O Quadro 30 mostra a distribuição da amostra em cada *cluster* e para um conjunto de grupos (entre 2 e 5).

Para percebermos o número de *clusters* a utilizar, verificámos os valores da iteração e do teste ANOVA nos grupos 2-5. O grupo que melhor se comportou em relação à iteração foi o composto por 3 *clusters*. Após a terceira iteração atingiu-se a estabilização, ou seja, foi quando passou a ocorrer pequenas mudanças no centro dos *clusters*. Ao avaliarmos os valores do teste da ANOVA que nos permitem aferir a variância (F) e a significância ($p \leq 0,005$) entre os *clusters* e os valores da iteração entendemos que a escolha acertada seria de 3 *clusters* coincidindo com o que tem sido usado noutros estudos, como o de Vareiro *et al.* (2013).

Quadro 30- Distribuição da amostra em cada *cluster*

Cluster	Número de grupos			
	2	3	4	5
1	165	43	75	33
2	49	152	90	81
3		19	11	10
4			38	35
5				55

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Depois de definido o número de *clusters* a usar, estes foram cruzados com algumas características sociodemográficas (sexo, grupo etário e grau de escolaridade), assim como com a pergunta 3 (Anexo I), que nos permitiu saber se o inquirido trabalhava ou já trabalhou no turismo. O Quadro 31 expõe os resultados dos cruzamentos.

As características sociodemográficas de cada *cluster* são as seguintes:

Cluster 1: Composto na sua maioria por mulheres (65,1%), ainda assim é o *cluster* com mais representatividade do sexo masculino (34,9%). Predominam os indivíduos com idades compreendidas

entre os 25 e os 44 anos (46,5%). Não existem indivíduos com mais de 64 anos e com o 1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade). Dos três *clusters* é o que apresenta a maior percentagem de indivíduos com o ensino superior (Licenciatura ou bacharelato) e 62,8% não trabalhavam nem nunca trabalharam na atividade turística. Os indivíduos deste *cluster* encontram-se divididos mais ao menos de forma homogénea pelas APU, AMU, APR, não havendo diferenças significativas.

Cluster 2: É o *cluster* com maior representatividade de inquiridos (71%), predominando o sexo feminino (65,8%). É neste *cluster* que os indivíduos jovens (15-24 anos) tinham uma maior representatividade (37,5%). Também 46,1% possuíam o ensino superior (Licenciatura ou bacharelato), e é o *cluster* com maior representatividade de indivíduos com o ensino secundário (37,5%) e que mais representa os que dizem já ter trabalhado no setor do turismo (39,5%).

Cluster 3: O grupo caracteriza-se por ser o que regista maior diferença entre homens e mulheres, sendo o mais representativo das mulheres (73,7%). Mais uma vez, predominam os indivíduos com idades entre os 25 e os 44 anos (42,1%), mas é neste *cluster* que os indivíduos com mais de 64 anos tem mais representatividade (5,3%). Predomina o ensino secundário e o ensino superior (Licenciatura ou bacharelato), ambos com uma percentagem de 36,8%. Importa referir que os outros três graus de escolaridade [1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade), ensino básico (até 9 anos de escolaridade) e mestrado ou doutoramento] é neste *cluster* que encontram maior representatividade. Também o que mais representatividade tem de indivíduos que não trabalham nem nunca trabalharam na área do turismo. O *cluster* é constituído essencialmente por indivíduos pertencentes a APU (52,6%), sendo o *cluster* com maior percentagem na APU.

Quadro 31- Perfil sociodemográfico dos *clusters*

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
	43	20,0	152	71,0	19	9,0	214	100
Género	N	%	N	%	N	%	N	%
Masculino	15	34,9	52	34,2	5	26,3	72	33,6
Feminino	28	65,1	100	65,8	14	73,7	142	66,4
Grupo etário (em anos)	N	%	N	%	N	%	N	%
15-24	9	20,9	57	37,5	5	26,3	71	33,2
25-44	20	46,5	66	43,4	8	42,1	94	43,9
45-64	14	32,6	25	16,4	5	26,3	44	20,6
Mais de 64	0	0,0	4	2,6	1	5,3	5	2,3
Grau de escolaridade	N	%	N	%	N	%	N	%
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	0	0,0	1	0,7	1	5,3	2	0,9
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	2	4,7	7	4,6	1	5,3	10	4,7
Ensino secundário	15	34,9	57	37,5	7	36,8	79	36,9
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	20	46,5	70	46,1	7	36,8	97	45,3
Mestrado ou Doutoramento	6	14	17	11,2	3	15,8	26	12,1
Trabalha ou já trabalhou em atividades relacionadas com o turismo?	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	16	37,2	60	39,5	7	36,8	131	38,8
Não	27	62,8	92	60,5	12	63,2	83	61,2
Classificação das freguesias segundo a TIPAU	N	%	N	%	N	%	N	%
Área Predominantemente Urbana	13	30,2	50	32,9	10	52,6	73	34,1
Área Mediamente Urbana	15	34,9	52	34,2	4	21,1	71	33,2
Área Predominantemente Rural	15	34,9	50	32,9	5	26,3	70	32,7

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

De seguida agrupámos as 28 afirmações por tipo de impacte e calculámos as médias de cada uma das afirmações por *cluster*, assim como a percentagem do nível de concordância que permite classificar mais facilmente os *clusters* (Quadro 32).

Quadro 32- Média das afirmações e percentagem de concordância em cada afirmação por *cluster*

	Cluster 1, n=43 (20%)		Cluster 2, n=152 (71%)		Cluster 3, n=19, (9%)	
	Score médio	Concordo (%) *	Score médio	Concordo (%) *	Score médio	Concordo (%) *
Impactes económico						
Positivos						
Dá mais visibilidade à vila e ao município atraindo mais turistas.	4,0	72,1	4,0	86,2	1,8	31,6
Cria postos de trabalho para os residentes.	2,9	39,5	4,3	94,1	3,3	68,4
Aumenta as oportunidades de empreender na vila e no resto do município.	2,6	34,8	4,0	78,9	1,5	15,8
Conduz à melhoria do padrão de vida da população.	1,9	2,3	3,8	61,2	1,8	21,1
O dinheiro gasto pelos turistas fica no município.	1,1	7,0	3,5	59,9	1,3	5,3
A qualidade dos serviços públicos é melhor com o turismo, por conta das receitas geradas pelos impostos do turismo.	1,9	9,3	3,1	38,8	1,0	0,0
Negativos						
Aumenta os preços de bens e serviços.	4,0	79,1	3,4	52,0	2,5	31,6
O turismo aumenta o custo de vida dos residentes.	3,9	74,4	3,1	44,7	1,5	15,8
As vagas e oportunidades de trabalho são destinadas a pessoas que vêm de fora do município.	2,3	23,3	2,6	17,8	1,5	5,3
Impactes socioculturais						
Positivos						
Estimula a cultura local e o artesanato.	2,7	34,9	4,2	90,1	3,2	63,2
Permite contacto com culturas diferentes.	3,0	44,2	4,3	93,4	2,6	42,1
Permite a conservação e restauro de edifícios históricos.	2,2	16,3	3,9	71,1	2,2	36,8
Fácil acesso aos serviços usados pelos turistas.	2,1	9,3	3,6	59,9	1,4	15,8
Melhora a qualidade de vida.	1,9	7,0	3,4	51,3	1,6	21,1
A qualidade dos serviços (p. ex., restaurantes, cafés, bares, lojas) é agora melhor devido ao turismo.	2,0	7,0	3,3	46,7	1,4	5,3

Nota: *Percentagens dos que concordam integra as respostas 4 e 5 na escala de Likert de 5 pontos.

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Quadro 32- Média das afirmações e percentagem de concordância em cada afirmação por cluster (conclusão)

	Cluster 1, n=43 (20%)		Cluster 2, n=152 (71%)		Cluster 3, n=19, (9%)	
Impactes socioculturais	Score médio	Concordo (%) *	Score médio	Concordo (%) *	Score médio	Concordo (%) *
Negativos						
Aumenta o <i>stress</i> devido à quantidade de pessoas que circulam na vila.	4,5	83,7	3,2	48	1,6	10,5
Dificulta o acesso dos moradores a locais de lazer.	4,3	88,4	3,2	44,1	2,3	26,3
A população local altera o seu comportamento na tentativa de imitar o comportamento dos turistas.	2,5	32,6	2,4	13,2	1,6	0
Há constantes conflitos entre turistas e residentes.	2,9	34,9	2,2	8,6	1,6	5,3
Aumenta a criminalidade.	2,5	27,9	2,2	5,9	1,7	5,3
Impactes ambientais						
Positivos						
Possibilita a melhoria de infraestruturas e das áreas naturais do município.	2,3	27,9	3,8	73	2,1	31,6
Proporciona a preservação das áreas naturais.	1,7	9,3	3,3	53,3	1,1	5,3
Negativos						
Aumenta o lixo na vila e na área rural do município.	4,4	90,7	3,6	64,5	1,3	15,8
Aumenta os níveis de poluição do ar e da água.	4,6	90,7	3,0	44,7	1,0	10,5
Leva a um crescimento da área construída e à redução dos elementos naturais.	3,8	76,7	3,2	45,4	2,1	31,6
Leva à alteração das espécies da fauna e flora locais.	3,8	79,1	2,9	38,8	1,9	26,3
Gera ruído excessivo na Vila.	3,8	65,1	2,7	18,4	1,4	0

Nota: *Percentagens dos que concordam integralmente as respostas 4 e 5 na escala de Likert de 5 pontos.

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Depois de agrupadas as afirmações por tipo de impacte, foi feita a média geral de cada *cluster* dos três tipos de impactes: impactes económicos, impactes socioculturais e impactes ambientais (Quadro 33).

Depois de uma análise efetuada aos dados obtidos e patenteados no Quadro 31, Quadro 32 e no Quadro 33, os três *clusters* podem ser caracterizados da seguinte forma:

Cluster 1- Residentes céticos: corresponde a 20 % da amostra e são muito preocupados com os impactes negativos do turismo e não percebem os impactes positivos, tendo registado as médias mais baixas nas seguintes afirmações: “Cria postos de trabalho para os residentes” (2,9), “O dinheiro gasto pelos turistas fica no município” (1,11), “Estimula a cultura local e o artesanato” (2,7), “O turismo é bom para Arcos de Valdevez” (3,33). E apesar de 53,5% dos inquiridos deste grupo terem concordado que “O turismo é bom para Arcos de Valdevez” foi o grupo que obteve uma menor média nesta afirmação (3,3). É o *cluster* com mais representatividade do sexo masculino (34,9%), evidenciando-se uma maior percentagem de adultos com idades entre os 25 e os 44 anos (46,5%), com ensino superior, licenciatura ou bacharelato (46,5%).

Cluster 2- Residentes otimistas: constitui o maior *cluster* (71%), percebendo muito mais os impactes positivos do que os negativos, tendo registado a maior média em todos os impactes positivos, inclusive 98% considera que “O turismo é bom para Arcos de Valdevez”. Os inquiridos deste *cluster* apenas concordaram com dois impactes negativos “Aumenta os preços de bens e serviços” e “Aumenta o lixo na vila e na área rural do município” (52,0% e 64,5%, respetivamente). Constituído essencialmente por mulheres (65,8%), possui uma maior percentagem de jovens (15-24 anos) (37,5%) e de indivíduos que dizem já ter trabalhado na área (39,5%) quando comparado com os outros *clusters*.

Cluster 3- Residentes indiferentes: é o *cluster* com maior percentagem de mulheres (73,7%), com maior percentagem de idosos (65 ou mais anos - 5,3%), e com maior percentagem de indivíduos com a escolaridade mais baixa, 1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade) e ensino básico (até 9 anos de escolaridade) com 5,8% em ambos os graus. Também é o *cluster* com maior representatividade do grau de escolaridade mais elevado - mestrado ou doutoramento (15,8%). No conjunto dos impactes positivos e negativos apenas são percebidos três impactes positivos: “O turismo é bom para Arcos de Valdevez” (81,5%), “Cria postos de trabalho para os residentes” (68,4%) e “Estimula a cultura local e o artesanato” (63,2%). É neste *cluster* que se encontram os indivíduos que menos percebem os impactes positivos e os negativos.

Quadro 33- Perfil sociodemográfico dos três *clusters* de residentes

	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
O turismo é bom para Arcos de Valdevez?	3,33	4,57	4,29
Impactes económicos positivos	2,76	3,91	2,56
Impactes económicos negativos	3,76	3,12	2,31
Impactes socioculturais positivos	2,51	3,86	2,49
Impactes socioculturais negativos	3,63	2,71	2,04
Impactes ambientais positivos	2,27	3,71	2,39
Impactes ambientais negativos	4,44	3,32	2,33

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

5.4 Perceção sobre a realidade atual do turismo em Arcos de Valdevez

Considerámos ser também importante compreender a opinião dos residentes em relação ao fluxo atual de turistas e ao fluxo desejado futuramente tendo usado duas perguntas (pergunta nº 12 e nº 13- Anexo 1) no questionário que foi utilizado:

-Como descreveria o fluxo atual do turismo (número de turistas) no município de Arcos de Valdevez?

-Gostaria que, no futuro, houvesse mais ou menos turistas no município de Arcos de Valdevez?

Analisando o Quadro 34, que diz respeito ao fluxo atual, verifica-se que 38,3% dos inquiridos considerou que o fluxo de turismo em Arcos de Valdevez era “Alto”, 29% foi de opinião que era “Moderado” e 25,2% dos inquiridos consideraram o fluxo de turismo “Muito Alto”. Apenas 5,6% mencionou que o fluxo é ainda “Baixo”. Estes valores diferem dos valores obtidos por Monjardino, (2009) e por Scalabrini (2017), o valor mais elevado registado nos dois estudos foi na opção “Moderado”. Talvez esta opinião esteja relacionada com o aumento de turistas no município nestes últimos anos. Tal facto pode levar alguns inquiridos a pensar que o fluxo de turistas é “Alto” comparado com outros períodos em que havia menos turistas.

Relativamente ao fluxo desejado futuramente, 36% dos inquiridos desejava que houvesse “Mais” turistas no município e 33,2% que o fluxo se mantivesse igual ao que estava (valores parecidos aos obtidos por Monjardino, 2009).

Quadro 34- Percepção a respeito da atual situação do turismo no município de Arcos de Valdevez

Como descreveria o fluxo atual do turismo (número de turistas) no município de Arcos de Valdevez? (%)		Gostaria que, no futuro, houvesse mais ou menos turistas no município de Arcos de Valdevez? (%)	
Muito baixa	0,9	Muito menos	6,1
Baixa	5,6	Menos	12,1
Moderado	29,0	O mesmo	33,2
Alto	38,3	Mais	36,0
Muito alto	25,2	Muito mais	7,5
Não tenho opinião	0,9	Não tenho opinião	5,1

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

As respostas às duas perguntas analisadas anteriormente foram cruzadas com as características sociodemográficas dos inquiridos (género, idade, nível de escolaridade) e com a classificação segundo a TIPAU.

Relativamente ao fluxo atual do município não se verificou diferença significativa entre os homens e as mulheres. A opção mais escolhida foi em ambos os sexos “Alto”. Esta resposta foi também a mais escolhida em todas as faixas etárias, exceto na faixa etária que representa os idosos, dos 5 inquiridos com mais de 64 anos 60% considera o fluxo do turismo “Moderado”.

Em relação ao grau de escolaridade constatou-se que as pessoas com maior nível de escolaridade tenderam a considerar o fluxo de turismo “Alto” ou “Muito alto”, enquanto os inquiridos com menos escolaridade consideraram o fluxo de turismo “Baixo” ou “Moderado” (Quadro 35). Os inquiridos com mais escolaridade são os que identificam mais os impactes negativos do turismo, podendo estar mais incomodados com esta atividade, o que os leva a achar o fluxo de turismo “Alto” ou “Muito alto”.

Por norma, e conhecendo a realidade do município, as pessoas com mais escolaridade são mais jovens e residem nas freguesias centrais, onde tem mais oferta de emprego nas suas áreas de formação, assim, e indo de encontro à conclusão anterior, é expectável que sejam os inquiridos que residem nas freguesias consideradas Áreas predominantemente Urbanas, que maior percentagem registem nas opções “Alto” (41,1%) e “Muito alto” (31,5%).

Quadro 35- Opinião referente ao número atual de visitantes em Arcos de Valdevez

Como descreveria o fluxo atual do turismo (número de turistas) no município de Arcos de Valdevez?								
Género	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto	Não tenho opinião	Total	
	%	%	%	%	%	%	%	N
Masculino	0,0	4,2	29,2	40,3	23,6	2,8	100	72
Feminino	1,4	6,3	28,9	37,3	26,1	0,0	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	%	%	%	%	N
15-24	1,4	5,6	28,2	42,3	22,5	0,0	100	71
25-44	1,1	3,2	25,5	36,2	31,9	2,1	100	94
45-64	0,0	9,1	34,1	38,6	18,2	0,0	100	44
Mais de 64	0,0	20,0	60,0	20,0	0,0	0,0	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	%	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	0,0	50,0	50,0	0,0	0,0	0,0	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	0,0	0,0	50,0	30,0	20,0	0,0	100	10
Ensino secundário	1,3	7,6	31,6	40,5	16,5	2,5	100	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	1,0	5,2	22,7	39,2	32,0	0,0	100	97
Mestrado ou Doutoramento	0,0	0,0	34,6	34,6	30,8	0,0	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	%	%	%	%	N
Áreas Predominantemente Urbanas	0,00	5,5	20,5	41,1	31,5	1,4	100	73
Áreas Mediamente Urbanas	2,8	7,0	35,2	40,8	14,1	0,00	100	71
Áreas Predominantemente Rurais	0,00	4,3	31,4	32,9	30,0	1,4	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Ao analisarmos as percentagens das respostas dadas à pergunta 13 (Anexo 1) *Gostaria que, no futuro, houvesse mais ou menos turistas no município de Arcos de Valdevez?* (Quadro 36) destaca-se o facto de os inquiridos do sexo masculino (47,2%) quererem mais do que as mulheres (41,5%) que o turismo aumente, quando somamos as percentagens das opções “Mais” e “Muito mais”.

Quando se analisam os dados por grupos etários não existem diferenças consideráveis, destacando-se os inquiridos com mais de 64 anos, que em 40% dos casos referiram que no futuro o número de turistas deveria ser muito mais elevado.

Quadro 36- Opinião referente ao futuro do turismo em Arcos de Valdevez

Gostaria que, no futuro, houvesse mais ou menos turistas no município de Arcos de Valdevez?								
Género	Muito menos	Menos	O mesmo	Mais	Muito mais	Não tenho opinião	Total	
	%	%	%	%	%	%	%	N
Masculino	11,1	12,5	26,4	37,5	9,7	2,8	100	72
Feminino	3,5	12,0	36,6	35,2	6,3	6,3	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	%	%	%	%	N
15-24	0,0	12,7	32,4	39,4	8,5	7,0	100	71
25-44	8,5	11,7	33,0	34,0	6,4	6,4	100	94
45-64	11,4	13,6	36,4	34,1	4,5	0,0	100	44
Mais de 64	0,0	0,0	20,0	40,0	40,0	0,0	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	%	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	20,0	0,0	30,0	30,0	20,0	0,0	100	10
Ensino secundário	2,5	12,7	29,1	43,0	5,1	7,6	100	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	5,2	12,4	40,2	30,9	7,2	4,1	100	97
Mestrado ou Doutoramento	15,4	15,4	23,1	38,5	3,8	3,8	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	%	%	%	%	N
Áreas Predominantemente Urbanas	5,5	13,7	32,9	32,9	8,2	6,8	100	73
Áreas Mediamente Urbanas	4,2	11,3	35,2	39,4	4,2	5,6	100	71
Áreas Predominantemente Rurais	8,6	11,4	31,4	35,7	10,0	2,9	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

Os inquiridos com o primeiro ciclo do ensino básico responderam que no futuro deveriam existir muitos mais turistas, na sequência do que consideraram na pergunta anterior onde responderam que o número de turistas na atualidade era “Baixo” ou “Moderado”. Em relação aos restantes graus de escolaridade, não existe uma tendência clara e o mesmo aconteceu na distribuição dos residentes pelas freguesias de residência.

Foi também perguntado aos inquiridos se existia algum aspeto em particular que o preocupasse relacionado com o turismo (Quadro 37). A maior parte dos inquiridos (60,3%) respondeu que não havia nada que os preocupasse. Scalabrini (2017) obteve valores muito próximos dos nossos (63,5%). No estudo de Monjardino (2019), a autora obteve valores superiores aos nossos, tanto no estudo referente aos dados de 2005 (84%) como no estudo referente aos dados de 2018 (75%). Todavia, importa referir

que a percentagem dos dados de 2005 é referente aos inquiridos que não manifestaram nenhuma preocupação mais os que não responderam.

Quadro 37- Preocupação em relação a algum aspeto do turismo

Existe algum aspeto em particular que o preocupe em relação ao turismo em Arcos de Valdevez?				
Género	Sim	Não	Total	
	%	%	%	N
Masculino	45,8	54,2	100	72
Feminino	36,6	63,4	100	142
Grupo etário (em anos)	%	%	%	N
15-24	29,6	70,4	100	71
25-44	43,6	56,4	100	94
45-64	52,3	47,7	100	44
Mais de 64	0,0	100,0	100	5
Grau de escolaridade	%	%	%	N
1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)	50,0	50,0%	100	2
Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)	40,0	60,0	100	10
Ensino secundário	27,8	72,2	100	79
Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)	47,4	52,6	100	97
Mestrado ou Doutoramento	46,2	53,8	100	26
Classificação segundo a TIPAU	%	%	%	N
Áreas Predominantemente Urbanas	43,8	56,2	100	73
Áreas Mediamente Urbanas	36,6	63,4	100	71
Áreas Predominantemente Rurais	38,6	61,4	100	70

Fonte: Inquérito por questionário realizado aos residentes de Arcos de Valdevez em 2020.

5.5 Síntese

Ao longo do capítulo foram apresentados e discutidos os resultados da investigação empírica que nos permitiram responder às questões de partida e aos objetivos delineados. A amostra recolhida permitiu entender a perspetiva dos residentes em relação ao turismo e entender em que fase se encontra o turismo de Arcos de Valdevez.

Em termos gerais, observou-se que os inquiridos do município de Arcos de Valdevez consideraram que o turismo no município tem mais impactes positivos a nível económico e sociocultural do que negativos. Todavia, a nível ambiental percecionaram mais os impactes negativos do que os positivos.

Das variáveis que cruzámos com as afirmações dos impactes, conclui-se que a idade, o grau de escolaridade e principalmente o facto de trabalhar ou já ter trabalhado no turismo influenciaram as perceções dos residentes. O sexo dos inquiridos foi a característica que demonstrou ter menos influência nas perceções dos residentes de Arcos de Valdevez.

A Ecovia do Vez e o comércio e restauração são os elementos onde mais inquiridos dizem não gostar de

ver turistas, mas também são onde mais pessoas disseram gostar de ver turistas. Este resultado deriva do facto de serem os elementos que são também muito utilizados pelos residentes.

Com os dados recolhidos, foi feita uma análise de *clusters* que permitiu dividir as pessoas por três grupos: céticos; otimistas e indiferentes. Apesar de 71% dos inquiridos estar inserido no grupo dos otimistas, é importante que os outros dois grupos mudem de opinião para isso é necessário ouvir os residentes na implementação de novas estratégias.

6. Considerações finais

Neste capítulo, de finalização da nossa dissertação, são apresentadas as principais conclusões do estudo, as dificuldades encontradas, assim como as sugestões para futuros estudos.

6.1 Principais ilações

Iniciámos a nossa investigação com o esclarecimento de vários conceitos relacionados com a temática do turismo, nomeadamente o conceito de turismo sustentável e o conceito de perceções e de atitudes, assim como entender que tipos de impactes pode provocar o turismo. Tendo como foco o município de Arcos de Valdevez foi necessário dissecar conceitos que são importantes para um território que tem como principais produtos o turismo de natureza e o turismo cultural.

Através da análise dos estudos mais relevantes desenvolvidos à escala internacional sobre a perceção dos residentes concluiu-se que os estudos acerca desta temática têm ganho ênfase nos últimos anos, fruto do reconhecimento da necessidade em envolver os diferentes *stakeholders* no desenvolvimento da atividade, de modo a que o turismo se desenvolva de forma mais democrática e participativa e possa contribuir para um desenvolvimento mais sustentável. Em Portugal este tipo de postura ainda não é comum. Somos da opinião de que para existir um desenvolvimento sustentável todos os agentes envolvidos devem ser escutados, trabalhar mais em equipa e têm de retirar algum tipo de proveito da atividade, seja direta ou indiretamente. Também devem ser responsabilizados pelo tipo de intervenção que fazem, num mundo em que os impactes climáticos começam a ser tão visíveis e que urge contrariar. Ainda antes da interpretação de dados foi necessário entender a realidade do município a nível sociodemográfico, assim como a procura e a oferta turística.

Ainda que se tenha constatado melhorias nas últimas décadas, a população do município caracteriza-se por ser envelhecida com uma ainda significativa taxa de analfabetismo, e com um baixo nível de instrução. É importante criar medidas de incentivo à fixação de jovens. Os agentes locais têm apostado no turismo, sendo exemplo disso o *site* de turismo que criaram em 2020 ou até o Programa de Apoio ao Turismo de Arcos de Valdevez, que surgiu depois do primeiro confinamento com o objetivo de promover o turismo do município e minimizar os impactes negativos decorrentes da COVID-19. Este programa consiste na entrega de 500 vales aos profissionais que operam no município nas áreas da saúde, bombeiros, forças de segurança, nas Estruturas Residenciais para Idosos e no Serviço de Apoio Domiciliário, podendo descontar estes vales em alojamentos e em restaurantes aderentes.

O investimento que tem vindo a ser feito pela Câmara Municipal na atividade, pode vir a refletir-se num crescimento desta atividade, ainda no ano de 2021, devido ao aumento da procura por espaços rurais e à diminuição das viagens para outros países. Estamos cientes de que o verão de 2021 poderá ser um período de viragem com novo incremento da procura dos espaços mais rurais. Nessa altura, um número significativo de indivíduos residentes em Portugal e noutros países estará já vacinado contra a COVID-19.

Se o setor do turismo crescer os jovens vão ter mais oferta de empregos, permitindo fazerem uma avaliação diferente da que costumam realizar, visto os grandes centros urbanos serem atualmente locais de maior divulgação da COVID-19 e muitas atividades ligadas à componente cultural não estarem operacionais. Também é possível que os jovens encontrem outro tipo de soluções para ofertas menos massificadas, como por exemplo, o turismo criativo, que permite uma maior colaboração intergeracional e um maior contributo por parte da população mais idosa. Esta maior participação poderá melhorar a auto-estima da população local, o que nos parece ser um impacto sociocultural positivo que poderá vir a ocorrer. Por exemplo, no município de Arcos de Valdevez os turistas poderiam aprender a fazer rebuçados e charutos dos Arcos que são um doce de origem conventual.

Contudo, não é suficiente só ter em atenção o crescimento do turismo. É também importante que este cresça de modo sustentável, sendo por isso importante “escutar” os residentes, pois estes podem dar sugestões pertinentes e podem ajudar a encontrar caminhos que preservem mais o património tangível e intangível do município.

Mesmo no que diz respeito à investigação é necessária uma maior abertura por parte da Câmara Municipal para o desenvolvimento de projetos e de dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Os estudantes podem ajudar a encontrar novos caminhos para o desenvolvimento mais sustentável da atividade turística e colmatar a ausência de tempo e a pouca abertura que os políticos manifestam, muitas das vezes, para serem encontradas outras soluções que vão além da componente económica.

Em Arcos de Valdevez o nosso estudo foi o primeiro que auscultou a opinião dos residentes face à atividade turística.

Como foi referido na introdução da presente dissertação partimos de duas questões de partida: *Quais são as perceções dos residentes face ao turismo em Arcos de Valdevez?; Que impactes percecionam os residentes no âmbito da atividade turística?*

Estas perguntas conduziram-nos aos seguintes objetivos: aferir o tipo de participação dos residentes de Arcos de Valdevez na atividade turística; aferir a perceção dos residentes em relação ao desenvolvimento

do turismo e em relação aos impactes positivos e negativos provocados por esta atividade; propor um plano de ação a curto prazo para a resolução de problemas que venham a ser identificados.

Concluiu-se que os residentes inquiridos de Arcos de Valdevez tendem a expressar um mais baixo entusiasmo relativamente à atividade turística do que noutros estudos quer realizados em Portugal quer noutros países. Percecionaram mais os impactes positivos do turismo do que os negativos, com particular destaque para os impactes económicos, que normalmente são os mais fáceis de medir. Seguiram-se os socioculturais e, por último, os ambientais. No caso dos impactes ambientais os negativos foram mais percecionados do que os positivos.

Os residentes de Arcos de Valdevez manifestaram preocupação com o ambiente, verificado pelas elevadas médias nos impactes ambientais negativos, mas também pelas respostas dadas à pergunta *Há algum tipo de turista ou visitante que lhes desagrade particularmente?*, apesar de mais de metade ter respondido que não. Os que afirmaram existirem turistas ou visitantes que lhes desagradam mencionaram não gostarem de turistas que não respeitam o ambiente. Estes indicadores levam-nos a concluir que as questões ambientais devem ser mais centrais nas decisões dos agentes locais.

Em suma, os residentes de Arcos de Valdevez têm consciência dos benefícios que o turismo acarreta. Contudo, começam agora a percecionar alguns aspetos negativos que advêm da atividade.

Se tivéssemos de definir em que fase se encontra o turismo de Arcos de Valdevez segundo o modelo de Butler (1980), denominado de “Ciclo de Vida de um destino turístico” que foi discutido no *item 2.3*, diríamos que se encontra na segunda fase denominada de “Envolvimento”. A fase de “Envolvimento” caracteriza-se por já existirem equipamentos, bens e serviços principalmente ou exclusivamente para turistas, e é significativo o contacto entre residente e visitantes. Existe também uma estratégia de *marketing* para atrair mais turistas futuramente e alguma pressão sobre os agentes locais e agências públicas para o desenvolvimento de melhores condições para os turistas. Todavia, também já se começam a percecionar algumas características da fase seguinte, que é a fase do “Desenvolvimento”. Esta fase caracteriza-se por já existir uma área bem definida de mercado turístico e por existir divulgação e comunicação em locais chave. Por último, começam a ser percecionados alguns impactes negativos do turismo.

6.2 Limitações e sugestões para futuras investigações

Ao longo do estudo realizado deparamo-nos com algumas limitações. Sem dúvida que as principais limitações do estudo prenderam-se com a implementação do inquérito por questionário em período pandémico. Inicialmente pretendíamos implementar o inquérito na escola Secundária de Arcos de

Valdevez e contar com a colaboração dos estudantes com idades iguais ou superiores a 15 anos. O objetivo era os alunos responderem a um questionário e entregarem um aos pais e outro aos avós, de modo a conseguirmos captar a opinião dos residentes de vários grupos etários. Todavia, com o agravamento da pandemia ligada ao vírus SARS- CoV-2 as escolas encerraram e não se pôde aplicar esta metodologia. Pareceu-nos então que a única solução seria implementar o questionário via *on-line*, ultrapassando alguns problemas, tais como os ligados à distância social necessária para debelar a pandemia. Obviamente que este método de implementação teve as suas vantagens, mas sentimos algumas desvantagens que consideramos ser as principais limitações do estudo. O facto de implementarmos o questionário via *on-line* fez com que a percentagem de idosos fosse reduzida, devido à dificuldade que os idosos têm no uso das tecnologias.

Uma outra limitação que podemos mencionar foi a dificuldade em obter questionários preenchidos. Tivemos que proceder a uma contínua insistência na divulgação do questionário em grupos de residentes de Arcos de Valdevez no *Facebook*, tendo conseguido um número considerável de questionários, que nos permitiu analisar de forma consistente os dados recolhidos.

Para futuras investigações, sugere-se que a amostra do questionário a residentes seja superior e que se consiga uma maior uniformização dos grupos etários e do grau de escolaridade, assim como, avaliar a perceção dos restantes *stakeholders* envolvidos.

Um outro estudo que se pode sugerir é comparar a perceção dos residentes de Arcos de Valdevez com os residentes dos municípios circundantes, ou que competem diretamente, em termos de turistas, com Arcos de Valdevez a nível regional.

6.3 Recomendações futuras para a prática

Por último, e com base nos resultados que a presente dissertação nos permitiu retirar, propõe-se um plano de ação a curto e médio prazo que poderá ajudar a trazer mais turistas ao município.

Em Arcos de Valdevez predomina sobretudo o turismo de natureza sendo importante realçar e aproveitar as suas potencialidades. Considerámos relevante estabelecer parcerias entre os municípios do PNPG que permita tornar a marca PNPG mais forte, competitiva e com mais oferta turística, oferta que se encontra espalhada pelos cinco municípios integrantes, retirando o que de melhor existe em cada território. Desta coligação poderia surgir a criação de mais rotas turísticas, que contemplem pontos de todos os municípios pertencentes ao PNPG (Montalegre, Arcos de Valdevez, Terras de Bouro, Ponte da Barca e Melgaço), o que vai permitir que os turistas percorram o PNPG e não escolham apenas um ou dois municípios para visitar, assim como uma maior divulgação das rotas já existentes. Também seria

importante que os municípios integrantes fizessem uma divulgação conjunta, através de um *site* e/ou de uma App que poderia ser usada pelos turistas e com divulgação em pontos estratégicos referentes a pontos turísticos de outros municípios. A App poderia ter divulgação de pontos de interesse e de atividades do foro cultural e do foro natural que estão programadas.

De modo a atrair outro tipo de turismo, considerámos que os agentes locais deveriam publicitar mais a rota católica e cultural denominada de “Via Mariana Luso-Galaica”, que liga a Basílica do Sameiro, em Braga, ao Santuário da Virgem da Barca, em Muxia, e que passa por aproximadamente uma dezena de santuários marianos, nomeadamente pelo Santuário da Peneda localizado na freguesia da Gavieira.

Sugere-se também a criação de um evento anual dedicado ao lobo ibérico, sendo o lobo ibérico um animal protegido que está presente nas Serras da Peneda e do Soajo. Este evento pode ser co-organizado com o Centro de Recuperação do Lobo Ibérico, que está sediado em Mafra.

Por último, devido à sazonalidade que existe na atividade turística de Arcos de Valdevez, sugere-se o desenvolvimento de atividades e *workshops* ligados ao turismo criativo, o que permite ao município atrair turistas em todas as épocas do ano. Pode ser criado, por exemplo, um curso que ensinasse aos visitantes a confeccionar os rebuçados dos Arcos.

No Quadro 38 estão sintetizadas as propostas descritas.

Quadro 38- Proposta de plano de ação para o turismo de Arcos de Valdevez

O quê	Como	Quem
- Coligação entre os municípios do PNPG.	- Criação de rota turística. - Estratégia de divulgação. - Integração de um representante dos residentes e do conjunto dos outros <i>stakeholders</i> em reuniões bianuais a realizar com a vereação ligada ao turismo.	- Câmaras Municipais dos municípios integrantes do PNPG e direção do PNPG.
- Criação ou uma maior divulgação de trilhos e rotas.	- Maior divulgação da Via Mariana, Luso Galaica.	- Câmara Municipal.
- Criação de novos eventos.	- Criação de um evento relacionado com o lobo ibérico.	- Câmara Municipal em ligação com associações de residentes e com o Centro de Interpretação do Lobo Ibérico.
- Turismo criativo.	- Criação de curso em que se aprende a fazer rebuçados dos Arcos.	- Câmara Municipal em ligação com associações de residentes e associações culturais e recreativas.

Fonte: Elaboração própria

Bibliografia

Artigos Científicos, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado

- Almeida, I. & Abranja, N. (2009), "Turismo e Sustentabilidade", *Cogitur, Journal of Tourism Studies*, 2(2), 15-31.
- Andereck, K., Valentine K., Knopf R., & Vogt C. (2005), "Residents' Perceptions of Community Tourism Impacts", *Annals of Tourism Research*, 32 (4), pp. 1056-76.
- Ap, J. (1992), "Residents' Perceptions on Tourism Impacts", *Annals of Tourism Research*, 19, pp. 665-690.
- Ap, J. & Crompton, J. (1993), "Residents' Strategies for Responding to Tourism Impacts", *Journal of Travel Research*, 32(1), pp. 47-50.
- Ap, J. & Crompton, J. (1998), "Developing and Testing a Tourism Impact Scale." *Journal of Travel Research*, 37(2), pp. 120-130.
- Ardahaey, T. (2011), "Economic impacts of tourism", *International Journal of Business and Management*, 6(8), pp. 206-215.
- Bacha, M., Strehlau V. & Romano, R. (2006), *Percepção: termo frequente, usos inconsequentes em pesquisa?*, 30º Encontro da ANPAD, 23 a 27 de setembro de 2006, Brasil, Salvador.
- Besculides, A., Lee, M. E. & McCormick, P. J. (2002), "Residents' Perceptions of the Cultural Benefits of Tourism", *Annals of Tourism Research*, 29(2), pp. 303-319.
- Brida, J., Osti, L. & Barquet, A. (2010), "Segmenting resident perceptions towards tourism - a cluster analysis with a multinomial logit model of a mountain community", *International Journal of Tourism Research*, 12(5), pp. 591-602.
- Brunt, P. & Courtney, P. (1999), "Host Perceptions of Sociocultural Impacts", *Annals of Tourism Research*, 26(3), pp. 493-515.
- Butler R. (2015), "The Evolution of Tourism and Tourism Research", *Tourism Recreation Research*, 40(1), pp. 16-27.
- Butler, R. (1980), "The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources", *The Canadian Geographer/Le Géographe Canadien*, 24(1), pp. 5-12.
- Câmara Municipal de Arcos de Valdevez (2020), *Boletim Municipal*, nº 34, julho de 2020, Arcos de Valdevez.

- Carneiro, M. J. & Eusébio, C. (2011), "Segmentation of the Tourism Market Using the Impact Of Tourism On Quality Of Life", *Tourism & Management Studies*, 7, pp. 91-100.
- Carvalho I. (2015), *O Turismo Acessível: Estratégias de Adaptação De Uma Cidade, O Caso de Lisboa*, Tese de Doutoramento em Turismo, Universidade de Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Lisboa.
- CCDR-n (2015), *Norte2020 – Programa Operacional Regional do Norte – Mapeamento dos investimentos em infraestruturas culturais*, CCDR Norte, Porto.
- Choy, Y. & McDowall, S. (2010), "A Comparative Analysis of Thailand Residents' Perceptions of Tourism's Impacts", *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*, 11(1), pp. 36-55.
- Coelho, J. (2010), *Un Índice de Desarrollo Turístico Basado en el Ciclo de Vida de un Destino*, Tese de Doutoramento, Universidad de Extremadura: Faculdade de Ciências Económicas e Empresarial, Badajoz.
- Cordero, J. (2008), "Residents' Perception of Tourism: A Critical Theoretical and Methodological Review", *CIENCIA ergo sum*, 15(1), pp. 35-44.
- Cunha, L. (2010), *A Definição e o Âmbito do Turismo: Um Aprofundamento Necessário*, Atas de Conferências Nacionais, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração: Centro de Pesquisa e Estudos Sociais, pp. 1-23.
- Dyer, P., Sharma, B., Gursoy, D. & Carter, J. L. (2007), "Structural Modelling of Resident Perceptions of Tourism and Associated Development on the Sunshine Coast, Australia", *Tourism Management*, 28(2), pp. 409-422.
- Easterling, D. (2005), "Residents and Tourism", *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 18(4), pp. 49-64.
- Esteves, J. (2019), *Boletim Municipal*, nº 33, Dezembro de 2019, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, pp. 1-3.
- Eusébio, C. (2006), *Avaliação do Impacte Económico do Turismo a Nível Regional: O Caso da região Centro de Portugal*, Tese de Doutoramento em Turismo, Universidade de Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Aveiro.
- Eusébio, C. & Carneiro, M. (2010), *A importância da percepção dos residentes dos impactes do turismo e da interação residente-visitante no desenvolvimento dos destinos turísticos*, 7º Workshop APDR - XXXVI Reunión de Estudios Regionales, Badajoz, Elvas.
- Eusébio, C. & Carneiro, M. (2012), "Impactos Socioculturais do Turismo em Destinos Urbanos", *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 30(1), pp. 65-76.

- Froehlich, C. (2014), "Sustentabilidade: Dimensões e Métodos De Mensuração de Resultados", *Revista de Gestão do Unilasalle*, 3(2), pp. 151-168.
- Getz, D. (1993), "Impacts of Tourism on Residents' Leisure: Concepts, and a Longitudinal Case Study of Spey Valley, Scotland", *Tourism Studies*, 4(2), pp. 33-34.
- Getz, D. (1994), "Residents' Attitudes Towards Tourism: a Longitudinal Study in Spey Valley, Scot Land", *Tourism Mangement*, 15(4), pp. 247-259.
- Governo de Portugal (2012), *Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) – Horizonte 2013-2015*, Ministério da Economia e do Emprego, Lisboa.
- Hanna, P., Font, X., Scarles, C., Weeden, C., & Harrison, C. (2018), "Tourist Destination Marketing: From Sustainability Myopia to Memorable Experiences", *Journal of Destination Marketing & Management*, 9, pp. 36-43.
- Huh, C. & Vogt, C. A. (2008), "Changes in Residents' Attitudes Toward Tourism Over Time: A Cohort Analytical Approach", *Journal of Travel Research*, 46(4), pp. 446-455.
- Iaquinto, B. (2018), "A Sustentabilidade e Suas Dimensões", *Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado de Santa Catarina*, 25(31), pp. 157-178.
- Jackson, L. A. (2008), "Residents' Perceptions of the Impacts of Special Event Tourism", *Journal of Place Management and Development*, 1(3), pp. 240-255.
- Johnson, R. L. & Lindberg, K. (1997), "Modelling Resident Attitudes Towards Tourism", *Annals of Tourism Research*, 24(2), pp. 402-424.
- Jurowski, C. & Gursoy, D. (2004), "Distance Effects on Residents' Attitudes Toward Tourism", *Annals of Tourism Research*, 31(2), pp. 296-312.
- Kitnuntaviwat, V. & Tang, J. C. (2008), "Residents' Attitudes, Perception and Support for Sustainable Tourism Development", *Tourism and Hospitality Planning & Development*, 5(1), pp. 45-60.
- Korca, P. (1998), "Resident Perceptions of Tourism in a Resort Town", *Leisure Sciences*, 20(3), pp. 193-212.
- Kuvan, Y. & Akan, P. (2005), "Residents' Attitudes Toward General and Forest-Related Impacts of Tourism: The Case of Belek, Antalya", *Tourism Management*, 26(5), pp. 691-706.
- Lankford, S. & Howard, D. (1994), "Developing a tourism impact attitude scale", *Annals of Tourism Research*, 21 (1), pp. 121-139.
- Lima, S. (2012), *As Percepções dos Residentes do Papel do Turismo no Desenvolvimento da Ilha da Boavista*, Projeto de Investigação do Mestrado, Universidade de Coimbra: Faculdade de Economia, Coimbra.

- Lopes, H., (2016), *O turismo como alavanca do desenvolvimento de áreas rurais: o caso de estudo do município de Boticas*, Dissertação de Mestrado em Geografia- Planeamento e Gestão do Território, Universidade Do Minho: Departamento de Ciências Sociais, Guimarães.
- Marujo, M. (2005), *A sociologia e o turismo*, In Ramos, F. e Da Silva C. (Orgs.), *Sociologia em Diálogo* (2), Universidade de Évora: Departamento de Sociologia, Évora.
- Mazón, A. I. M. (2012), “Análisis Relacional de Sistemas Turísticos. Un Marco de Trabajo Alternativo en el Proceso de Planificación Turística”, *Tourism & Management Studies*, 8, pp. 55-64.
- McGehee, N., & Andereck, K. (2004), “Factors Predicting Rural Residents’ Support of Tourism”, *Journal of Travel Research*, 43(2), pp.131-140.
- Moniz, A. (2006), *A Sustentabilidade do Turismo em Ilhas De Pequena Dimensão: O Caso dos Açores*, Tese de Doutoramento, Universidade dos Açores: Departamento de Economia e Gestão, Ponta Delgada.
- Monjardino, I. (2009), *Indicadores de Sustentabilidade do Turismo nos Açores: O Papel das Opiniões e da Atitude dos Residentes Face ao Turismo na Região*, Atas do 15º, Congresso da APDR–Redes e Desenvolvimento Regional, Praia, julho 9-11, Cabo Verde, pp. 1366-1399.
- Monjardino, I. (2019), *As opiniões e atitudes dos residentes face ao Turismo nos Açores - 2005 e 2018*, 28ª Reunião da SPEE do CSE, Lisboa, 24 de setembro de 2019.
- Murphy, P. (1981), “Community Attitudes to Tourism: A Comparative Analysis”, *International Journal of Tourism Management*, 3(2), pp. 189-195.
- Nunkoo, R. & Ramkissoon, H. (2010), “Small Island Urban Tourism: A Residents' Perspective”, *Current Issues in Tourism*, 13(1), pp. 37-60.
- Nunkoo, R., Smith, S. & Ramkissoon, H. (2013), “Residents’ Attitudes to Tourism: A Longitudinal Study of 140 Articles from 1984 to 2010”, *Journal of Sustainable Tourism*, 21(1), pp. 5-25.
- Nunkoo, R. & So, K. K. F. (2016), “Residents’ Support for Tourism: Testing”, *Journal of Travel Research*, 55(7), pp. 1-15.
- Oliveira, S. & Fontana, R. (2006), *Turismo Responsável: Uma Alternativa ao Turismo Sustentável?*, Apresentado no IV SeminTUR, Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
- Oliveira, M. & Salazar, A. (2011), *Os Impactos do Turismo: O Caso da Viagem Medieval de Santa Maria da Feira*, Book of Proceedins Vol.I: International Conference on Tourism & Management Studies, Algarve, pp. 744-765.

- Paulino, E. & Bridi, G. (2011), *Impactos Socioculturais do Turismo nas Comunidades Receptoras*, Apresentação no II Encontro Semintur Jr., 11 e 12 de novembro de 2011, Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
- Pérez, X. (2009), *Turismo cultural, Uma visão antropológica*, – El Sauzal Tenerife, ACA y PASOS, RTPC.
- Pizam, A. (1978), “Tourism’s Impacts: A”, *Journal of Travel Research*, 16(4), pp. 8-12.
- Quadros, M. (2016), *Perceção dos Residentes Sobre os Impactos do Turismo na Comunidade Local*, Dissertação de Mestrado em Gestão do Turismo Internacional, Universidade dos Açores: Faculdade de Economia e Gestão, Ponta Delgada.
- Ramos, D. & Costa C. (2017), “Turismo: Tendências de Evolução”, *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 10(1), pp. 21-33.
- Remoaldo, P., Ribeiro, C., Vareiro, L. & Santos, F. (2014), “Tourists’ perceptions of world heritage destinations: The case of Guimarães (Portugal)”, *Tourism and Hospitality Research*, 14(4), pp. 206-218.
- Remoaldo, P., Duque, E. & Ribeira, C. (2015), “The Environmental Impacts of Hosting the “2012 Guimarães European Capital of Culture” as Perceived by the Local Community”, *Ambiente y Desarrollo*, 19(36), pp. 25-38.
- Renda, A. (2012), *Perceção dos Residentes Sobre o Impacto do Turismo na Sua Qualidade de Vida: O Caso do Concelho De Loulé*, Tese de Doutoramento em Turismo, Universidade do Algarve: Faculdade de Economia, Faro.
- Rezaei, N. (2017), “Resident perceptions toward tourism impacts in historic center of Yazd, Iran”. *Tourism Geographies*, 19(5), pp. 734-755.
- Ribeiro, M. (2009), *Atitude dos Residentes Face ao Desenvolvimento do Turismo em Cabo Verde*, Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Universidade do Algarve: Faculdade de Economia, Faro.
- Rodrigues, S. (2012), *Turismo Sustentável em Destinos Rurais: O Papel Dos Residentes*, Dissertação de Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo, Universidade de Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Aveiro.
- Rodrigues, A., Vieira, I., Marques, C. & Teixeira, M. (2014), “Apoio da Comunidade Residente ao Desenvolvimento Turístico Sustentável: Um Modelo de Equações Estruturais Aplicado a uma Cidade Histórica do Norte de Portugal”, *Tourism & Management Studies*, 10(2), pp. 17-25.

- Santos, A. B. M. (2011), *O Turismo e a Percepção dos Seus Impactes pela Comunidade Local: O Caso da Ilha Do Sal, Cabo Verde*, Dissertação de Mestrado em Cidadania Ambiental e Participação, Universidade Aberta: Departamento de Ciências e Tecnologia, Lisboa.
- Scalabrini, E. (2017), *Percepções de Residentes no Município de Joinville (Santa Catarina, Brasil), Sobre a Atividade Turística*, Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais, Guimarães.
- Sharma, B. & Dyer, P. (2009), "An Investigation of Differences in Residents' Perceptions on the Sunshine Coast: Tourism Impacts and Demographic Variables", *Tourism Geographies*, 11(2), pp. 187-213.
- Silva, M. (2018), *As Diretrizes para o Turismo Sustentável e o Marketing de Destinos como Salvaguardado Patrimônio Cultural das Regiões: Estudo de Caso na Aldeia Do Sabugueiro*, Dissertação de Mestrado em Marketing e Estratégia, Universidade Do Minho: Escola de Economia e Gestão, Braga.
- Souza, C. (2009), *Turismo e Desenvolvimento: Percepções e Atitudes dos Residentes da Serra da Estrela*, Dissertação de mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo, Universidade de Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Aveiro.
- Turismo de Portugal (2017), *Estratégia Turismo 2027 - Liderar o Turismo do Futuro*, Lisboa.
- United Nations, 1994, *Recommendations on Tourism Statistics*, Serie M, nº 83, United Nations: New York.
- UNWTO (2005), *Making Tourism More Sustainable: A Guide for Policy Makers*, United Nations Environment Programme & World Tourism Organisation, Madrid.
- UNWTO (2010), *International Recommendations for Tourism Statistics 2008*, New York.
- UNWTO (2016), *Tourism Highlights*, New York.
- UNWTO (2019), *International Tourism Highlights*, New York.
- Vareiro, L., Remoaldo, P. & Ribeiro, J. C. (2013), "Residents' Perceptions of Tourism Impacts in Guimarães (Portugal): A Cluster Analysis", *Current Issues in Tourism*, 16(6), pp. 535-551.
- Vargas-Sánchez, A., Porrás-Bueno, N. & Plaza-Mejía, M. A. (2011), "Explaining Residents' Attitudes to Tourism: Is a Universal Model Possible?", *Annals of Tourism Research*, 38(2), pp. 460-480.
- Vargas-Sánchez, A., Valle, P., da Costa Mendes, J. & Silva, J. (2015), "Residents' attitude and level of destination development: An international comparison", *Tourism Management*, 48, pp. 199-210.
- Vieira N. (2006), *Turismo Activo em Portugal: Um Retrato do Setor*, Monografia Realizada no Âmbito da Disciplina de Seminário do 5º Ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física, Universidade do Porto: Faculdade de Desporto, Porto.

Wang, Y. & Pfister, R. (2008), "Residents' Attitudes Toward Tourism and Perceived Personal Benefits in a Rural Community", *Journal of Travel Research*, 47(1), pp. 84-93.

World Travel & Tourism Council (2018), *Economic Impact 2018 Portugal*, Londres.

Livros

Balanza, I. & Nadal, M. (2002), *Marketing e Comercialização de Produtos Turísticos*, Rio de Janeiro: Thomson.

Barretto, M. (2008), *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*, Campinas: Papirus.

Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991), *Nosso futuro comum (2º ed.)*, Rio de Janeiro: editora da fundação Getúlio Vargas.

Costa, F. (2011), *Mensuração e desenvolvimento de escalas: aplicações em administração*, Rio de Janeiro: Ciência Moderna.

Cunha, L. (2006), *Economia e Política do Turismo*, Lisboa: Verbo Editora

Hall, E. (1986), *A Dimensão Oculta*, Lisboa: Relógio D'Água.

Houaiss, A. (2002), *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (1ª ed.)*, São Paulo: Objetiva.

King, I., M. (1981), *A Theory for Nursing: Systems, Concepts, Process*, New York: J. Wiley.

Moesch, M. (2002), *A Produção do Saber Turístico (2ª Ed.)*, São Paulo: Contexto.

Moscardo, D. (2000), "The Concept of Attitude", in Jafari, J. (Eds.), *Encyclopedia of Tourism*, New York: Routledge World References.

Oppenheim, A. (1996), *Questionnaire Design, Interviewing and Attitude Measurement*, London and New York: Printer publishers.

Remoaldo, P. & Ribeiro, J. C. (2017), *O Legado de Guimarães Capital Europeia da Cultura de 2012: A Leitura dos Residentes e dos Visitantes*, Porto: Edições Afrontamento, Lda.

Santana, A. (1997), *Antropología y turismo? Nuevas hordas, viejas culturas?* Barcelona: Ariel.

Santos, N. & Cunha, L. (2011), *Triunfos de uma Geografia Activa: Desenvolvimento Local, Ambiente, Ordenamento e Tecnologia*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Tuan, Y.-F. (1980), *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, São Paulo: Difel.

Publicações estatísticas

INE, IP (1993), XIII Recenseamento Geral da População 1991 e III Recenseamento Geral da Habitação- Resultados definitivos, Lisboa.

INE, IP (2012), XV Recenseamento Geral da População 2011 e V Recenseamento Geral da Habitação – Resultados definitivos, Lisboa.

INE, IP (2015), Anuário Estatístico da Região Norte 2014, Lisboa.

INE, IP (2016), Anuário Estatístico da Região Norte 2015, Lisboa.

INE, IP (2017), Anuário Estatístico da Região Norte 2016, Lisboa.

INE, IP (2018), Anuário Estatístico da Região Norte 2017, Lisboa.

INE, IP (2019), Anuário Estatístico da Região Norte 2018, Lisboa.

Webgrafia

<<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-dopatrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral> (Direção Geral do Património Cultural) - consultado a 10/09/2020.

<<https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/pesquisa?searchword=arcos%20de%20valdevez&searchphrase=all> (Direção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural) - consultado a 13/09/ 2020).

<<https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Paginas/PowerBI/Sustentabilidade/estadamedia.aspx> (Travel bi, by turimo de Portugal) - consultado a 14/09/2020.

<https://www.cmav.pt/pages/1848?news_id=3780 (Câmara Municipal de Arcos de Valdevez) - consultado a 28/10/2019.

<https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008273&xlang=pt (Instituto Nacional de Estatística) – consultado a 10/09/2020.

<https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0009930&contexto=bd&selTab=tab2 (Instituto Nacional de Estatística) consultado a 15/09/2020.

<https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008572&contexto=bd&selTab=tab2 (Instituto Nacional de Estatística) - consultado a 15/06/2020.

Anexos

Questionário aos residentes de Arcos de Valdevez

Exmo.(a) Senhor(a)

Somos de opinião de que é de extrema importância conhecer a opinião dos residentes do município em relação ao turismo que é desenvolvido no município de Arcos de Valdevez. Por este motivo estamos a aplicar um inquérito aos residentes de Arcos de Valdevez no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Geografia que está a ser realizada na Universidade do Minho.

O questionário é simples, demorando apenas alguns minutos a preencher. Se não viver em Arcos de Valdevez, por favor, não responda ao mesmo.

Agradecemos desde já toda a colaboração que nos possa prestar e informamos que os dados fornecidos são destinados apenas para fins académicos e estatísticos e permanecerão confidenciais, pelo que solicitamos que não escreva o seu nome nas páginas do questionário. Caso tenha interesse em conhecer os resultados teremos todo o gosto em disponibilizá-los.

1. Há quanto tempo vive em Arcos de Valdevez? _____anos.

2. Em que freguesia reside? _____

3. Trabalha, ou já trabalhou, em alguma atividade relacionada com o turismo?

Sim Não

3.1. Caso tenha assinalado Sim na pergunta anterior, em qual(ais) da(s) atividade(s) abaixo mencionadas desempenhou as suas funções?

Hospedagem (hotel, pensão, casa de hóspedes, parque campismo, etc.)

Transportes (autocarro, táxi, aluguer de automóveis, etc.)

Guia de turismo

Agência de viagens

Comércio de artesanato e de souvenirs

Posto de informação de Turismo

Outra(s). Qual(ais)? _____

4. No seu tempo livre (atividades de lazer) costuma encontrar-se com turistas em Arcos de Valdevez?

Nunca

Raramente

Às vezes

Frequentemente

Muito Frequentemente

5. Caso tenha contacto, esse contacto perturba a sua atividade?

Sim

É indiferente

Não

Não sei

6. Alguma vez alterou os seus hábitos de vida (lazer, compras) ou os seus horários ou os locais onde realiza essas atividades com a finalidade de evitar turistas?

Sim Não

7. Existem locais em Arcos de Valdevez onde gosta de ver turistas?

Sim É indiferente Não Não sei

Se sim, onde gosta de ver? _____

8. Existem locais em Arcos de Valdevez onde preferia não encontrar turistas?

Sim É indiferente Não Não sei

Se sim, onde? _____

9. Há algum tipo de turista ou visitante que lhe agrade particularmente?

Sim Não

Se sim, que tipo de turista lhe agrada? _____

10. Há algum tipo de turista ou visitante que lhe desagrade particularmente?

Sim Não

Se sim, que tipo de turista lhe desagrade? _____

11. Por favor, dê a sua opinião relativamente às seguintes afirmações (assinale com um X a resposta que considera mais correta em cada uma)

	Discord o complet amente	Discord o	Não concordo nem discordo	Concord o	Concordo completament e	Não sei
O turismo é bom para Arcos de Valdevez	()	()	()	()	()	()

11.1. São os seguintes os efeitos do Turismo em Arcos de Valdevez.

	Discordo completamente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo completamente	Não sei
Cria postos de trabalho para os moradores.	()	()	()	()	()	()
Aumenta os preços de bens e serviços.	()	()	()	()	()	()
Aumenta a criminalidade.	()	()	()	()	()	()
Permite a conservação e restauro de edifícios históricos.	()	()	()	()	()	()

Ajuda a criar novos serviços para os moradores.	()	()	()	()	()	()
Permite o contacto com culturas diferentes.	()	()	()	()	()	()
Dificulta o acesso dos moradores a locais de lazer.	()	()	()	()	()	()
Estimula a cultura local e o artesanato.	()	()	()	()	()	()
Há constantes conflitos entre residentes e turistas.	()	()	()	()	()	()
A qualidade dos serviços (ex., restaurantes, cafés, bares, lojas) é agora melhor devido ao turismo.	()	()	()	()	()	()
Gera ruído excessivo na vila.	()	()	()	()	()	()
A população local altera o seu comportamento na tentativa de imitar o comportamento dos turistas.	()	()	()	()	()	()
O dinheiro gasto pelos turistas fica na vila e no município.	()	()	()	()	()	()
Os moradores têm acesso fácil aos serviços usados pelos turistas.	()	()	()	()	()	()
A qualidade dos serviços públicos é melhor com o turismo, por conta das receitas geradas pelos impostos do turismo.	()	()	()	()	()	()
Aumenta os índices de poluição do ar e das águas.	()	()	()	()	()	()
Aumenta o stress devido à quantidade de	()	()	()	()	()	()

peças que circulam na vila.							
Aumenta as oportunidades de empreender na vila e no resto do município.	()	()	()	()	()	()	()
Conduz à melhoria do padrão de vida da população.	()	()	()	()	()	()	()
Dá mais visibilidade à vila e ao município atraindo mais turistas.	()	()	()	()	()	()	()
As vagas e oportunidades de trabalho são destinadas às pessoas que vêm de fora do município.	()	()	()	()	()	()	()
Aumenta o custo de vida dos residentes.	()	()	()	()	()	()	()
Proporciona a preservação das áreas naturais.	()	()	()	()	()	()	()
Aumenta o lixo na vila e na área rural do município.	()	()	()	()	()	()	()
Leva à alteração das espécies da fauna e flora locais.	()	()	()	()	()	()	()
Leva a um crescimento da área construída e à redução dos elementos naturais.	()	()	()	()	()	()	()
Possibilita a melhoria de infraestruturas e das áreas naturais do município.	()	()	()	()	()	()	()
Melhora a qualidade de vida.	()	()	()	()	()	()	()

12. Como descreveria o fluxo atual do turismo (número de turistas) no município de Arcos de Valdevez?

- () Muito baixo
- () Baixo
- () Moderado
- () Alto
- () Muito alto
- () Não tenho opinião

13. Gostaria que, no futuro, houvesse mais ou menos turistas no município de Arcos de Valdevez?

- Muito menos
- Menos
- O mesmo
- Mais
- Muito mais
- Não tenho opinião

14. Relativamente ao turismo em Arcos de Valdevez, existe algum aspeto em particular que o preocupe?

- Sim
- Não

Se respondeu sim, o que é que o preocupa? _____

15. Na sua opinião, o que se pode fazer para melhorar o turismo em Arcos de Valdevez?

Dê-nos, por favor, mais alguma informação sobre si. Os dados não serão divulgados, mas são importantes para a análise da pesquisa.

16. Sexo

- Masculino
- Feminino

17. Que idade tem? ____ anos.

18. Qual é o seu estado civil?

- Solteiro
- Casado/ União de facto
- Divorciado
- Viúvo

19. Que estudo tem?

- Não sabe ler nem escrever
- 1º ciclo do ensino básico (até 4 anos de escolaridade)
- Ensino básico (até 9 anos de escolaridade)
- Ensino secundário (do 10º ao 12º ano)
- Ensino superior (Licenciatura ou bacharelato)
- Mestrado ou Doutoramento

20. Qual é a sua situação profissional?

- Empregado(a)
- Desempregado(a)
- Estudante
- Reformado(a)
- Doméstico(a)

21. Qual é a sua profissão? _____

22. Onde trabalha?

- No município
- Fora do município

23. Qual é o rendimento total líquido mensal familiar, incluindo salários, rendas, abonos e subsídios?

- Até 500 euros
- De 501 até 1000 euros
- De 1001 até 2000 euros
- De 2001 até 2500 euros
- De 2501 euros até 3000 euros
- De 3001 euros até 3500 euros
- De 3501 euros até 4000 euros
- De 4001 euros até 4500 euros
- Mais de 4500 euros.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Carla Rouceiro

Guião da entrevista

Sou aluna da Universidade do Minho e frequento o mestrado em Geografia. Estou a desenvolver um estudo sobre a perceção dos residentes do município de Arcos de Valdevez face ao desenvolvimento do turismo. Sou da opinião de que para o desenvolvimento de um turismo sustentável é de extrema importância conhecer a opinião dos residentes do município, assim como dos autarcas.

Os objetivos principais desta entrevista são: aferir a sua perceção relativamente à importância do turismo em Arcos de Valdevez e os seus impactes; aferir o tipo de participação dos residentes na atividade turística; caracterizar as possibilidades futuras de desenvolvimento do turismo em Arcos de Valdevez.

Agradeço desde já a colaboração e a disponibilidade demonstrada para me conceder esta entrevista.

1. Na sua opinião, qual é a importância do turismo para o município de Arcos de Valdevez?
2. Acredita que Arcos de Valdevez está preparado para um maior desenvolvimento da atividade turística?
3. Como descreve o fluxo atual, em 2020, em plena pandemia da COVID-19, do turismo (número de turistas) no município de Arcos de Valdevez? E antes da COVID-19, por exemplo em 2019?
4. Que atrações turísticas considera existirem no município de Arcos de Valdevez, por exemplo, monumentos, locais de interesse paisagístico, espécies animais, espécies vegetais, atividades ligadas à terra, gastronomia, festas e romarias?
5. E que atrações considera terem grande potencial turístico, mas que foram pouco exploradas/visitadas até ao momento?
6. Se Arcos de Valdevez tivesse necessidade de identificar um evento ou um produto turístico âncora, que tipo de evento ou produto sugeria? Se fosse um evento em que época do ano sugeria que acontecesse?
7. Quais são os municípios que concorrem com Arcos de Valdevez, a nível nacional e a nível regional?

8. Qual é a sua opinião sobre a forma como é feita a gestão do turismo no município?
9. Como avalia a estratégia promocional em vigor para a captação de novos turistas para o município?
10. Qual tem sido o papel dos residentes no desenvolvimento do turismo? Têm revelado ser dinâmicos e empreendedores, criando o seu próprio negócio? A autarquia tem auscultado os residentes relativamente à definição da estratégia de turismo para o município? O que há ainda a fazer neste âmbito?
11. Que tipo de impactes sejam eles económicos, socioculturais ou ambientais (positivos e negativos) acredita que acontece ou pode vir a acontecer com o desenvolvimento do turismo no município?
12. Quais são as principais transformações (económicas, sociais, culturais) que, na sua opinião, considera prementes para a evolução do turismo nos próximos anos?
13. Qual é, na sua opinião, a imagem que Arcos de Valdevez transmite aos turistas? Que imagem é que gostaria que fosse passada?
14. Relativamente ao turismo em Arcos de Valdevez, existe algum aspeto em particular que o preocupe?
15. Há alguma questão que considera ser pertinente e que deve ser acrescentada? Se sim, Qual?

Carla Rouceiro

